GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU
EM ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA

HELOIZA MUDO CRISTANTE

O UNIVERSO SOCIOCULTURAL DOS ALUNOS HABITANTES DAS MORADIAS COMPACTAS DE BARRA DO BUGRES

BARRA DO BUGRES – MT

2026

HELOIZA MUDO CRISTANTE

O UNIVERSO SOCIOCULTURAL DOS ALUNOS HABITANTES DAS MORADIAS COMPACTAS DE BARRA DO BUGRES

Dissertação de mestrado do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ensino de Ciências e Matemática da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) – *Campus* de Barra do Bugres / MT.

Orientador: Prof. Dr. João Severino Filho

Linha de Pesquisa: Diversidade cultural e a práxis pedagógica no contexto do Ensino de Ciências e Matemática.

Barra do Bugres – MT

2026

HELOIZA MUDO CRISTANTE

O UNIVERSO SOCIOCULTURAL DOS ALUNOS HABITANTES DAS MORADIAS COMPACTAS DE BARRA DO BUGRES.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ensino de Ciências e Matemática – PPGECM - da Universidade do Estado de Mato Grosso CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO, *Câmpus* Univ. Dep. Est. "Renê Barbour" – Barra do Bugres - MT, como requisito obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Ensino de Ciências e Matemática.

Aprovado em: 15 de abril de 2026.

BANCA EXAMINADORA

gov.br Documento assinado digitalmente
JOAO SEVERINO FILHO
Data: 23/04/2026 11:30:23-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Prof. Dr. João Severino Filho (PPGECM/UNEMAT)
Orientador

gov.br Documento assinado digitalmente
CLAUDIA LANDIN NEGREIROS
Data: 15/04/2026 17:37:34-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Profª. Dra. Cláudia Landin Negreiros (PPGECM/UNEMAT)
Examinadora Interna

Prof. Dr. Carlos Edinei de Oliveira (PROFHISTÓRIA/UNEMAT)
Examinador Externo ao Programa

Ficha catalográfica elaborada pela Supervisão de Bibliotecas da UNEMATCatalogação de Publicação na Fonte.
UNEMAT - Unidade padrão

C933u Cristante, Heloiza Mudo.
O UNIVERSO SOCIOCULTURAL DOS ALUNOS HABITANTES DAS MORADIAS COMPACTAS DE BARRA DO BUGRES / Heloiza Mudo Cristante. - Cáceres, 2026.
123f.: il.

Universidade do Estado de Mato Grosso "Carlos Alberto Reyes Maldonado", Ensino de Ciências e Matemática/BBG-PPGECM - Barra do Bugres - Mestrado Academico, Campus Universitário De Barra Do Bugres "Deputado Renê Barbour".
Orientador: João Severino Filho.

1. Arquitetura Humanista. 2. Bricolagem. 3. Habitações Coletivas. 4. Convivências Universitárias. I. Filho, João Severino. II. Título.

UNEMAT / MTSCB CDU 72.01:111.852

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao caminho que me transformou e ao olhar que, no meio dessa travessia, aprendeu a enxergar com mais sensibilidade, a escutar com mais atenção e a compreender o mundo em sua riqueza e complexidade.

Ao meu marido dou o meu reconhecimento pela presença constante, pelo cuidado nos dias de aperto e pela leveza que partilhamos nos dias de esperança. Ao seu lado, essa jornada tornou-se possível e, sobretudo, mais bonita.

À minha família e aos meus amigos, que sustentaram meus passos de tantas formas e, nos momentos de dúvida, ajudaram-me a reconhecer a força que reside em minha essência.

A Deus, na forma como o sinto e acredito, força que guia, sustenta e ilumina os caminhos, mesmo quando o tempo se fecha e tudo parece incerto.

E, com um carinho cheio de coragem, dedico este esforço a mim mesma, por não ter desistido e por ter reconhecido, ao longo desse percurso, a capacidade de realizar aquilo que antes parecia distante, aprendendo, por fim, a abrir as asas e a confiar no meu próprio voo.

AGRADECIMENTOS

Aos professores do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ensino de Ciências e Matemática (PPGECM) e à Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), instituição que acolheu e tornou possível esta trajetória formativa, pela trajetória de aprendizagem construída ao longo deste percurso.

As experiências vividas no programa, marcadas por desafios, diálogos e aprendizagens, contribuíram significativamente para o meu desenvolvimento como educadora e pesquisadora, sendo essenciais para a construção desta pesquisa.

Aos estudantes que compartilharam suas experiências e modos de habitar, permitindo que esta pesquisa ganhasse vida: Otávio Henrique Santana Mendes, Hiayssa França Almeida, Isamara Alves Almeida, Luana Alves de Souza e Emilly Vitória Santos Meireles. Em cada relato, encontrei não apenas histórias, mas formas sensíveis de compreender a vida.

Aos proprietários de residenciais, José Carlos Guedes e Braz Laércio Pereira, pela disponibilidade e pelas contribuições compartilhadas para a escrita sobre as dinâmicas habitacionais no entorno da universidade.

Ao ex-coordenador do *campus* da UNEMAT de Barra do Bugres, Júlio César Geraldo, e ao servidor mais antigo em atividade no *campus*, Rivelino Fúlvio Linhares, cujas experiências e conhecimentos foram fundamentais para compreender a trajetória e as transformações desse espaço ao longo do tempo.

À minha família, que sustenta as raízes da minha história, pela presença constante, apoio e força que impulsionam meus passos mesmo nos dias mais incertos.

Ao amor da minha vida, Adenir Rodrigues, companheiro de caminhada e de sonhos, que esteve ao meu lado em cada etapa, oferecendo cuidado, escuta e liberdade. É em seus braços que encontro espaço para abrir as asas e confiar no voo, mesmo quando o horizonte se apresenta distante.

Ao Prof. Dr. João Severino Filho, meu orientador, agradeço pela dedicação, paciência e sabedoria ao longo deste percurso. Suas orientações deram forma a este trabalho e ampliaram meu olhar, conduzindo cada etapa com sensibilidade e firmeza.

Guardo, com profundo carinho, o encontro que o professor João semeou antes mesmo do início das aulas, quando nos reuniu e apresentou aquele que passou a caminhar comigo como

irmão de orientação, Fernando Dhermam Calixto Maria. Há presenças que chegam de forma serena, como se já conhecessem os caminhos da alma, e permanecem vivas na memória. Desde então, seguimos lado a lado, entre inquietações, conversas atravessadas pela esperança e risos que, pouco a pouco, iluminaram a escrita e tornaram os dias mais leves.

Reconhecer um irmão de orientação é encontrar alguém que sustenta o passo quando o cansaço ameaça desacelerar o caminho. Ao longo desse percurso, encontrei abrigo na escuta, na presença constante e em uma força tranquila que renovava a coragem nos dias difíceis. Entre páginas escritas e sonhos cultivados com persistência, essa irmandade transformou a jornada em companhia verdadeira, tornando cada desafio mais humano e menos solitário.

Aos membros da banca avaliadora, Prof. Dr. Carlos Edinei de Oliveira e Prof.ª Dra. Claudia Landim Negreiros, pelas valiosas contribuições durante a avaliação deste trabalho. Suas observações trouxeram novas perspectivas e enriqueceram a construção final desta dissertação.

O presente trabalho realizou-se com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

RESUMO

Esta dissertação nasce do desejo de compreender o universo sociocultural dos estudantes que habitam moradias compactas em Barra do Bugres – MT, nas proximidades da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). O estudo analisa de que maneira esses espaços influenciam a construção de significados, as formas de relação e as estratégias de permanência na vida universitária. A pesquisa apresenta uma contextualização histórica e urbana do município de Barra do Bugres, evidenciando as transformações ocorridas no território a partir da implantação da universidade e o surgimento de moradias destinadas ao público estudantil. Ao longo da dissertação, essa discussão se articula a uma reflexão sobre a formação em Arquitetura e Urbanismo, problematizando os desafios de projetar espaços capazes de dialogar com as experiências culturais e cotidianas de quem os habita. Inspirada nas reflexões de Gaston Bachelard, Martin Heidegger e Christian Norberg-Schulz, busco compreender uma leitura sensível do habitar. Esses autores ajudam a distinguir o *morar*, ligado à função e à materialidade, do *habitar*, entendido como experiência simbólica, afetiva e existencial. Essa abordagem permite à autora, que vem da área da Engenharia, mudar o foco da técnica para a interpretação do espaço com base na vivência e nas relações que se estabelecem nele. A pesquisa segue uma abordagem qualitativa, de inspiração etnográfica, com observação participante, entrevistas semiestruturadas e grupo focal realizados com estudantes residentes em diferentes tipos de moradias compactas. As narrativas, analisadas sob a perspectiva da análise de narrativas, revelam múltiplas dimensões do habitar universitário. Os resultados indicam que, apesar das limitações estruturais e dos desafios econômicos enfrentados, os estudantes desenvolvem estratégias de adaptação e reinvenção do espaço, constroem vínculos de solidariedade e estabelecem redes de apoio que fortalecem o sentimento de pertencimento. Nesse contexto, as moradias compactas deixam de ser apenas unidades de abrigo e passam a constituir territórios existenciais onde se constroem permanência acadêmica, identidade e experiência de vida. Conclui-se que compreender o habitar universitário exige reconhecer as dimensões humanas, simbólicas e socioculturais presentes nesses espaços, bem como a importância de políticas institucionais que favoreçam condições dignas de permanência estudantil e ampliem a escuta das experiências vividas pelos estudantes.

Palavras-chave: Arquitetura Humanista. Bricolagem. Habitações Coletivas. Convivências Universitárias.

ABSTRACT

This dissertation arises from the desire to understand the sociocultural universe of students who live in compact housing in Barra do Bugres – MT, near the State University of Mato Grosso (UNEMAT). The study analyzes how these spaces influence the construction of meanings, the ways of relating, and the conditions of remaining in university life. The research presents a historical and urban contextualization of the municipality of Barra do Bugres, highlighting the transformations that occurred in the territory following the establishment of the university and the emergence of housing aimed at the student population. Throughout the dissertation, this discussion is also connected to a reflection on education in Architecture and Urbanism, questioning the challenges of designing spaces capable of dialoguing with the cultural and everyday experiences of those who inhabit them. Inspired by the reflections of Gaston Bachelard, Martin Heidegger, and Christian Norberg-Schulz, I seek to develop a sensitive interpretation of dwelling. These authors help distinguish living, linked to function and materiality, from dwelling, understood as a symbolic, affective, and existential experience. This approach allows the author, whose background is in Engineering, to shift the focus from technique to the interpretation of space based on lived experience and the relationships established within it. The research follows a qualitative approach, with ethnographic inspiration, including participant observation, semi-structured interviews, and a focus group conducted with students living in distinct types of compact housing. The narratives, analyzed from the perspective of narrative analysis, reveal multiple dimensions of university dwelling. The results indicate that, despite structural limitations and the economic challenges faced, students develop strategies to adapt and reinvent space, build bonds of solidarity, and establish support networks that strengthen the sense of belonging. In this context, compact housing ceases to function merely as shelter and becomes an existential territory where academic permanence, identity, and life experience are constructed. It is concluded that understanding university dwelling requires recognizing the human, symbolic, and sociocultural dimensions present in these spaces, as well as the importance of institutional policies that promote dignified conditions for student permanence and expand the recognition of students lived experiences.

Keywords: Humanist Architecture. Bricolage. Collective Housing. University Coexistence.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Complexo megalítico de *Moray* 22
Figura 2 - Fachada do residencial Natasha. 39
Figura 3 - Participantes do grupo focal. 41
Figura 4 - Localização do município de Barra do Bugres no estado de Mato Grosso. 43
Figura 5 - Poaia "*Carapichea ipecacuanha*" em floração. 45
Figura 6 - Encontro dos rios Bugres e Paraguai, origem do nome da cidade. 46
Figura 7 - Vista do *Campus* Universitário de Barra do Bugres. 49
Figura 8 - Evolução do IDEB em Barra do Bugres: Anos Iniciais do Ensino Fundamental. 55
Figura 9 - Evolução do IDEB em Barra do Bugres: Anos Finais do Ensino Fundamental. 55
Figura 10 - Mapa de distribuição espacial das moradias estudantis no entorno da UNEMAT, Barra do Bugres/MT. 59
Figura 11 - Fachadas adaptadas a partir de residência unifamiliar, no entorno da UNEMAT . 60
Figura 12 - Configuração espacial de antiga residência unifamiliar convertida em três moradias compactas. 60
Figura 13 - Fachadas Residencial Tabajara. 62
Figura 14 - Parte interna do Residencial Tabajara. 62
Figura 15 - Moradia compacta mobiliada do Residencial Tabajara. 63
Figura 16 - Planta baixa da unidade habitacional do Residencial Tabajara 64
Figura 17 - Fachadas da Pensão Universitária. 65
Figura 18 - Fachadas do residencial Keyze. 66
Figura 19 - Edificações geminadas residencial Keyze. 67
Figura 20 - Planta baixa esquemática de modelo de moradias geminadas 67
Figura 21 - Projeção tridimensional de um residencial vertical (sobrado) no entorno da UNEMAT. 68
Figura 22 - Planta baixa das unidades: Pavimento Térreo e Primeiro Andar. 69
Figura 23 - Terreno baldio ao lado de um residencial. 78
Figura 24 - Lavanderia moradia compacta da Hiayssa 87
Figura 25 - Parede com infiltração no quarto de Otávio. 88
Figura 26 - Théo e José Alfredo, companheiros de Hiayssa no residencial. 90
Figura 27 - Presentes e itens comprados em grupos universitários. 95

Figura 28 - Armários personalizados por Otávio. 96
Figura 29 - Quadros produzidos ao longo das atividades do curso de Arquitetura. 97
Figura 30 - Medalhas do Projeto de Extensão Cheerleading.....98

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Cursos das Licenciaturas Plenas Parceladas e número de formandos.....52
Quadro 2 – Cursos de graduação ofertados pela UNEMAT em Barra do Bugres e total de graduados. 56
Quadro 3 – Programas de pós-graduação vinculados ao *campus* de Barra do Bugres e total de graduados. 56
Quadro 4 – Cursos de graduação ofertados pela Faculdade Indígena Intercultural - UNEMAT *Campus* de Barra do Bugres.....57

SUMÁRIO

1. DO UNIVERSO TÉCNICO À SENSIBILIDADE DO HABITAR 14
2. O VOO DA LAGARTA: DO RIGOR DA FÓRMULA À POESIA DO HABITAR 21
3. A CASA E O MUNDO 27
4. O PESQUISAR: ENTRE CAMINHOS, ENCONTROS E ESCUTAS 35
4.1. Processos de Análise das Narrativas: da Lente ao Sentido 35
4.2. O Caminho da Pesquisa: da Observação ao Diálogo 37
4.3. Quando as Vozes se Encontram: O Grupo Focal como Cena de Partilha 38
5. O TERRITÓRIO E A HISTÓRIA: BARRA DO BUGRES COMO PALCO DA TRANSFORMAÇÃO 43
5.1. A UNEMAT e a Nova Morada do Saber 47
5.2. A Consolidação e o Legado da Universidade 52
5.3. Formação Universitária e Impactos Educacionais no Território 54
6. QUANDO A EDUCAÇÃO FAZ MORADA 58
6.1. O Ato de Habitar: Experiência Inicial no Novo Ambiente 70
6.2. O Primeiro Passo: A Busca por um Lugar no Mundo Universitário 74
6.3. O Mundo que Encontrei 77
7. PELOS OLHOS DE QUEM MORA: DESAFIOS, EXPERIÊNCIAS E VÍNCULOS NAS MORADIAS COMPACTAS 84
7.1. Os Desafios da Infraestrutura Compacta 84
7.2. A Dupla Jornada: Viver e Estudar no Mesmo Espaço 89
7.3. O Cotidiano em Tensão: Superando as Adversidades do Morar 91
7.4. Tecendo a Rede: A Construção de Vínculos e o Sentimento de Pertencimento 93
7.5. Apoio e Continuidade: O Papel dos Auxílios na Permanência Universitária 99
7.6. Estágios Remunerados: Entre Renda e Formação 100
7.7. Auxílio Evento e Ampliação da Experiência Universitária 101
7.8. Bolsas Acadêmicas e Inserção na Vida Universitária 101
7.9. Políticas de Fomento à Pesquisa e Permanência Acadêmica 102

8. DO PROJETO À PRÁXIS: A ARQUITETURA HUMANISTA NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL 104

8.1. Entre a Intenção Formativa e a Experiência do Território 104

8.2. A Transversalidade do Habitar na Formação Arquitetônica 107

8.3. Entre a Forma e o Imaginário do Habitar: Quando a Arquitetura Deixa de Escutar ... 110

9. O HORIZONTE DO VOO: CONSIDERAÇÕES FINAIS E NOVOS CAMINHOS 114

REFERÊNCIAS 119

SEÇÃO 1

1. DO UNIVERSO TÉCNICO À SENSIBILIDADE DO HABITAR

Toda jornada acadêmica guarda em si um gesto de travessia. Há sempre um deslocamento que nos desafia a ver o mundo por outros ângulos, a escutar o que antes passava despercebido. Esta dissertação nasce desse movimento interno, nutrida pela passagem do universo preciso da Engenharia para a delicadeza interpretativa que acompanha os estudos voltados às experiências humanas. Nesse encontro entre rigor e sensibilidade, surgiu o desejo de compreender o cotidiano dos estudantes que vivem nas moradias compactas próximas à Universidade do Estado de Mato Grosso, no *campus* de Barra do Bugres.

A interiorização do ensino superior abriu novas possibilidades, deslocou trajetórias e trouxe para a cidade jovens oriundos de diferentes regiões. Cada chegada carrega expectativas, incertezas e o desejo de reconstruir caminhos por meio da formação universitária. Permanecer, diante dessa realidade, exige mais do que acesso: envolve a construção de um lugar onde a vida possa se organizar, ainda que em espaços reduzidos. Em Barra do Bugres, esse movimento ganha forma nas moradias compactas, que acolhem histórias, condensam ritmos intensos e revelam modos singulares de habitar.

Historicamente, o município de Barra do Bugres, situado no sudoeste mato-grossense, construiu sua identidade urbana em estreita relação com as atividades agroindustriais e extrativistas, que, durante décadas, orientaram sua dinâmica econômica e social. Com a chegada e a consolidação da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), esse território passou a abrigar uma nova dimensão em sua vida urbana. A presença de um *campus* universitário em uma cidade de pequeno porte amplia horizontes, diversifica atividades e introduz novas formas de circulação de pessoas, saberes e experiências no cotidiano local.

A universidade passa a atuar como um importante eixo de dinamização da cidade. Estudantes provenientes de diferentes municípios de Mato Grosso e de outras regiões chegam em busca de formação acadêmica, trazendo consigo trajetórias, expectativas e modos diversos de viver o espaço urbano. Esse movimento amplia a vitalidade do comércio, estimula serviços e fortalece vínculos culturais e educacionais que passam a integrar a rotina da cidade.

Gradualmente, delineia-se uma espécie de “cidade universitária” no interior da cidade já existente. A presença contínua de estudantes amplia a demanda por moradia e estimula novas formas de organização do espaço residencial no entorno da universidade. Casas passam a acolher novos moradores, áreas antes pouco ocupadas ganham construções e o lote urbano tradicional começa a se adaptar a essa nova realidade.

Ao longo do tempo, essas transformações estimularam o surgimento de diferentes soluções habitacionais voltadas ao público universitário. Inicialmente, muitas residências passaram a abrigar estudantes em ambientes adaptados. Posteriormente, surgiram residenciais planejados, conjuntos de moradias geminadas e sobrados, projetados especialmente para atender às necessidades de quem chega à cidade para estudar. Essas construções revelam uma nova dinâmica urbana, na qual a proximidade com o *campus* universitário passa a orientar escolhas de moradia e formas de ocupação do território.

Desse modo, a universidade contribui para ampliar as oportunidades educacionais da região e para impulsionar novas formas de viver e habitar a cidade. O que se observa é um território em transformação, no qual educação, cidade e cotidiano passam a se entrelaçar, configurando novas experiências urbanas e novas possibilidades de permanência para aqueles que chegam em busca de conhecimento.

A escolha das palavras que nomeiam esses espaços revela muito do olhar lançado sobre eles. Inspirada nas reflexões de Bourdieu (2008), reconheço que a linguagem tem força para legitimar realidades, criar imagens e orientar percepções. Ao longo da pesquisa, optei por abandonar o termo quitinete e adotar “moradias compactas”.

A palavra quitinete costuma carregar sentidos de precariedade e improviso e, muitas vezes coloca o morador em uma posição de transitoriedade indesejada. A expressão moradias compactas aproxima esses espaços de um horizonte mais digno, sem negar seu tamanho reduzido, mas reconhecendo a vida que ali se constrói.

Essa escolha dialoga com o entendimento de que morar ultrapassa a dimensão física. Bachelard (1993) lembra que a casa é território de imaginação, memórias e cuidado. A expressão moradia compacta preserva essa compreensão: indica brevidade espacial, mas sem empobrecer o que ela sustenta. Sugere densidade de uso, intenção, tentativa de organização, e não abandono.

A mudança de nome acompanha a visão de Lefebvre (1991), que entende o espaço como algo produzido nas relações, nos gestos e nas práticas do dia a dia. Mesmo pequenas, essas

moradias se enchem de sentidos, acolhem amizades, saudades, estratégias de permanência e invenções. Montaner (2001) afirma que o desafio da habitação contemporânea não está no tamanho, mas na capacidade de favorecer qualidade de vida. Zevi (1996) ecoa essa ideia ao lembrar que o valor de um espaço se revela pela intensidade de vida que ele abriga.

A relevância desta pesquisa se destaca em diferentes camadas. No âmbito social, ela ilumina uma realidade que raramente ocupa o centro dos debates acadêmicos e institucionais: as condições concretas de moradia que sustentam a permanência de estudantes no ensino superior. Observar as moradias e reconhecer sua influência no percurso universitário significa deslocar o olhar para dimensões que frequentemente permanecem invisíveis nas discussões sobre políticas educacionais.

Escutar os estudantes e trazer suas narrativas para o campo acadêmico implica humanizar uma discussão que, muitas vezes, se restringe a números, tabelas e editais. Habitar envolve experiência, memória e vínculo, dimensões que tendem a desaparecer quando as políticas públicas se orientam por indicadores administrativos ou econômicos.

No campo acadêmico, esta investigação se insere no Ensino de Ciências e Matemática ao dialogar com a perspectiva da Etnomatemática, reconhecendo os saberes cotidianos que surgem na organização dos espaços mínimos e nas estratégias de convivência entre os moradores. Ao mesmo tempo, estabelece uma interlocução com a Arquitetura e Urbanismo, sobretudo ao problematizar o distanciamento que, por vezes, se estabelece entre o projeto construído e a vida que se constrói em seu interior. Essa articulação teórica contribui para compreender que o morar não se limita à função de abrigo, mas constitui uma prática cultural que envolve gestos, ritmos, adaptações e modos de existir.

Diante desse cenário, surge o questionamento central que orienta esta dissertação: de que modo os estudantes que residem nas moradias compactas situadas no entorno da Universidade do Estado de Mato Grosso, no *campus* de Barra do Bugres, experienciam, interpretam e narram o ato de habitar e como essas vivências influenciam seus processos de adaptação, pertencimento e permanência na universidade?

A partir dessa questão, delineou-se como objetivo geral compreender de que maneira os estudantes que vivem nessas moradias compactas produzem sentidos sobre o habitar e constroem estratégias de permanência universitária em meio às condições materiais e afetivas que caracterizam esses espaços.

Para trilhar esse caminho reflexivo, a dissertação dialoga com autores que ajudam a compreender o habitar para além de sua dimensão material. Heidegger (2001) oferece um ponto de partida importante ao afirmar que habitar não se resume ao ato de ocupar um espaço construído, mas corresponde a uma maneira de existir no mundo. Habitar, nesse sentido, significa estabelecer vínculos com o lugar, reconhecer nele uma possibilidade de permanência e construir relações que dão sentido à experiência de viver.

Em diálogo com essa perspectiva, Bachelard (1993) amplia o horizonte ao tratar a casa como território de intimidade, memória e imaginação. Para o autor, os espaços habitados guardam lembranças, afetos e gestos cotidianos que lentamente se depositam nas paredes e nos cantos da casa. Assim, mais do que abrigo físico, a moradia torna-se um espaço onde a vida encontra formas de se organizar e de se reconhecer.

Norberg-Schulz (1981), por sua vez, acrescenta novas dimensões a essa reflexão ao discutir a noção de lugar. Para ele, o sentimento de pertencimento surge quando o espaço deixa de ser apenas cenário e passa a carregar identidade e significado para aqueles que o habitam. O lugar, portanto, não é apenas um ponto no mapa, mas um campo de experiências em que se conectam memória, cultura e vida cotidiana.

Em diálogo com essas perspectivas, a Etnomatemática de D'Ambrosio (2014) permite reconhecer os saberes que se manifestam nas práticas cotidianas. Ao observar como os estudantes organizam seus espaços, compartilham recursos e inventam soluções para lidar com as limitações do ambiente, torna-se possível perceber que o habitar envolve formas de conhecimento que se constroem na experiência diária.

Sob essa compreensão, as moradias compactas de Barra do Bugres abrigam uma intensa vida social. A proximidade entre os moradores favorece a construção de redes de apoio e convivência que muitas vezes ultrapassam a própria experiência universitária. Entre refeições divididas, estudos compartilhados, conversas no corredor e momentos de celebração, forma-se uma pequena comunidade onde o pertencimento se constrói no cotidiano. Assim, o que inicialmente se apresentava como limitação espacial passa a revelar gestos de cuidado, solidariedade e criação de vínculos que sustentam a permanência desses estudantes na universidade.

A perspectiva adotada compreende que os processos de aprendizagem não acontecem apenas na sala de aula. Conforme argumentam Severino-Filho e Silva (2022), aprender envolve

experiências que se constroem nos percursos da vida, nos encontros, nas práticas culturais e nas formas pelas quais os sujeitos se relacionam com o mundo que habitam.

Sob esse olhar, os espaços de moradia podem ser compreendidos como ambientes de formação, onde os estudantes reorganizam suas rotinas, compartilham conhecimentos, constroem estratégias de convivência e desenvolvem modos próprios de lidar com os desafios da vida universitária. Observar o cotidiano das moradias permite reconhecer que o habitar participa desse processo formativo, revelando saberes que se constroem nas práticas simples da vida social.

A partir dessas reflexões, a dissertação organiza-se em seções que, articuladas entre si, buscam compreender o fenômeno das moradias compactas sob múltiplas dimensões: a relação com o território, a experiência subjetiva do habitar e as implicações na formação profissional em arquitetura. Cada seção representa uma etapa desta travessia, conduzindo o leitor desde o percurso pessoal que originou a pesquisa até as reflexões finais que se desdobram no diálogo sensível entre a teoria, a materialidade do território e a densidade da experiência vivida.

A Seção 2, intitulada “O Voo da Lagarta: do Rigor da Fórmula à Poesia do Habitar”, apresenta o ponto de partida desta jornada. Nessa seção, compartilhoas inquietações que me deslocaram de um universo marcado pela precisão técnica para um campo onde a vida se revela em sua densidade humana. Trata-se do momento em que o olhar da engenharia começa a dialogar com a sensibilidade etnográfica.

Na sequência, a Seção 3, “A Casa e o Mundo”, dialoga com as contribuições de Bachelard, Heidegger, Tuan e Geertz, cujas reflexões oferecem chaves interpretativas para compreender o habitar em sua dimensão simbólica, cultural e existencial. A Seção 4, “O Pesquisar: Entre Caminhos, Encontros e Escutas”, apresenta o percurso metodológico da dissertação, destacando as escolhas que orientaram o trabalho de campo e a interpretação das narrativas à luz da análise narrativa, inspirada nos princípios da etnografia interpretativa.

A Seção 5, intitulada “O Território e a História: Barra do Bugres como Palco da Transformação”, aproxima o leitor da história da cidade e da chegada da universidade, compreendendo Barra do Bugres como um território em transformação. Nesse cenário, a instalação da UNEMAT passa a dialogar com trajetórias individuais e coletivas, influenciando a dinâmica urbana e os modos de habitar daqueles que chegam à cidade. A universidade amplia os fluxos de pessoas, reconfigura o cotidiano local e introduz novas formas de relação com o

espaço urbano. Gradualmente, essas transformações criam as condições que, mais adiante, favorecerão o surgimento das moradias voltadas ao público estudantil.

A Seção 6, intitulada “Quando a Educação Faz Morada”, volta o olhar para onde a vida universitária se materializa. Nela descrevo como a presença contínua de estudantes no entorno da UNEMAT passou a estimular diferentes soluções habitacionais, que incluem adaptações espontâneas em casas já existentes até edificações planejadas voltadas ao público acadêmico. Na sequência, a Seção 7, “Pelos Olhos de Quem Mora”, aproxima o leitor das experiências vividas pelos estudantes que habitam esses espaços.

A Seção 8, intitulada “Do Projeto à Práxis: A Arquitetura Humanista na Formação Profissional”, apresenta uma reflexão sobre os caminhos formativos da arquitetura à luz das experiências observadas durante a pesquisa. A partir da análise do Projeto Pedagógico do Curso de Arquitetura e Urbanismo da UNEMAT e do diálogo com a realidade das moradias compactas observadas e narradas pelos estudantes ao longo da investigação, a seção discute a importância de uma formação que articule domínio técnico, sensibilidade social e leitura crítica do contexto urbano.

Por fim, a Seção 9, intitulada “O Horizonte do Voo: Considerações Finais e Novos Caminhos”, reúne as reflexões finais desta jornada investigativa e aponta possibilidades para futuras investigações. Nessa etapa, revisito as experiências e narrativas que atravessaram o estudo, construindo uma síntese sobre a capacidade de transformar o espaço em lugar de afeto e a moradia compacta em um mundo vivido, repleto de significados, vínculos e resistências.

Com essa estrutura, convido o leitor a acompanhar cada etapa dessa travessia. Afinal, habitar é sempre esse delicado movimento de abrir asas no mundo.

"Eu prefiro ser essa metamorfose ambulante, do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo."

— Raul Seixas

SEÇÃO 2

2. O VOO DA LAGARTA: DO RIGOR DA FÓRMULA À POESIA DO HABITAR

"Toda viagem é etnográfica" (Severino-Filho e Silva, 2022, p. 3). Concordando com a afirmação dos autores, todo viajante se torna etnógrafo. E carrega em si o olhar curioso, o desejo de entender o lugar e, por consequência, de se compreender.

No Peru, diante dos terraços circulares do sítio arqueológico inca de *Moray*, senti que algo em mim despertava. Aquele conjunto de formas circulares, escavadas na paisagem andina, produzia um efeito hipnótico. O guia relatava que o local havia funcionado como um centro de experimentação agrícola, um verdadeiro laboratório a céu aberto, onde o pensamento se misturava à paisagem criando uma espécie de diálogo entre a Matemática, a Arquitetura e a vida. Ali compreendi que o conhecimento não se limita a fórmulas: ele floresce onde a imaginação se permite respirar.

Segundo Earls (1998), nesse território andino, situado a aproximadamente 3.380 metros de altitude, a cerca de 50 km da cidade de Cusco, evidencia-se um sistema de terraços agrícolas circulares e verticais concebido para fins de experimentação agrícola. Trata-se de uma forma singular de produção do conhecimento, construída na experiência coletiva e na observação atenta da natureza.

Os terraços circulares eram verdadeiros laboratórios ancestrais, possibilitando a observação das variações microclimáticas. As diferenças de temperatura entre os níveis superior e inferior do complexo podiam alcançar até 15 °C, sendo utilizadas para simular climas de distintas altitudes, conforme descreve Earls (1998), bem como para o controle da umidade e da incidência solar. Cada nível configurava-se como um espaço de aprendizagem prática, no qual medir, comparar, observar e experimentar constituíam gestos inseparáveis do viver. Ali, aprender não se restringia à acumulação de informações, mas envolvia um diálogo contínuo com o mundo.

O complexo megalítico de *Moray* Figura 1 revela a aplicação viva da matemática inca, usada para resolver questões de engenharia, agricultura e gestão. Ali, cada curva, degrau e proporção manifesta um saber refinado sobre geometria e medição, articulando técnica e sensibilidade numa linguagem impregnada de cultura e significados. Diante daquela paisagem,

a mente se inquietava: como uma civilização havia alcançado tamanha precisão e harmonia? Que intuições haviam guiado essas formas circulares que respiram junto à montanha?

Figura 1 - Complexo megalítico de *Moray*



Fonte: Adenir Rodrigues (2023)

A cada novo sítio arqueológico visitado, o encantamento crescia. As pedras, os cortes e os alinhamentos narravam uma sabedoria ancestral, uma matemática feita de gestos e percepções, onde a razão e a beleza caminhavam lado a lado. Ao retornar, busquei compreender melhor o que havia presenciado e encontrei um vídeo em que Ubiratan D'Ambrosio falava sobre a Etnomatemática. Suas palavras provocaram um abalo no modo como visualizava a matemática, tudo o que antes parecia "errado" ou "impreciso" revelava-se, na verdade, uma outra maneira de ver e compreender o mundo, uma expressão universal do impulso humano de compreender, explicar e transformar a realidade.

Lembrei-me dos tempos do ensino fundamental e essas memórias vieram à tona trazendo o hábito de fazer contas rápidas com os dedos, algo que até hoje ainda me pego fazendo, um gesto simples, instintivo, que tantas vezes despertava risos ou olhares de reprovação. Ao ouvir o professor Ubiratan, tudo aquilo ganhou novo sentido. Para ele, a matemática é uma expressão humana, um modo de explicar e compreender o mundo e que cada cultura constrói seus próprios caminhos de pensamento e representação. Suas palavras me atravessaram, despertando sentidos que eu ainda não sei nomear.

Ao retornar a Barra do Bugres, inscrevi-me inicialmente no Programa de Pós-Graduação em Ciência e Engenharia de Materiais. Contudo, com o fim do período pandêmico, as aulas

voltaram a ser presenciais, e a matrícula exigia comparecimento físico, algo que, naquele momento, eu não podia realizar. Vivi aquele episódio como um pequeno luto, a sensação de uma porta se fechando. Mas, logo adiante, outra oportunidade começava a se desenhar, a abertura de vagas para alunos especiais na disciplina de Educação Etnomatemática: Diversidade Cultural e Práticas Pedagógicas, do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ensino de Ciências e Matemática (PPGECM) da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT).

A partir do encontro com a Etnomatemática, comecei a compreender que o conhecimento se constitui no interior das culturas, dos territórios e das necessidades humanas. Conforme nos ensina Ubiratan D'Ambrosio (2005), os saberes emergem das tentativas que os grupos desenvolvem para explicar, organizar e conviver com o mundo que habitam, mobilizando gestos de comparação, medição, contagem, classificação e interpretação, sempre atravessados pelo contexto histórico, social e ambiental. A matemática, nessa perspectiva, é reconhecida como uma criação humana situada, profundamente vinculada aos modos de viver, trabalhar, narrar e sobreviver.

Essa compreensão encontrou eco na experiência vivida diante dos terraços de *Moray*. Ali, a matemática se deixava perceber na própria organização do espaço, nas relações estabelecidas com a terra e nas formas coletivas de conduzir a vida cotidiana. Aquilo que antes parecia distante e abstrato revelava-se, naquele cenário, ligado à prática, à observação e ao fazer compartilhado.

O universo daquela disciplina me convidava a repensar o que até então eu entendia por conhecimento, deslocando meu olhar sobre o saber. Ainda assim, as marcas da formação em Engenharia permaneciam, moldando o modo de pensar e de estar no mundo.

Sempre tive uma imaginação fértil. Percebo hoje que esse impulso criativo era constantemente contido, disciplinado, podado para ser encaixado em um modelo técnico e racional. O curso se assemelhava a uma linha de produção: o aluno chegava e era moldado até se ajustar a um formato predeterminado. Tudo girava em torno da precisão, da eficiência, do controle. Pouco importava o que cada um trazia de sensível e singular: os afetos, as dúvidas, os modos próprios de compreender a realidade.

Agora, sinto que estou sendo retirada dessa caixa onde permaneci por tanto tempo. As amarras que me prendem são profundas, e libertar-me delas não é um processo simples. É preciso cuidado, paciência e escuta. Cada parte do meu ser precisa ser desdobrada, reconhecida, para então poder respirar novamente. E, mesmo diante do medo da liberdade, esse medo que

faz os músculos se retraírem, como quem teme dar o primeiro passo fora do conhecido, sigo, pouco a pouco, me permitindo existir de outro modo.

Durante muito tempo, vivi imersa em um ritmo que me lembrava o filme “Tempos Modernos”, de Charles Chaplin. Assim como o personagem preso às engrenagens da fábrica, eu me via girando entre fórmulas, cálculos e estruturas, tentando acompanhar o movimento mecânico de um sistema que não parecia ter pausas. Tudo precisava ser exato, funcional e mensurável. Aprendi a dimensionar elementos, prever esforços, calcular forças e construir moradias; mas não aprendi a enxergar o humano que nelas habitaria, não compreendia o que significava habitar de fato. O rigor técnico dominava tudo, e a vida que deveria preencher os espaços era quase invisível, como se fosse apenas um detalhe entre colunas e vigas.

Chaplin, em sua comédia, mostrava com ironia a desumanização que nasce quando a técnica se sobrepõe à vida. Os estudantes chegavam carregando sonhos e saíam moldados em série, precisos, competentes, mas esvaziados de sensibilidade, uma educação voltada para o controle, para o desempenho e para o resultado, onde o erro era visto como fracasso e a dúvida como fraqueza.

A engenharia civil ensinara-me a levantar estruturas, obedientes à medida e ao cálculo; a Etnomatemática ensinava-me a enxergar as vidas que, abrigadas entre paredes e vazios, respiram o tempo, se reconhecem e permanecem.

Ao ingressar na disciplina de Etnomatemática, uma nova compreensão começava a se revelar lentamente. Aquelas aulas não pediam precisão, mas presença. Não exigiam respostas prontas, e sim perguntas que abriam caminhos e despertavam novos modos de ver e compreender o mundo.

A cada encontro, percebia que ensinar não significa transferir conhecimento, mas criar condições para que o aluno o construa ativamente, reconhecendo e valorizando o saber que já carrega consigo. O ambiente se distanciava do som metálico das engrenagens das aulas de Engenharia, havia ali o ritmo da conversa, da escuta e da partilha. O universo daquela disciplina me convidava a repensar tudo o que eu acreditava saber.

Ainda assim, as amarras do tecnicismo permaneciam. Eram antigas, profundas, quase fundidas à carne. Libertar-me delas está sendo um processo lento e doloroso, semelhante ao ato de arrancar raízes de uma árvore do cerrado que há muito tempo se fundiram com meus ossos e carne. Sinto medo da liberdade, medo de sair da caixa onde permaneci por tanto tempo. O

espaço aberto parece grande demais, e depois de anos confinada em estruturas rígidas, percebi que a liberdade pode assustar.

A Etnomatemática me ensinou que pensar também é escutar, que projetar significa acolher e que toda criação nasce de um gesto humano. Naquele espaço, eu aprendia a pensar matematicamente, reconhecendo o mundo por outra perspectiva, aquele que buscava o humano por trás dos números.

No encerramento da disciplina, veio à memória um ditado antigo: “pau é pau, pedra é pedra.” Pela primeira vez, duvidei dele. A Etnomatemática havia me ensinado que o mundo não se resume a formas rígidas ou certezas imutáveis. Tudo se move e se transforma, e é nesse fluxo que habitam os gestos, os contextos e os olhares que dão sentido à existência.

Sentia-me uma borboleta recém-liberta do casulo, com as asas ainda frágeis, tateando o ar pela primeira vez. O caminho até ali fora lento, dolorido. Vivia em um tempo em que era apenas uma lagarta, acostumada ao chão estável da razão. Mas algo em mim havia se transformado, e o espaço que antes me abrigava agora me sufocava.

Ao final da disciplina, fomos convidados a nos inscrever no mestrado. Lembro-me de ter ficado paralisada diante dessa possibilidade. Eu, formada em Engenharia, agora pensava em seguir um caminho na área do ensino e isso, de certo modo, rompia todas as fronteiras que eu mesma havia construído.

Naquele momento, não consegui responder, ainda estava tentando entender quem eu era depois de tantas transformações. Havia abandonado a rigidez da engenharia, mas ainda buscava o contorno do que estava me tornando. Fiz o teste seletivo para o mestrado e passei. Entrei na décima turma, a melhor de todos os tempos. Que sorte a minha.

Naquele novo espaço, percebi que cada encontro era uma continuação do voo que havia começado na disciplina de Etnomatemática. Entre risos, leituras e partilhas, fui descobrindo que aprender também é um modo de habitar, habitar o conhecimento, o outro e a si mesma. A borboleta ainda tem medo do vento, é verdade, mas agora já entende que o voo faz parte da vida e que, às vezes, o mais belo é justamente o instante em que tiramos os pés do chão.

A transição da Engenharia para a Etnomatemática representou uma verdadeira metamorfose ambulante, um processo de desconstrução e redescoberta que me levou a questionar as certezas e a abraçar a fluidez do conhecimento. Raul Seixas sintetiza esse impulso vital ao afirmar: “Eu prefiro ser essa metamorfose ambulante do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo” (SEIXAS, 1973).

Essa música atravessou meu percurso formativo e abriu frestas por onde entraram novas perguntas, outras leituras e maneiras mais amplas de compreender o mundo. Aos poucos, começo a perceber que aprender não se resume a acumular respostas, mas envolve caminhar entre dúvidas, encontros e experiências que nos transformam.

O voo da lagarta está em curso: a borboleta ensaia seus primeiros movimentos, tateando o ar com delicadeza, descobrindo que o mundo é mais vasto do que o chão que antes conhecia. Nesse processo, o conhecimento deixa de ser conteúdo e se transforma em experiência vivida, abrindo espaço para um olhar mais sensível, capaz de perceber que aprender é, antes de tudo, um modo de se reinventar no mundo.

SEÇÃO 3

3. A CASA E O MUNDO

A presente dissertação se constrói sobre um referencial multidisciplinar que abrange as áreas da antropologia cultural, dos estudos urbanos e habitacionais e das teorias sobre o espaço e a construção de significados sociais. O ponto de partida é o entendimento de que habitar não se refere apenas ao ato de ocupar um espaço físico, mas a um processo contínuo de adaptação, pertencimento e construção de sentidos no ambiente vivido.

A partir dessa perspectiva, o estudo aborda o universo sociocultural dos estudantes residentes em moradias compactas de Barra do Bugres-MT, buscando compreender como suas práticas cotidianas e suas interações com os espaços habitacionais refletem e constroem identidades culturais e sociais.

No âmbito dos estudos habitacionais, o termo “moradia compacta” refere-se à tendência de otimização espacial e adensamento urbano, impulsionada pela busca por eficiência no uso do solo nas cidades contemporâneas.

Segundo Yamauchi (2024), essas habitações priorizam a multifuncionalidade e a integração dos ambientes internos, possibilitando o atendimento das necessidades básicas em metragens reduzidas. Tais unidades, que frequentemente incluem dormitório, cozinha conjugada e banheiro, são voltadas predominantemente para jovens adultos, estudantes e famílias de menor renda. Embora não exista um limite máximo universalmente aceito na literatura, o mercado imobiliário geralmente utiliza a faixa entre 15 m² e 50 m² para classificar habitações compactas.

A qualidade de vida nessas habitações, de acordo com Barth et al. (2017), está intrinsecamente ligada à capacidade do projeto de garantir funcionalidade, conforto e bem-estar, apesar da área reduzida. Isso exige soluções arquitetônicas que maximizem o aproveitamento dos espaços destinados à circulação e permanência. Morais (2017) acrescenta que edifícios multifamiliares geram dinâmicas sociais mais complexas do que moradias isoladas e que a disposição em blocos ou construção vertical permite a redução da área privativa, sem comprometer a habitabilidade.

O conceito de habitar constitui um dos eixos estruturantes desta dissertação. Inspirada nas formulações de Heidegger (2001) e Bachelard (1993), a noção de habitar é entendida como

uma experiência que envolve mais do que a simples permanência em um espaço físico. Para Heidegger (2001), habitar é “estar no mundo” de modo singular, estabelecendo vínculos significativos com o ambiente e construindo, nesse diálogo, sentidos de abrigo e vínculo.

Tal entendimento é ampliado pela perspectiva de Severino-Filho (2015), para quem o processo é recíproco, ao mesmo tempo em que o indivíduo constrói e dá significado ao espaço, ele é moldado, ou “habitado”, por esse mesmo ambiente. Essa dualidade dinâmica, o ato de habitar e de ser habitado, torna-se crucial para analisar as tensões e os vínculos formados pelos estudantes nas moradias compactas.

Sob essa compreensão, a casa funciona como o ponto de ancoragem desse modo particular de “estar no mundo”. Bachelard aprofunda essa visão ao afirmar que a casa não se limita à função de abrigo; ela se configura como um território de memórias, sonhos e afetos, um “topos” onde o indivíduo projeta e organiza suas vivências. Assim, habitar torna-se um gesto existencial, moldado por sentidos, lembranças e formas de presença no mundo.

No livro A Poética do Espaço, Gaston Bachelard afirma que “a casa é nosso canto do mundo, [...] nosso primeiro universo” (BACHELARD, 1993, p. 24). Esse pensamento ressalta a dimensão íntima e simbólica do lar. É nele que se acumulam afetos, lembranças e gestos que dão forma à existência. Para o autor, um espaço só se converte em lugar quando é vivido intensamente, quando a experiência, impregnada de emoção e memória, deixa marcas profundas e lhe confere identidade. Assim, a transformação de um espaço em lugar depende da intensidade da experiência e da carga simbólica que nele se inscreve.

Nesse horizonte, a teoria do habitar emerge como chave de leitura, iluminando as formas pelas quais os estudantes transformam as moradias compactas em ambientes carregados de significados pessoais e culturais. Esse movimento se manifesta em gestos simples do cotidiano, ao reorganizar móveis, decorar as paredes, ajustar o espaço às próprias necessidades e se estende às relações com outros moradores e com a comunidade do entorno. Por meio dessas práticas, os estudantes convertem ambientes reduzidos em lugares vivos, densos de sentido e memória.

No plano normativo, a habitabilidade é definida por parâmetros de desempenho que garantem segurança, salubridade, conforto térmico e acústico, acessibilidade e funcionalidade. A Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT, 2021), por meio da NBR 15575, sistematiza essas exigências e introduz critérios antropodinâmicos voltados à ergonomia e ao bem-estar do usuário.

Contudo, para esta dissertação, a análise da moradia não se limita ao plano normativo e técnico. Para alcançar sua dimensão vivida e simbólica, o estudo recorre a princípios etnográficos que orientam o olhar para o cotidiano, para as práticas culturais e para os sentidos que os estudantes atribuem aos espaços que habitam.

A aproximação aqui desenvolvida se inspira na antropologia interpretativa de Geertz (2008), para quem a cultura se constitui como um emaranhado vivo de significados tecidos nas práticas diárias. Em suas palavras, os seres humanos estão sempre imersos em "teias de significados" que eles próprios produzem, e é precisamente nelas que o pesquisador deve aprender a se mover.

Assim, a tarefa da pesquisa consiste em interpretar significados, oferecer uma "descrição densa" capaz de revelar sentidos presentes em gestos ordinários, falas simples, decisões cotidianas e arranjos materiais mínimos. O cotidiano, para Geertz, é sempre simbólico, cada prática, por mais trivial que pareça, participa de uma lógica cultural amplificada e carrega sentidos subjetivos e coletivos.

Essa perspectiva orienta a compreensão de que a cultura deve ser tratada como um "texto", sistema simbólico que os indivíduos escrevem e reescrevem diariamente, por meio de suas ações, escolhas, memórias e modos de estar no mundo. Interpretar a cultura é, portanto, aprender a ler esse texto, decifrar símbolos, captar nuances, reconhecer tensões, entender omissões e identificar os sentidos que emergem das narrativas dos estudantes. Ler o que dizem, mas também ler o que fazem, o que silenciam, o que repetem, o que improvisam e o que criam para tornar o espaço habitável.

Essa perspectiva se mostra especialmente relevante para compreender como os estudantes, ao habitarem as moradias compactas, produzem um universo cultural próprio, estruturado por lógicas específicas, estratégias de sobrevivência, formas de solidariedade, códigos de convivência, maneiras singulares de lidar com o espaço reduzido, práticas de intimidade e partilha.

A pesquisa se propõe a ler os textos culturais que os estudantes constroem ao narrar suas histórias e ao organizar seus espaços, textos que se expressam na fala, nos objetos, nos corpos, nos gestos, nos arranjos domésticos e nos modos de circular pelo entorno.

A partir dessa perspectiva, a moradia compacta se torna um microambiente cultural, resultado de trajetórias, valores pessoais, expectativas acadêmicas, estratégias de adaptação e condições socioeconômicas. Longe de se restringir a uma unidade física de pequena metragem,

a moradia compacta torna-se palco de práticas culturais densas; ali se articulam afetos, tensões, rotinas, improvisos e invenções que revelam como cada estudante transforma o espaço mínimo em lugar vivido.

Os estudantes constituem, assim, um grupo cultural situado em um coletivo que partilha desafios semelhantes e produz soluções singulares, um grupo cujas práticas de ocupação do espaço exigem atenção às narrativas, às materialidades, às micropráticas e às formas de organizar a experiência. Cada relato funciona como chave interpretativa, cada gesto doméstico oferece pistas e cada improviso espacial expressa uma narrativa silenciosa que revela modos específicos de produzir vínculos e construir mundo.

Ao compreender a moradia compacta enquanto microambiente cultural ligado por práticas, objetos, afetos e significados, torna-se imprescindível avançar para uma abordagem capaz de revelar de que maneira esses sentidos são produzidos, organizados e comunicados pelos próprios estudantes. Nesse ponto, a análise de narrativa emerge como eixo metodológico e epistemológico desta dissertação.

Se a perspectiva de Clifford Geertz (2008) orienta o olhar para a cultura entendida em sua textualidade, a análise narrativa permite ler esse texto em sua materialidade discursiva e simbólica, apreendendo a forma pela qual os estudantes constroem mundos e constroem a si mesmos ao narrar suas experiências de habitar. A narrativa, nesse sentido, deixa de ser mero conjunto de relatos e se torna via privilegiada para acessar a lógica interna dessas teias de significados que orientam a vida estudantil.

Nesta pesquisa, a análise narrativa assume papel central porque possibilita compreender tanto o que os estudantes relatam sobre suas moradias quanto a maneira pela qual constroem sentidos sobre o ato de habitar. A narrativa organiza a experiência, confere coerência ao vivido e posiciona cada estudante em relação à própria trajetória, dos outros e do espaço que ocupa. Ao acompanhar essas histórias, torna-se possível perceber a ligação de escolhas, gestos, memórias e afetos na criação de modos singulares de viver nas moradias compactas.

Bastos e Biar (2015) afirmam que a narrativa constitui uma prática discursivo-interacional por meio da qual os indivíduos elaboram sentidos culturalmente situados, respondem a expectativas sociais e se posicionam no mundo. Ao narrar, o estudante seleciona fragmentos, enfatiza determinados acontecimentos, atenua outros e reorganiza episódios. Nesse movimento, revela modos de se apresentar e de se compreender dentro do cenário universitário e urbano que atravessa sua experiência.

Essa perspectiva dialoga com Ricoeur (1994), que entende o enredo como operador cognitivo e ético capaz de tecer temporalidades, reorganizar rupturas, dar forma ao que parecia disperso e tornar narrável a complexidade do viver. Nos contextos de mudança de cidade, restrição espacial, conflitos de convivência ou descobertas de autonomia, o enredo torna-se ferramenta para significar o deslocamento, elaborar desafios e conferir sentido às invenções cotidianas que transformam um ambiente mínimo em espaço vivido.

A dimensão performativa do discurso aparece com clareza nessas falas. Quando o estudante diz “me virei do jeito que deu” ou “aqui virou meu cantinho”, ele não está apenas relatando algo que aconteceu. Ao falar, mostra como encontrou soluções, afirma sua capacidade de adaptação e marca seu lugar dentro da moradia. Esses enunciados funcionam simultaneamente como marcas identitárias e gestos de pertencimento, revelando formas de resistência que se inscrevem no cotidiano das moradias compactas.

Squire (2014) amplia esse horizonte ao mostrar que as narrativas se expressam para além da fala e se expressam em gestos, objetos, escolhas estéticas, fotografias, rotinas e modos de organizar o espaço. Dessa forma, a maneira de dispor os móveis, a criação de um ambiente de estudo ou os pequenos improvisos do dia a dia tornam-se “micronarrativas materiais”, que revelam identidades em movimento e processos sutis de construção de lugar.

No campo, essa dimensão da narrativa material tornou-se visível durante as entrevistas e visitas às moradias. Ao entrar em alguns quartos, chamava atenção a presença recorrente de fotografias da família dispostas sobre a mesa de estudo, posicionadas de modo a acompanhar o olhar durante as atividades acadêmicas e a oferecer apoio emocional nos momentos em que a permanência no curso se mostrava mais desafiadora.

Observava-se ainda o uso de aromatizadores de ambiente, escolhidos para evocar experiências domésticas anteriores e produzir uma atmosfera sensorial específica. Ao perfumar o espaço, o quarto era ressignificado como lugar de acolhimento e familiaridade. Esses pequenos arranjos, apreendidos pela observação em campo, evidenciam como os estudantes produzem sentidos de pertencimento em espaços reduzidos, transformando-os em lugares vividos, onde o estudo, a vida acadêmica e a experiência da ausência passam a coexistir.

A análise narrativa evidencia tensões, ambiguidades e zonas de instabilidade. Em vez de buscar coerência e linearidade, essa abordagem valoriza hesitações, contradições e silêncios. O riso que disfarça desconfortos, a pausa ao mencionar conflitos de convivência, a insistência

na palavra “aperto” ou a escolha de não detalhar determinado episódio transformam-se em pistas interpretativas que iluminam camadas subjetivas profundas da experiência habitacional.

Trata-se, portanto, de um método que não se limita a reconstruir eventos, mas busca compreender a produção de sentido, como o estudante interpreta o vivido, negocia significados com interlocutores e consigo mesmo e elabora explicações sobre a própria realidade. A narrativa é reconhecida, assim, como prática cultural, processo de construção identitária e modo de inventar mundos possíveis no interior e no entorno das moradias compactas.

Ao mobilizar narrativas faladas, escritas, corporais e espaciais, a pesquisa acessa dimensões sensíveis da experiência estudantil, medos e entusiasmos diante da mudança, arranjos improvisados para superar limitações materiais, redes de apoio que se formam na vizinhança, tensões de convivência no espaço reduzido e gestos cotidianos que convertem um ambiente mínimo em território de afeto, estudo e sobrevivência.

Dessa forma, a análise narrativa constitui caminho potente para compreender processos de pertencimento e produção de sentido no contexto das moradias compactas, revelando nuances do habitar que permaneceriam invisíveis em abordagens exclusivamente técnicas, sociológicas ou fenomenológicas.

Em meio a esse deslocamento e reconstrução de rotinas, o processo de habitar deixa de ser um simples ajuste espacial e passa a constituir uma reorganização existencial. A moradia compacta torna-se o primeiro território em que o estudante precisa negociar autonomia, solidão, escolhas financeiras e a invenção de um cotidiano próprio. Assim, o espaço físico se converte em laboratório de aprendizagens práticas e afetivas, onde se experimentam práticas ligadas à administração do tempo até a criação de novos hábitos de cuidado de si.

Esse processo de enraizamento assume ritmos distintos. Há estudantes que rapidamente atribuem sentido ao novo ambiente, convertendo o quarto reduzido em espaço de estudo, descanso, lazer e intimidade. Outros atravessam longos períodos de estranhamento, durante os quais o ambiente permanece neutro ou provisório, marcado por uma sensação persistente de transitoriedade.

A distinção formulada por Yi-Fu Tuan (1977) ajuda a compreender esses percursos: um espaço torna-se lugar quando passa a carregar significados e valores atribuídos por quem o ocupa. Essa passagem se dá pela experiência vivida, que inscreve marcas subjetivas e culturais no ambiente. Sob essa perspectiva, o estudo busca compreender de que modo os estudantes

convertem as moradias compactas em “lugares” carregados de sentido, apropriando-se do ambiente e ajustando-o às próprias necessidades, expectativas e práticas cotidianas.

O entorno desempenha um papel decisivo na experiência universitária. A vida acadêmica não se restringe às paredes da moradia; ela se prolonga nos trajetos, nos rostos conhecidos e nas pequenas cenas que se repetem dia após dia. A proximidade com colegas, professores, vizinhos e moradores da cidade favorece a construção de relações que fortalecem vínculos afetivos e formas de identificação com o lugar. Dessa tessitura cotidiana emerge uma geografia afetiva capaz de ultrapassar os limites arquitetônicos da casa e ampliar o campo de experiência do estudante.

No cotidiano, essa geografia se revela em detalhes quase imperceptíveis. O corredor do bloco onde conversas rápidas se abrem no fim da tarde; a lanchonete onde um chopp compartilhado vira ponto de encontro e aproxima garçons e estudantes; o atendente do mercadinho que reconhece o rosto e sorri após dias de ausência; a academia onde circulam conselhos improvisados e diálogos curtos; os acenos recebidos durante uma caminhada pelas ruas. Cada uma dessas cenas compõe um circuito vivo de significados. É nele que o estudante descobre modos de estar na cidade, cria vínculos e reinscreve sua própria presença no lugar que escolheu habitar.

Lefebvre (1991) destaca que o espaço é sempre produzido socialmente. Nessa perspectiva, as moradias compactas deixam de ser entendidas apenas por suas dimensões físicas e passam a integrar uma rede de relações urbanas, afetivas e institucionais que define tanto suas possibilidades quanto seus limites. Quando se observa o espaço vivido, revelam-se tensões próprias do cotidiano compartilhado, os ruídos que atravessam paredes finas, conflitos de convivência, negociações sobre o uso de áreas comuns e estratégias que cada estudante cria para proteger sua rotina, sua privacidade e, sobretudo, sua estabilidade emocional.

Ao longo desse processo, a casa se transforma em espelho de mudanças internas. A distância da família convoca novos arranjos afetivos; a gestão financeira impõe escolhas que marcam hábitos; a vida acadêmica traz expectativas, descobertas e pressões que redesenham o modo de estar no mundo. Freire (1994) lembra que ninguém se forma isoladamente: somos produzidos nas relações que estabelecemos com o outro e com o ambiente que habitamos.

As narrativas dos estudantes revelam justamente isso: habitar é reorganizar-se continuamente diante de desafios, frustrações e conquistas, num processo educativo que se estende para além do conteúdo formal da universidade.

Mattos e Ferreira (2022) evidenciam que essa adaptação envolve, simultaneamente, a luta pela permanência e a construção de estratégias de pertencimento. Mesmo com limitações espaciais, a moradia compacta torna-se palco de redes de apoio, vínculos forjados na urgência, trocas materiais e afetivas que fortalecem a permanência estudantil. Nesse entrecruzamento de experiências, o espaço transforma-se em lugar, e o lugar converte-se em território simbólico capaz de sustentar trajetórias, escolhas e modos de existir.

Compreender o habitar nessas condições implica reconhecer que esse processo é, ao mesmo tempo, espacial, cultural, emocional e político. Ao narrar suas vivências, o estudante revela o encontro entre carências materiais e invenções cotidianas, entre fragilidades e potências, entre aquilo que falta e aquilo que se cria. É nesse gesto de significar a própria experiência que o espaço mínimo se expande e, no âmbito da vida universitária, se converte em um território político de resistência e permanência.

SEÇÃO 4

4. O PESQUISAR: ENTRE CAMINHOS, ENCONTROS E ESCUTAS

A metáfora da “câmera do meu olhar”, inspirada em Severino-Filho (2015), orientou a aproximação ao campo e o modo de acompanhar as experiências dos estudantes. A cada ajuste de foco, surgiam nuances do cotidiano que passariam despercebidas em uma observação apressada, e essa postura guiou o registro atento das cenas vividas: a organização possível nos espaços mínimos, os percursos pelo entorno da universidade, as conversas que nascem entre vizinhos e os gestos que atravessam cada relato. Esse exercício de atenção reuniu impressões e imagens que sustentam a análise desenvolvida ao longo da pesquisa.

A investigação se apoia na análise narrativa, que reconhece falas, descrições e relatos como formas de produzir sentido. A presença no campo assumiu o caráter de aproximação situada: caminhadas pelo bairro, visitas às moradias e encontros pontuais com estudantes e proprietários abriram caminhos para observar, escutar e dialogar. Esses movimentos dialogam com princípios da etnografia interpretativa, embora não constituam imersão contínua. A análise narrativa permanece, portanto, como eixo metodológico, guiando a leitura das experiências compartilhadas e dos significados atribuídos ao ato de habitar.

Ao operar na função de “câmera”, o olhar metodológico buscou captar movimentos, ambiências e expressões que emergem nas interações cotidianas. Cada entrevista, cada caminhada e cada visita constituíram enquadramentos singulares da realidade estudada. Isso permitiu construir um retrato denso e sensível das moradias compactas e das experiências universitárias. As narrativas, analisadas com base na perspectiva de Squire (2014) e em diálogo com a noção de “texto cultural” de Geertz (2008), tornam-se o material principal para compreender a produção de sentido, a criação do lugar e os modos de pertencimento que atravessam o viver estudantil.

4.1. PROCESSOS DE ANÁLISE DAS NARRATIVAS: DA LENTE AO SENTIDO

A análise do material reunido ao longo da pesquisa seguiu um movimento semelhante ao processo de revelar fotografias: as cenas capturadas no campo só ganham forma, sutilezas e profundidade no acolhimento do laboratório. O percurso analítico começou com a organização

do conteúdo: gravações, anotações, registros das caminhadas, fotografias e documentos institucionais, transcritos e reunidos em um arquivo vivo, revisitado diversas vezes. Cada transcrição funcionava como um primeiro enquadramento, uma porta de entrada para aquilo que, mais adiante, se mostrara uma rede complexa de sentidos.

Iniciei com uma leitura das narrativas, um mergulho demorado que permitiu que as vozes se apresentassem antes de qualquer tentativa de classificação. Essa etapa serviu de ajuste fino da lente, aproximava, afastava, retornava, captando detalhes discretos, pausas, risos, hesitações, expressões que se revelaram significativas. Aos poucos, as falas começaram a formar paisagens internas, indicando possibilidades de interpretação.

A partir desses primeiros contatos, avancei para a codificação narrativa, inspirada nas perspectivas de Squire (2014) e Bastos e Biar (2015), que entendem o narrar como prática situada, marcada por escolhas, posicionamentos e modos de construir sentido sobre si e sobre o mundo. Em vez de encaixar os relatos em categorias rígidas, busquei acompanhar seus enredos e condições de produção.

Episódios marcantes, tensões recorrentes, reorganizações do espaço, gestos solidários e deslocamentos compõem elementos que moldam a experiência de habitar. Cada narrativa se abria feito uma cena ampliada, exigindo atenção a seu próprio ritmo e às camadas que surgiam no encontro entre narrador, contexto e pesquisadora.

Nesse percurso, a metáfora da “câmera do meu olhar”, de Severino-Filho (2015), voltou a oferecer direção. A mesma lente que acompanhou o campo guiou a etapa analítica, revisitando as imagens capturadas, as caminhadas, os diálogos e os gestos quase imperceptíveis permitiram que, no processo de revelação interpretativa, novos detalhes surgissem. A cada retorno ao material, algo antes invisível se destacava, a pausa prolongada ao mencionar a família distante e o orgulho tranquilo ao dizer “aqui virou meu cantinho”.

A etapa interpretativa buscou aproximar essas narrativas do conjunto teórico da pesquisa. A noção de habitar, de Heidegger e Bachelard, iluminou a dimensão simbólica da casa; Tuan ajudou a compreender o deslocamento entre espaço e lugar; Freire contribuiu para entender a dimensão formativa das experiências; Lefebvre trouxe a percepção do espaço produzido socialmente. A teoria ofereceu caminhos para ler as narrativas, enquanto as narrativas revelaram sutilezas que desafiam formulações abstratas.

O rigor metodológico sustentou-se em práticas qualitativas amplamente reconhecidas, triangulação entre entrevistas, grupo focal, observações e documentos; retornos constantes ao

material bruto, confronto entre relatos sobre uma mesma situação e análise da coerência interna de cada narrativa. O propósito não foi encontrar uma verdade única, mas compreender a lógica de cada experiência em sua singularidade e no conjunto.

Ao final, o processo analítico assumiu sua dimensão ética e criativa. Interpretar as narrativas significou acolher cada voz e reconhecer que gestos, escolhas de palavras e silêncios também falam. Assim como uma fotografia revela mais do que parece mostrar, as narrativas dos estudantes revelaram camadas que excedem a materialidade das moradias compactas. Trouxeram à superfície universos de afetos, memórias, negociações e invenções que compõem, em movimento contínuo, a trama do habitar.

4.2. O CAMINHO DA PESQUISA: DA OBSERVAÇÃO AO DIÁLOGO

A pesquisa nasceu do movimento, dos passos dados nas ruas próximas à universidade, do olhar que se detém nas fachadas, das vozes que ecoam nas varandas. As caminhadas pelo entorno da UNEMAT, realizadas em diferentes dias e horários, tornaram-se uma ferramenta essencial de observação e registro. Cada trajeto permitia captar o ritmo do bairro, o fluxo dos estudantes e as pequenas transformações do espaço urbano. Esse exercício de presença configurou-se como um observatório móvel, revelando as moradias compactas e a vida que pulsa em seu redor.

Para compreender o universo sociocultural dos alunos habitantes, tornou-se necessário aproximar-se de suas experiências, ouvir suas histórias e observar os gestos que revelam o cotidiano em sua essência mais simples e verdadeira. As reflexões que seguem emergem desse encontro com estudantes e proprietários de residenciais que, de diferentes maneiras, entrelaçam suas trajetórias à história da universidade e à vida que pulsa em seu entorno.

Participaram dessa escrita Nicolas Rodrigues Sherring (Engenharia de Alimentos), Emilly Vitória Santos Meireles (Engenharia de Produção Agroindustrial), Isamara Alves Almeida (Matemática), Hiayssa França Almeida, Otávio Henrique Santana Mendes e Luana Alves de Souza (Arquitetura e Urbanismo), e Gilberto Firmino dos Santos Junior (mestrando em Ensino de Ciências e Matemática).

Contribuíram igualmente colaboradores institucionais e proprietários, Rivelino Fúlvio Linhares (servidor mais antigo em atividade no *campus*, presente desde 1996), Júlio César Geraldo (ex-diretor pedagógico), José Carlos Guedes e Bráz Laércio Pereira, moradores da região e proprietários de residenciais.

As entrevistas individuais foram conduzidas de modo flexível, respeitando o ritmo e a disponibilidade de cada participante. No caso dos proprietários, as conversas aconteceram em diferentes momentos e espaços, algumas no próprio residencial, outras em suas casas ou locais de trabalho, ambientes que, por si só, revelavam modos de viver e de se relacionar com o lugar. Já as entrevistas com os estudantes ocorreram tanto nas moradias onde vivem atualmente quanto na universidade, espaços que se tornaram extensão de suas trajetórias pessoais e acadêmicas.

Cada encontro trazia uma atmosfera própria. Alguns participantes falavam com naturalidade, deixando as lembranças fluírem, outros, mais reservados, pareciam medir as palavras, tentando se acostumar com o gesto de narrar a própria história. Mesmo buscando acolher e criar um ambiente de confiança, percebi que, em certas situações, o silêncio se alongava, e as respostas se limitavam a “sim” ou “não”. Havia uma timidez no ar, talvez pela ausência de convivência prévia entre pesquisador e entrevistado, o que tornava a conversa contida, quase enrijecida.

Essa constatação levou-me a repensar o caminho metodológico. Com o tempo, compreendi que, para que as vozes emergissem com mais liberdade, seria necessário criar um espaço de diálogo coletivo, onde as experiências se entrelaçassem e um relato despertasse o outro. Assim, optei por realizar a técnica de entrevista por grupo focal, um formato que favorece o compartilhamento espontâneo, o surgimento de memórias compartilhadas entre os moradores e a expressão de sentimentos que, individualmente, talvez permanecessem guardados.

4.3. QUANDO AS VOZES SE ENCONTRAM: O GRUPO FOCAL COMO CENA DE PARTILHA

O grupo focal representou uma etapa de aprofundamento nas entrevistas, permitindo que os participantes expressassem livremente suas percepções, sentimentos e experiências relacionadas à vida nas moradias compactas. A natureza dialógica desse encontro criou um ambiente de escuta e partilha, onde as falas se entrelaçaram e novas compreensões emergiram de forma coletiva. Essa abertura para o diálogo ampliou os horizontes da pesquisa, revelando nuances que as entrevistas individuais não haviam alcançado e possibilitando uma leitura mais densa das relações entre o espaço habitado, a trajetória acadêmica e o cotidiano estudantil.

De acordo com Gatti (2005) e Minayo (2009), cada encontro em um grupo focal constitui uma unidade significativa de análise, contribuindo de maneira dinâmica para a

construção dos dados da pesquisa. A estratégia mostrou-se particularmente valiosa para acompanhar os participantes em seus próprios contextos de ação, permitindo perceber as sutilezas das relações e das trocas estabelecidas no grupo.

Para a realização do encontro, redigi um convite com data, horário e local, explicando a natureza da pesquisa e a relevância de compreender, a partir das experiências vividas, o universo das moradias compactas e suas relações com o cotidiano acadêmico. O grupo focal agendado para as 16:00 do dia 06 de setembro de 2025, em um horário que favorecia a presença de todos e coincidia com o período em que o clima em Barra do Bugres se tornava mais ameno, aliviando o calor intenso que costuma marcar os dias na cidade.

O encontro aconteceu no Residencial Natasha (Figura 2), localizado na Rua Josefina de Macedo, nº 209, na moradia compacta de número 04, onde vive o estudante Otávio Henrique Santana Mendes. O conjunto habitacional conta com dez unidades, que variam entre um, dois e três quartos. Além de Otávio, participaram Hiayssa França Almeida, Isamara Alves Almeida, Luana Alves de Souza e Emilly Vitória Santos Meireles. O grupo era representativo da diversidade do *campus*, sendo os estudantes oriundos de diferentes municípios mato-grossenses, como Tangará da Serra, Nova Olímpia, Diamantino, Juína e Apiacás.

Figura 2 - Fachada do residencial Natasha.



Fonte: Arquivo pessoal da Autora (2026).

Aos poucos, os participantes foram chegando. Enquanto se acomodavam, pequenas ações espontâneas começaram a revelar a natureza das relações que ali se estabeleciam. O empréstimo de uma xícara, o gesto de abrir a porta, o cuidado com o espaço. Eu me sentia um

pouco apreensiva, afinal, éramos muitos em uma moradia projetada para apenas uma pessoa, temi que não houvesse copos suficientes. Por precaução, levei alguns descartáveis.

Antes mesmo do início das gravações, no entanto, presenciei uma cena que se tornou um símbolo do espírito daquela tarde. Hiayssa chegou com duas xícaras nas mãos. Ao ouvir meu comentário sobre a falta de copos, ela respondeu com uma naturalidade que desarmou minha preocupação. “Se o Otávio tem duas xícaras e eu tenho mais duas, já temos quatro. Aqui tudo é dividido. Se alguém não está em casa, os amigos sabem onde fica a chave e podem pegar o que precisarem.”

Aquele gesto simples de partilha revelou o espírito de companheirismo presente no residencial, sustentado por relações de ajuda mútua e confiança. A naturalidade com que dividem objetos e responsabilidades traduz uma forma de convivência em que o cuidado se torna prática cotidiana. Esse clima de abertura e solidariedade estabeleceu, desde o início, o tom do grupo focal. Na sequência, a preparação dos alimentos transformou-se em um gesto de integração entre pesquisadora e participantes. Otávio nos serviu café, enquanto organizei o bolo, os pães de queijo e o refrigerante sobre a mesa. O espaço se tornou leve, propício ao diálogo, convidando cada um a partilhar suas histórias com tranquilidade e presença.

À medida que o ambiente se acomodava, uma sensação de confiança mútua se instaurou, dissolvendo pouco a pouco a formalidade da situação. Nesse clima acolhedor, dei início ao encontro, apresentando o propósito da pesquisa e ressaltando a importância da participação de cada um. Expliquei que não havia respostas certas ou erradas, e que o objetivo era abrir um espaço de escuta e partilha, onde as experiências individuais e coletivas pudessem emergir com naturalidade. Solicitei autorização para a gravação e utilizei a função de ditado do Word, registrando os risos e pausas que davam ritmo e sentido à conversa.

Nos organizamos em formato de semicírculo, distribuídos entre cadeiras e sofá. Nesse cenário, passamos a dialogar sobre temas centrais da pesquisa, partilhando percepções, expectativas e desafios vividos nas moradias compactas. À medida que o grupo focal avançava, os estudantes começaram a narrar suas trajetórias até a universidade e as primeiras experiências de moradia em Barra do Bugres. Tornou-se evidente a diferença entre a abordagem individual e o diálogo em grupo: ali, eles se sentiam mais à vontade, as falas se encadeavam com naturalidade, um comentário despertava o outro. Em certos momentos, desviavam do tema, mas logo retornavam, retomando o fio da conversa.

Entre uma xícara de café e um pedaço de bolo, as interações se multiplicavam, revelando cumplicidades, afetos e memórias. Por vezes, precisei respirar e lembrar-me do meu papel de pesquisadora, pois o diálogo fluía com tamanha espontaneidade que a fronteira entre escuta e partilha se diluía. A experiência coletiva conferiu à pesquisa uma densidade inesperada, permitindo entrever as relações sutis entre espaço, afeto e pertencimento.

Duas das participantes, Luana e Emilly, receberam durante o encontro convites por mensagens nas redes digitais para realizar diárias de trabalho. Pouco antes do encerramento da entrevista, pediram licença, explicando que precisavam aproveitar aquela oportunidade para ajudar a custear a estadia na cidade. A cena revelou, de forma delicada, a realidade de muitos estudantes que conciliam os estudos com atividades que garantem sua permanência em Barra do Bugres.

Após o término das gravações, continuamos conversando por mais algum tempo. O diálogo seguia tão leve e acolhedor que, por um instante, esqueci-me do papel de pesquisadora. Somente ao final lembrei-me de registrar aquele momento em uma fotografia. Na imagem, apresentada na Figura 3, não aparecem Luana e Emilly, que haviam precisado se retirar, mas surge Eduardo, namorado de Hiayssa, que acabara de chegar do trabalho e se somou naturalmente à roda de conversa.

A imagem abaixo registra esse instante de descontração e convivência, um retrato simples e verdadeiro da atmosfera que marcou o grupo focal.

Figura 3 - Participantes do grupo focal.



Fonte: Arquivo pessoal do Autor (2026).

O percurso metodológico desta pesquisa nasce do compromisso de preservar a autenticidade das vozes que integram o campo e de sustentar os princípios éticos que orientam uma prática científica sensível e partilhada. As informações foram produzidas a partir das gravações em áudio dos encontros, realizadas apenas após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), conforme a Resolução CNS nº 510/2016, que regulamenta pesquisas nas áreas de Ciências Humanas e Sociais.

Pesquisa submetida à apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa e aprovada sob o Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) nº 86466025.9.0000.5166, com parecer consubstanciado nº 7.420.054. Esse cuidado assegurou a proteção dos participantes e fortaleceu o vínculo de confiança que tornou possíveis as trocas vividas em campo.

A passagem da oralidade para a escrita contou com o apoio de tecnologias digitais, que contribuíram para tornar o processo mais ágil e preciso. Ferramentas de inteligência artificial generativa, entre elas *TurboScribe, NotebookLM, ChatGPT* e *Gemini*, auxiliaram na transcrição integral dos áudios, transformando as falas em texto com leveza e clareza. Todas as transcrições receberam atenta revisão e validação humana, garantindo fidelidade às vozes e gestos presentes nas narrativas.

A análise desenvolveu-se sob uma perspectiva hermenêutica e descritiva, buscando compreender os sentidos que nascem das histórias e dos rituais cotidianos. Esse movimento interpretativo ultrapassou o espaço do gabinete e se estendeu ao diálogo com os próprios interlocutores, em momentos de devolutiva que reafirmaram o caráter coletivo e ético da pesquisa. Essa escuta compartilhada permitiu afinar as leituras e preservar a essência das experiências que compõem o campo estudado.

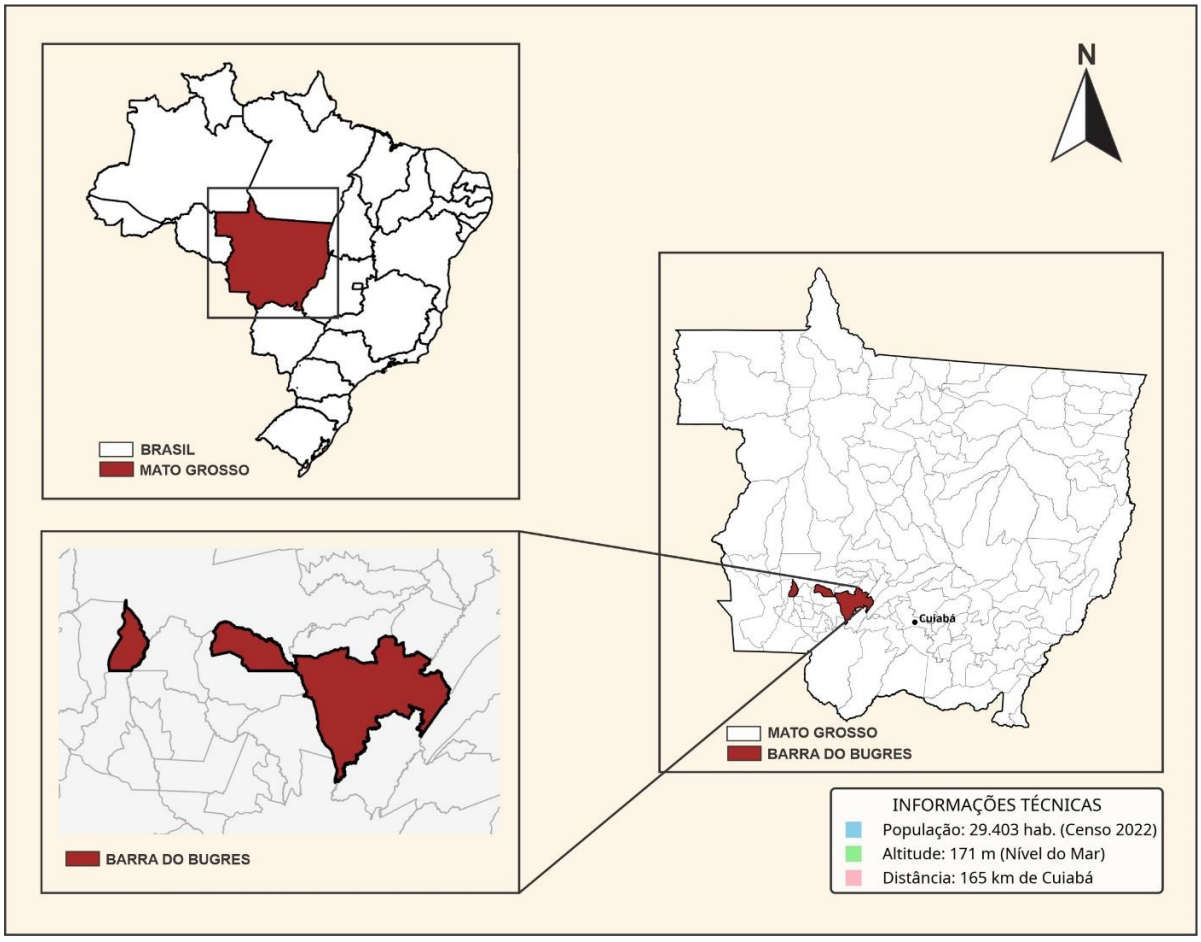
A imersão em campo foi favorecida pela proximidade geográfica e pela convivência cotidiana com o ambiente pesquisado, o que possibilitou uma escuta constante, atenta aos detalhes e às sutilezas do viver. Todo o percurso seguiu as diretrizes éticas da pesquisa, incluindo a aprovação do Comitê de Ética e o consentimento livre e esclarecido de cada participante, consolidando as entrevistas como uma construção tecida no respeito, na confiança e na partilha.

SEÇÃO 5

5. O TERRITÓRIO E A HISTÓRIA: BARRA DO BUGRES COMO PALCO DA TRANSFORMAÇÃO

Compreender a chegada da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) em Barra do Bugres exige, inicialmente, uma atenção cuidadosa ao território que a acolhe. Localizada a cerca de 167 quilômetros da capital, Cuiabá, e a aproximadamente 171 metros de altitude em relação ao nível do mar, a cidade integra a microrregião de Tangará da Serra. O município ocupa uma área de 7.186,78 km² e abriga uma população estimada em 29.403 habitantes (IBGE, 2022). Situa-se em uma zona de transição ecológica entre o Cerrado e a Floresta Amazônica, condição que pode ser observada na Figura 4.

Figura 4 - Localização do município de Barra do Bugres no estado de Mato Grosso.



Fonte: Elaborado pela autora (2026).

Antes de conquistar sua emancipação política, Barra do Bugres era um distrito pertencente ao município de Cáceres. Sua criação oficial ocorreu em 31 de dezembro de 1943, por meio do Decreto-Lei nº 545, que definiu o desmembramento de áreas dos municípios de Cáceres, Diamantino e Rosário Oeste (PREFEITURA MUNICIPAL DE BARRA DO BUGRES, 2025).

Atualmente, a área territorial do município faz divisa com Diamantino, Nortelândia, Santo Afonso, Tangará da Serra, Nova Olímpia, Cáceres, Porto Estrela, Denise e Campo Novo do Parecis, além de Lambari d'Oeste, Rio Branco, Salto do Céu, Reserva do Cabaçal, Araputanga, Jauru, Vale de São Domingos e Pontes e Lacerda, delineando uma vasta área de abrangência regional (IBGE, 2022).

Uma curiosidade que se revela ao observar o mapa municipal é a presença de um território descontínuo, isto é, uma pequena porção de terra pertencente administrativamente a Barra do Bugres, mas que se encontra separada fisicamente do corpo principal do município, conforme evidenciado nas bases cartográficas do IBGE (2022). Na geografia política, esse tipo de configuração territorial é conhecido como "enclave ou território descontínuo", resultado de processos históricos de demarcação, reorganização administrativa ou ajustes de limites municipais.

A presença desse fragmento territorial evidencia que os limites municipais resultam de processos históricos e administrativos. O próprio desenho do mapa revela marcas das decisões institucionais que, ao longo do tempo, organizaram o território regional. Nesse sentido, Corrêa (2005), afirma que a geografia política compreende o espaço como uma construção social mediada pela ação do Estado, responsável pela definição e gestão das fronteiras territoriais.

Segundo Oliveira (2002), o povoamento tem origem por volta de 1878, quando famílias oriundas de Cuiabá se estabeleceram às margens dos rios Bugres e Paraguai, atraídas pelas possibilidades de trabalho e riqueza natural da região. Conforme apontam Silva e Santos (1998), as primeiras atividades econômicas concentraram-se na exploração extrativista, com destaque para a retirada de madeira nobre, como cedro e mogno, além da borracha nativa e de minerais preciosos.

Dentre os recursos explorados, destaca-se a poaia (*Carapichea ipecacuanha*), ilustrada na Figura 5 em sua fase de floração. Sua raiz possui reconhecido valor medicinal, em razão da presença de alcaloides, entre eles a emetina, conforme descreve Lopes (2005). Historicamente, a planta é utilizada por suas propriedades eméticas, no tratamento de infecções amebianas e no auxílio a problemas respiratórios, incluindo bronquites e tosses persistentes, conforme registros

do Brasil (1977). A exploração intensa, entretanto, provocou a redução significativa de sua ocorrência nos ambientes naturais, evidenciando que a ausência de manejo adequado, associada à busca contínua por ganhos imediatos, contribuiu de forma decisiva para o declínio desse recurso na região.

Figura 5 - Poaia "*Carapichea ipecacuanha*" em floração.



Fonte: Patrícia Campos da Silva (2016).

Naquele período, a poaia sustentava parcela significativa da economia local, sendo utilizada, inclusive, como moeda de troca na obtenção de mantimentos. conforme aponta Oliveira (2002), além de seu valor comercial, a planta era considerada um indicativo de solo fértil e de terras produtivas.

Para além da riqueza vegetal que sustentou a economia primitiva, a própria identidade nominal do município encontra-se ligada aos seus recursos hídricos. Tal nomenclatura refere-se ao ponto exato de confluência hídrica, conforme se observa no contraste visual da Figura 6.

O rio Paraguai, mais largo e de tonalidade clara (sedimentosa), recebe as águas escuras (ricas em matéria orgânica) do Rio Bugres, dando origem à "barra", termo que designa a desembocadura de um rio no outro. O nome Barra do Bugres nasce, assim, desse encontro que une as águas e imprime forma à paisagem.

Na imagem, observa-se a presença de áreas de vegetação preservada ao longo das margens dos rios, associadas à Terra Indígena *Umutina*, território do povo *Balatiponé-Umutina*, localizada nas proximidades do município.

Antes da constituição administrativa do município e da intensificação da ocupação não indígena, o território onde hoje se localiza Barra do Bugres era tradicionalmente habitado pelo povo indígena Balatiponé-Umutina. Registros históricos indicam que suas aldeias estavam situadas na região da foz do rio Sepotuba, afluente do rio Paraguai, estendendo-se pelos vales dos rios Paraguai e Bugres e alcançando áreas próximas ao atual município de Cuiabá (COREZOMAÉ, 2017).

Com o avanço das atividades extrativistas e da ocupação regional, esse território foi progressivamente invadido, forçando esse povo a deslocar-se ao longo do rio Paraguai e a reorganizar seus modos de vida (COREZOMAÉ, 2017). Esse processo resultou na perda territorial e em profundas transformações sociais, culturais e demográficas.

Reconhecer essa trajetória histórica permite compreender que o espaço atualmente urbanizado se constitui sobre uma realidade anterior, marcada por relações simbólicas, culturais e existenciais que expressam outras formas de habitar o território.

Figura 6 - Encontro dos rios Bugres e Paraguai, origem do nome da cidade.



Fonte: Nilson Guedes (2025).

O Rio Paraguai, historicamente, teve suas águas utilizadas como importante via de circulação para o escoamento da produção extrativista e para o transporte de mercadorias, a exemplo de madeira, borracha e poaia, que seguiam em direção ao porto de Corumbá.

Atualmente, a economia de Barra do Bugres estrutura-se, principalmente, nas atividades agropecuárias, industriais e de serviços. O setor primário destaca-se pela produção de soja, milho e cana-de-açúcar, além da pecuária de corte e leiteira, que movimentam boa parte da renda local.

No setor industrial, sobressai a presença da usina sucroalcooleira Barralcool, produtora de açúcar, etanol e energia elétrica, acompanhada por pequenas indústrias madeireiras, cerâmicas e de beneficiamento de grãos. O comércio e os serviços têm se expandido, impulsionados pela presença da universidade (CÂMARA MUNICIPAL DE BARRA DO BUGRES, 2025).

5.1. A UNEMAT E A NOVA MORADA DO SABER

Entre as transformações que redesenharam o território de Barra do Bugres, a chegada da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) marcou uma nova e decisiva etapa no desenvolvimento regional. Criada pela Lei Complementar nº 30, de 15 de dezembro de 1993, a instituição nasceu do movimento de interiorização do ensino superior, assumindo o compromisso de ampliar as oportunidades formativas nas regiões afastadas dos grandes centros. De acordo com Medeiros (2008), a UNEMAT surgiu do desejo de tornar a universidade presente nas realidades locais e de reconhecer o potencial humano das pequenas cidades.

Antes dessa iniciativa, muitos jovens e educadores precisavam migrar em busca de formação. A ausência de uma universidade, até então, representava uma limitação concreta e dolorosa ao desenvolvimento humano e econômico.

A exclusão educacional de outrora é sintetizada na memória sensível do servidor público Rivelino Linhares, que lembra com clareza da desigualdade imposta: “o pessoal rico partia pra estudar longe, e aqueles que não podiam se sustentar ficavam ali, sem jeito, chupando o dedo, olhando o mundo passar sem poder entrar nele.” Essa realidade revelava um cenário em que as oportunidades de formação e de futuro pareciam restritas àqueles que dispunham de recursos para estudar.

Em meio a esse cenário de carências, a universidade encontrou terreno fértil para se estabelecer. Suas ações passaram a fortalecer parcerias e a respeitar as particularidades e demandas regionais. Muitos projetos nasceram do diálogo com movimentos sociais e com as comunidades que buscavam condições para estudar e permanecer em seus locais de origem. Assim, a UNEMAT consolidou sua presença por meio de programas inovadores, entre eles as

Licenciaturas Plenas Parceladas (LPP), levando o ensino superior a localidades historicamente excluídas desse direito.

As lembranças dos primeiros anos dessa instalação se preservam nas vozes de Júlio César Geraldo, Rivelino Fúlvio Linhares, José Carlos Guedes e Braz Laércio Pereira. Testemunhas da história local, eles nos permitem reconstruir, através de seus relatos, a textura afetiva e cultural de um período marcado por esperança, desafios e incertezas.

Para compreender o período que antecedeu a chegada da universidade, é preciso imaginar uma cidade marcada pela pacatez e pelo ritmo tranquilo de vida. O bairro da Companhia de Habitação Popular (COHAB) era um microcosmo dessa calma. Suas ruas, ocupadas por famílias que se estabeleceram desde a criação do conjunto habitacional, refletiam um cotidiano de simplicidade e previsibilidade, com poucas oportunidades além do horizonte visível e quase nenhuma circulação de pessoas de fora.

A própria arquitetura do bairro, funcional e desprovida de ornamentos, narrava essa história. José Carlos relembra que: “o bairro era tranquilo e possuía três modelos de casas”, explicando que a principal diferença entre elas estava no número de quartos. As moradias eram destinadas a famílias que, após se cadastrarem, eram contempladas por sorteio e assumiam o compromisso de quitá-las ao longo dos anos.

As principais atrações do bairro eram o centro comunitário, onde aconteciam reuniões, bailes e cursos de bordado, corte e costura, entre outros, a quadra de areia e o campo de futebol. Ao final das tardes, quando o calor abrasador de Mato Grosso começava a dar tréguas, os moradores reuniam-se para jogar vôlei e futebol. Em torno do campo, generosos pés de seriguela ofereciam sombra, tornando o local um ponto de encontro e de socialização, onde se compartilhavam conversas, se contavam “causos” e se fortaleciam os laços de vizinhança.

Em meio a um ambiente marcado por sociabilidades próximas e um ritmo de vida mais pausado, começaram a surgir as primeiras iniciativas que mais tarde culminariam na presença do ensino superior na cidade.

Conforme destacam Dalcin, Silva e Santos (2012), a presença da Universidade do Estado de Mato Grosso em Barra do Bugres teve início em 10 de maio de 1994, com a implantação do *Campus* Universitário Vale do Rio Bugres. Esse marco representou o começo de uma transformação educacional significativa, aproximando o ensino superior da comunidade local por meio de uma proposta audaciosa para a época: a oferta das Licenciaturas Plenas Parceladas em Matemática, Letras e Ciências Biológicas.

Estruturada em parceria com as prefeituras de Barra do Bugres, Denise, Nortelândia, Arenápolis, Porto Estrela e Tangará da Serra, essa iniciativa ampliou as possibilidades de formação docente e democratizou o acesso ao conhecimento na região.

Anos mais tarde, essa trajetória foi oficialmente reconhecida pela Lei nº 7.389, de 11 de janeiro de 2001, que conferiu ao *campus* o nome "Deputado Estadual René Barbour", reconhecendo sua contribuição para a consolidação da universidade na região (MATO GROSSO, 2001).

A fotografia apresentada na Figura 7 registra os primeiros passos do *campus* da UNEMAT em Barra do Bugres, momento que simboliza o início de uma nova etapa na história educacional do município.

Figura 7 - Vista do *Campus* Universitário de Barra do Bugres.



Fonte: Acervo da UNEMAT, *Campus* de Barra do Bugres (1995).

Segundo Rivelino Linhares, esse momento marcou o início de uma verdadeira "revolução", um processo gradual, que passou a tensionar as desigualdades historicamente naturalizadas no acesso à formação superior.

Por décadas, essas desigualdades desenharam fronteiras invisíveis entre aqueles que podiam partir em busca de estudo e aqueles que permaneciam, não por escolha, mas pela ausência de alternativas concretas. Para muitos, o futuro parecia restrito ao espaço que a vida lhes reservava, delimitado pelas condições sociais e pelo lugar de nascimento.

Em certa medida, essa divisão lembra aquilo que Santos (2007) descreve como linhas abissais, fronteiras simbólicas que separam aqueles que têm acesso aos direitos e ao

conhecimento daqueles que permanecem à margem dessas possibilidades. Em meio a carências acumuladas, desejos contidos e expectativas, a universidade passou a ser percebida como uma possibilidade real de mudança.

O anúncio da chegada da UNEMAT trouxe à cidade uma pulsação nova e inquieta. De um lado, residia a desconfiança de quem já conhecia promessas vazias, projetos que nunca saíam do papel. De outro, acendeu-se uma chama de esperança nos que vislumbravam finalmente uma mudança concreta, uma porta aberta para seus filhos e para si mesmos.

Aos poucos, com a chegada dos primeiros professores e alunos, a universidade transformou o cotidiano, despertando curiosidade e novas conversas na comunidade. Freire (1996) compreendia que a educação transforma as pessoas e, por meio delas, o mundo. Nesse contexto, a presença da universidade em Barra do Bugres passou a ser um agente de transformação social ao ampliar as possibilidades de formação e mobilidade educacional.

Desse modo, o Projeto de Licenciaturas Plenas Parceladas surgiu como uma iniciativa de democratização do ensino superior, voltada especialmente à formação de professores da região. Segundo Dalcin, Silva e Santos (2012), nesse modelo, as aulas presenciais eram organizadas em etapas durante os períodos de recesso escolar, permitindo que docentes em exercício participassem sem interromper suas atividades nas escolas.

Entre uma etapa e outra, ao longo do ano letivo, aconteciam momentos intermediários nos quais os cursistas desenvolviam atividades de pesquisa e intervenção pedagógica em suas próprias escolas e comunidades. Esses trabalhos aproximavam teoria e prática e eram retomados nas etapas intensivas seguintes, quando resultados e aprendizagens eram compartilhados com colegas, fortalecendo o vínculo entre universidade e sociedade.

A iniciativa respondia diretamente a um longo “vácuo de qualificação”, descrito por Júlio César Geraldo, que comprometia a qualidade da educação básica local. Muitos professores atuavam com a formação do antigo magistério, lecionando diversas disciplinas sem suporte teórico ou ferramentas metodológicas adequadas. Essa situação limitava o potencial dos alunos e sobrecarregava os docentes, tornando a formação continuada uma necessidade urgente. O projeto ofereceu oportunidades de qualificação e transformou a percepção da comunidade sobre a educação, mostrando que o ensino superior podia dialogar com a prática cotidiana e valorizar os saberes regionais.

Medeiros (2008) descreve que nos dois primeiros anos, todos os cursistas permaneciam juntos, compartilhando módulos de formação básica, o que favorecia a construção de vínculos

e a troca de experiências. A partir do terceiro ano, iniciava-se a formação específica, momento em que cada professor/cursista escolhia sua área de especialização, aprofundando conteúdos próprios do curso e consolidando bases teóricas para compreender o processo educacional e desenvolver uma prática pedagógica reflexiva. A duração mínima dessa etapa era de três anos e meio, permitindo que cada profissional adquirisse competências avançadas e aplicáveis diretamente em suas escolas e comunidades.

A presença da universidade, entretanto, passou a dialogar com dimensões mais amplas da vida social e territorial. O território envolve mais do que uma delimitação geográfica ou administrativa e pode ser compreendido como um espaço moldado nas relações humanas que se desenvolvem ao longo do tempo. Ruas, casas, lugares de encontro e instituições compõem uma rede de significados construída na experiência cotidiana dos moradores.

Santos (2006) propõe compreender essa dinâmica a partir da noção de "território usado", entendido como o espaço apropriado pelas práticas sociais, pelas dinâmicas econômicas e pelos modos de vida das populações que o habitam. A partir dessa compreensão, a presença de uma universidade em um município introduz novas circulações, vínculos e formas de organização da vida urbana, reconfigurando progressivamente o território e a própria experiência de habitar.

Nesse movimento de transformação territorial, a universidade passou a produzir novos modos de pertencimento e valorização cultural. O encontro entre estudantes, professores e comunidade ampliou as possibilidades de formação e aproximou o conhecimento acadêmico das experiências vividas no cotidiano local.

Nessa perspectiva, ensinar e aprender constituem dimensões da convivência social. Freire (1996) compreende a educação como um ato de liberdade, capaz de impulsionar processos de transformação individual e coletiva. Em Barra do Bugres, essa dinâmica passou a ser observada nas práticas pedagógicas.

Professores formados pela instituição passaram a atuar com maior segurança e criatividade, incorporando novas metodologias e promovendo salas de aula mais participativas, dinâmicas e conectadas com a realidade da comunidade. Para que essa proposta formativa se concretizasse com qualidade, tornou-se fundamental constituir um corpo docente altamente qualificado.

Por meio dessa teia de confiança e reputação, Júlio César, com um brilho de empolgação e um toque de nostalgia no olhar, lembra que nomes de peso, como Solange Leda Gallo e Geraldo Garcia Duarte, um dos responsáveis por trazer o projeto pedagógico do curso de

Matemática e Processamento de Dados (posteriormente Ciências da Computação), desembarcaram na região. Os cursos foram idealizados e planejados pela coordenação local em parceria com professores do Câmpus de Rio Claro da Universidade Estadual Paulista – UNESP, que trouxeram não apenas conhecimento, mas a vanguarda da produção acadêmica e do pensamento em suas áreas, contribuindo de forma decisiva para a consolidação do projeto.

De acordo com o entrevistado Júlio César, a logística para viabilizar a vinda e a permanência desses visionários da educação foi igualmente singular. Segundo ele, a UNEMAT organizou uma estrutura de acolhimento que favorecia a imersão e a colaboração entre os professores. A população cedeu o prédio do centro comunitário da COHAB, para servir de alojamento. Ali, todos os docentes, independentemente de sua titulação, conviviam intensamente, dividindo dormitórios e compartilhando refeições preparadas por uma cozinheira local.

O espaço promovia um ambiente de troca constante e de camaradagem, permitindo que doutores de diferentes regiões do Brasil debatessem ideias e colaborassem entre disciplinas. A proximidade cotidiana enriquecia o ambiente acadêmico, fortalecendo, na visão de Júlio César, um compromisso coletivo e duradouro com a missão do projeto, evidenciando que a educação se constrói na convivência, partilha e valorização dos saberes.

5.2. A CONSOLIDAÇÃO E O LEGADO DA UNIVERSIDADE

Em outubro de 1999, o primeiro grande ciclo da UNEMAT em Barra do Bugres chegou ao seu clímax com a conclusão dos três cursos do Projeto de Licenciaturas Plenas Parceladas, encerrando o convênio com as prefeituras da região. Ao recordar esse momento, Júlio César relata que a colação de grau, realizada no ginásio de esportes da cidade, foi um evento histórico. O local estava completamente lotado, reunindo professores, familiares e a comunidade para celebrar a primeira turma de licenciados formada pela universidade no município. Os cursos ofertados por meio desse projeto e o número de profissionais formados encontram-se sintetizados no Quadro 1.

Quadro 1 – Cursos das Licenciaturas Plenas Parceladas e número de formandos

PROJETO DE LICENCIATURAS PLENAS PARCELADAS –PLPP	
Curso	**Total de Graduados**
Licenciatura Plena em Letras	45
Licenciatura Plena em Matemática	38
Licenciatura Plena em Ciências Biológicas	39

Fonte: Dados fornecidos pela Secretaria Acadêmica da UNEMAT – *Campus* de Barra do Bugres, organizados pela autora (2026).

A formação abriu caminho para melhores condições de trabalho, aumento salarial, reconhecimento dentro das escolas, autonomia e prestígio, fortalecendo a atuação docente na região. Assim, o ciclo das Licenciaturas Parceladas cumpriu seu papel histórico ao levar o ensino superior ao interior do estado e demonstrar que a universidade podia nascer do desejo coletivo de aprender.

Entre os muitos rostos que compuseram esse movimento, uma curiosidade evidencia a força da presença feminina na formação docente: a turma do curso de Letras reunia um número expressivo de mulheres chamadas Maria. Entre elas, minha mãe, Maria Helena Mudo, cuja trajetória se entrelaça a esse percurso de acesso e transformação, a universidade é, antes de tudo, um lugar de sonhos partilhados.

Esse movimento de formação e mobilização coletiva encontrou continuidade nos anos seguintes. Ainda em 1999, realizou-se o primeiro vestibular para os cursos regulares de Matemática e Ciências da Computação, inaugurando uma fase de presença permanente da universidade na cidade. A mobilização para divulgar o processo seletivo revelou o envolvimento da comunidade com o projeto educacional que ali se consolidava. Júlio César lembra, com o sorriso de quem revive memórias queridas, “a gente fazia os cartazes à mão”. Cada cartaz era cuidadosamente desenhado e escrito, sendo depois levado de escola em escola em um trabalho de divulgação feito no “boca a boca”, com o apoio dos secretários de educação dos municípios vizinhos.

Esse esforço coletivo, aparentemente simples, anunciava a transformação que se desenhava. A universidade deixava de ser vista como um elemento externo para tornar-se parte do cotidiano da cidade, entrelaçando-se à vida de seus moradores. O vazio educacional, antes marcado pela ausência de oportunidades de formação superior, começava gradualmente a ser preenchido pela presença concreta do conhecimento.

Com o passar dos anos, os efeitos dessa presença tornaram-se cada vez mais visíveis. Professores recém-formados e estagiários dos cursos regulares passaram a atuar nas escolas da região, trazendo novas perspectivas pedagógicas e fortalecendo o vínculo entre a universidade e a educação básica local.

A partir desse momento, a expansão institucional ocorreu de forma contínua. Em meados de 2000, teve início um curso de Pós-Graduação voltado para a área de Língua Portuguesa e Literatura, concluído em junho de 2002. No início de 2001, a universidade deu

um passo significativo ao aprovar os cursos de Arquitetura Rural e Urbana (posteriormente Arquitetura e Urbanismo) e Engenharia de Produção Agroindustrial, ambos planejados para atender às demandas da região.

Nesse mesmo período, a trajetória da educação intercultural em Barra do Bugres encontra seu marco inicial com a implementação do "3º Grau Indígena", em 2001. Conforme registra a Resolução nº 010/2022 – CONEPE, essa iniciativa constituiu o alicerce da atual Licenciatura Intercultural Indígena, consolidando o *campus* como referência na formação de estudantes pertencentes a diversos povos indígenas.

Em 2005, a implantação do curso de Engenharia de Alimentos ampliou as possibilidades de formação e pesquisa. Anos mais tarde, em 2013, a criação do Bacharelado em Direito consolidou o *campus* como um espaço essencial de promoção do conhecimento e da cidadania, reafirmando o papel da educação superior como instrumento de fortalecimento humano e comunitário.

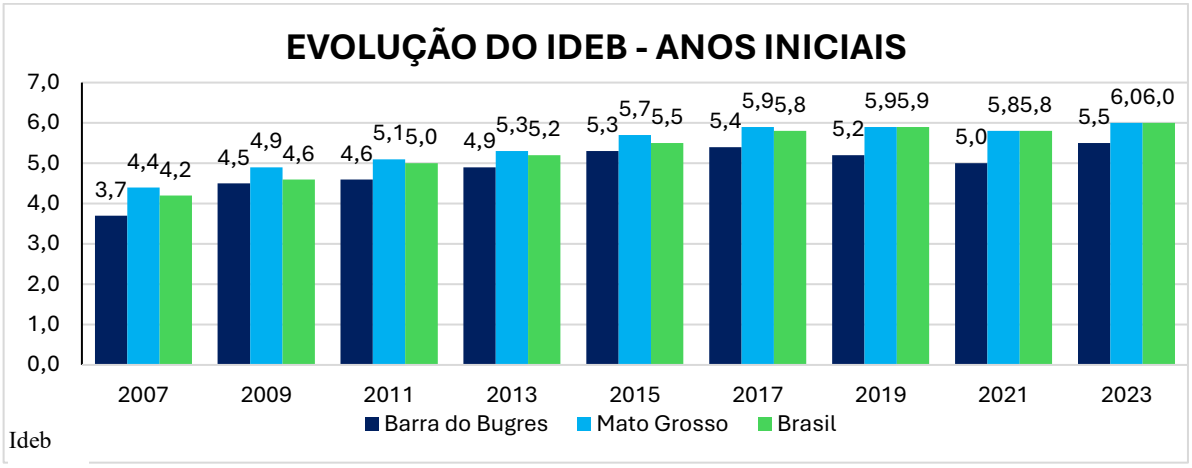
Assim, a universidade tornou-se parte da identidade de Barra do Bugres, moldando gerações e transformando o modo como a cidade se reconhece no mapa cultural e educacional de Mato Grosso. Nesse processo, a instituição passou a integrar aquilo que Santos (2006) compreende como as dinâmicas do território usado, nas quais instituições, práticas sociais e circulação de saberes contribuem para redefinir o sentido dos lugares.

5.3. FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA E IMPACTOS EDUCACIONAIS NO TERRITÓRIO

A presença da universidade dialoga com diferentes dimensões da vida social, entre elas a educação básica. No caso de Barra do Bugres, a ampliação da formação docente ao longo das últimas décadas pode ser observada por meio de indicadores educacionais que acompanham a qualidade do ensino nas escolas do município, conforme demonstram as Figuras 8 e 9.

Um dos principais instrumentos utilizados para esse acompanhamento é o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), criado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). O índice combina dois fatores centrais: o desempenho dos estudantes em avaliações nacionais de aprendizagem e as taxas de aprovação escolar, permitindo observar a evolução da qualidade da educação ao longo do tempo (BRASIL, 2024).

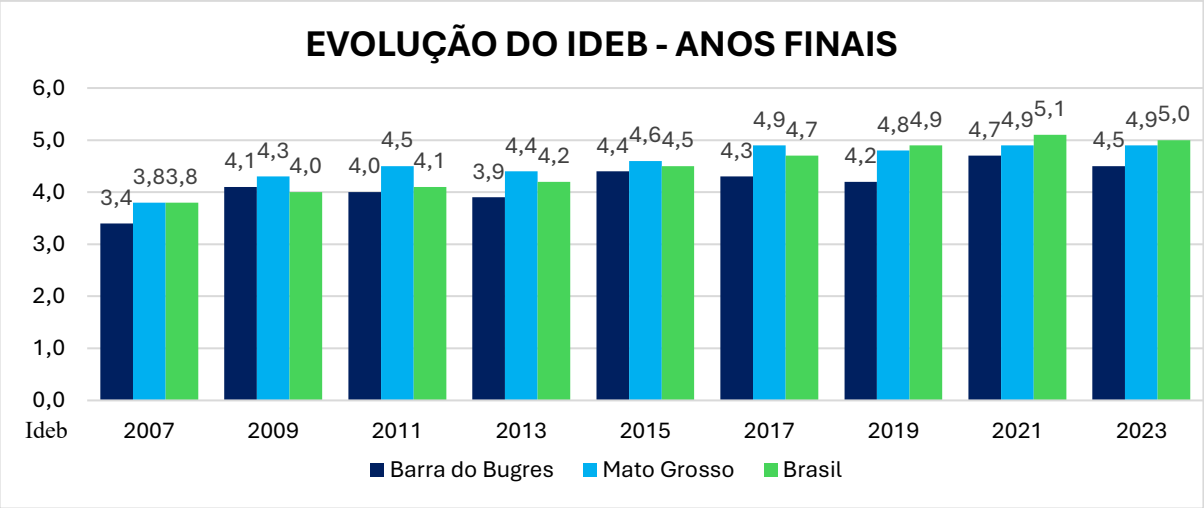
Figura 8 - Evolução do IDEB em Barra do Bugres: Anos Iniciais do Ensino Fundamental.



Fonte: Elaborado pela autora (2026) com dados do Portal QEdu (2026).

A evolução dos indicadores educacionais em Barra do Bugres revela uma trajetória de melhoria gradual, abrangendo tanto os anos iniciais quanto os finais do Ensino Fundamental. Esse progresso relaciona-se ao fortalecimento das políticas educacionais e, sobretudo, à ampliação da qualificação docente na região. Conforme evidenciado pelo portal QEdu (2024), o avanço nos índices de aprendizagem reflete o investimento contínuo na formação de professores, contribuindo para a consolidação de práticas pedagógicas mais qualificadas no cotidiano escolar.

Figura 9 - Evolução do IDEB em Barra do Bugres: Anos Finais do Ensino Fundamental.



Fonte: Elaborado pela autora (2026) com dados do Portal QEdu (2026).

Nesse cenário, a presença da UNEMAT em Mato Grosso é um dos pilares para a qualificação dos profissionais que atuam na educação básica estadual. A oferta estratégica de licenciaturas, com destaque para o curso de Matemática, presente no *campus* de Barra do Bugres viabilizou a formação de docentes que hoje compõem as redes de ensino locais,

democratizando o acesso ao ensino superior e qualificando as práticas pedagógicas em sala de aula.

Ao longo de sua trajetória em Barra do Bugres, a universidade diversificou significativamente sua atuação, abrangendo diferentes áreas do conhecimento. O levantamento institucional realizado para esta pesquisa evidencia o impacto dessa expansão por meio do número de graduados na instituição, cujos dados estão detalhados no Quadro 2.

Quadro 2 – Cursos de graduação ofertados pela UNEMAT em Barra do Bugres e total de graduados.

CURSOS DE GRADUAÇÃO OFERTADOS PELA UNEMAT EM BARRA DO BUGRES	
Curso	**Total de Graduados**
Bacharel em Arquitetura e Urbanismo	844
Bacharel em Ciência da Computação	503
Bacharel em Direito	416
Bacharel em Engenharia de Alimentos	278
Bacharel em Engenharia de Produção Agroindustrial	572
Licenciatura Plena em Matemática	481
Licenciatura Intercultural Indígena	470
Pedagogia Intercultural Indígena	100

Fonte: Secretaria Acadêmica da UNEMAT – *Campus* de Barra do Bugres, dados organizados pela autora (2026).

Complementando a formação inicial, o *campus* consolidou-se como um polo de pós-graduação, ampliando os horizontes de especialização acadêmica e profissional na região. Tais programas são essenciais para a produção de conhecimento científico e para a titulação de pesquisadores e docentes de alto nível, reafirmando o papel da universidade como motor de desenvolvimento educacional. A relação dos cursos de pós-graduação e o respectivo número de titulados encontram-se apresentados no Quadro 3.

Quadro 3 – Programas de pós-graduação vinculados ao *campus* de Barra do Bugres e total de graduados.

PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTU SENSU OFERTADOS PELA UNEMAT EM BARRA DO BUGRES		
Programas	**Total de Graduados**	**Total de Matriculados**
PPGECM - Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática (Mestrado)	188	70
PPGECM - Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática (Doutorado)	--	41
PPGECII - Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ensino em Contexto Indígena Intercultural (Mestrado)	64	59
PROFMAT - Programa de Mestrado Profissional em Matemática em Rede Nacional	17	23

Fonte: Secretaria Acadêmica da UNEMAT – *Campus* de Barra do Bugres, dados organizados pela autora (2026).

Outro aspecto relevante refere-se à formação superior destinada aos povos indígenas. Em Barra do Bugres, essa iniciativa se materializa por meio da Faculdade Indígena Intercultural

(FAINDI), responsável por cursos que dialogam diretamente com as realidades socioculturais das comunidades indígenas do estado de Mato Grosso.

Entre as formações ofertadas encontram-se a Licenciatura Intercultural Indígena, a Pedagogia Intercultural Indígena e o Bacharelado em Enfermagem Intercultural Indígena, além de programas de pós-graduação voltados ao ensino em contexto intercultural. Estruturadas em uma modalidade diferenciada, essas formações articulam períodos presenciais intensivos na universidade com atividades realizadas nas próprias comunidades, possibilitando que os estudantes mantenham vínculos com seus territórios e culturas enquanto constroem sua trajetória acadêmica.

Nesse contexto, a política formativa desenvolvida na instituição evidencia a universidade como espaço de mediação entre saberes acadêmicos e conhecimentos tradicionais, promovendo um diálogo que reconhece a diversidade cultural e valoriza diferentes formas de produção de conhecimento, perspectiva próxima do que Santos (2007) denomina de ecologia de saberes.

Os cursos vinculados à Faculdade Indígena Intercultural e o quantitativo de estudantes em formação encontram-se apresentados no Quadro 4.

Quadro 4 – Cursos de graduação ofertados pela Faculdade Indígena Intercultural - UNEMAT *Campus* de Barra do Bugres.

CURSOS DE GRADUAÇÃO OFERTADOS PELA FACULDADE INDÍGENA INTERCULTURAL - UNEMAT *CAMPUS* DE BARRA DO BUGRES
Bacharelado em Enfermagem Intercultural Indígena
Licenciatura Intercultural Indígena
Licenciatura em Pedagogia Intercultural
Licenciatura em Pedagogia Intercultural Indígena

Fonte: Secretaria Acadêmica da UNEMAT – *Campus* de Barra do Bugres, dados organizados pela autora (2026).

Ao consolidar uma política de formação que abrange desde os cursos regulares até a educação intercultural indígena, a UNEMAT transformou Barra do Bugres em um importante polo educacional regional. A presença contínua de estudantes provenientes de diferentes municípios e territórios ampliou a circulação de pessoas no município, produzindo novas dinâmicas sociais, econômicas e culturais diretamente associadas à vida universitária.

Esse fluxo passou a influenciar a organização do espaço urbano, especialmente nas áreas próximas ao *campus*, onde a crescente demanda por moradia estudantil estimulou o surgimento de diferentes formas de ocupação do território. Assim, a expansão da universidade contribuiu para a ampliação das oportunidades educacionais na região e para a reconfiguração do modo de habitar a cidade, processo que será analisado na seção seguinte.

SEÇÃO 6

6. QUANDO A EDUCAÇÃO FAZ MORADA

A presença de uma universidade insufla vida a toda uma região, mobiliza pessoas e reconfigura modos de viver. Em Barra do Bugres, a chegada contínua de estudantes provenientes de diferentes localidades de Mato Grosso, de outras regiões do Brasil e de diversos países imprimiu um novo ritmo à paisagem urbana. O que antes era uma cidade de feições estáveis passou a pulsar ao compasso das demandas do cotidiano universitário. Entre essas transformações, destaca-se a corrida por moradias próximas à UNEMAT, movimento que despertou entre os moradores a percepção de que seus imóveis poderiam se tornar fonte de renda e parte de uma nova economia local.

As primeiras soluções surgiram de forma espontânea, guiadas pela urgência. Casas unifamiliares começaram a ser subdivididas: muros internos se ergueram, quintais se comprimiram, garagens se tornaram quartos. Cada novo cômodo improvisado representava uma tentativa de adequar o espaço às necessidades de quem chegava. Mesmo sem orientação técnica, a cidade se transformava num grande canteiro de experimentações habitacionais, uma arquitetura feita de improviso e invenção.

Essas transformações espontâneas aproximam-se daquilo que Lefebvre (1991) descreve como produção social do espaço, na qual o território se configura a partir das práticas cotidianas e das necessidades concretas da população.

A consolidação desse processo pode ser observada na distribuição espacial das moradias estudantis no entorno da UNEMAT. A partir de levantamento realizado com apoio do software Google Earth e de caminhadas de observação nas imediações da instituição, foi possível mapear os residenciais visíveis na paisagem urbana e identificar sua concentração nas áreas mais próximas da universidade.

No mapa elaborado para esta pesquisa, os residenciais com identificação nominal visível foram representados em vermelho, enquanto, em azul, aparecem aqueles sem identificação, mas reconhecidos localmente como moradias estudantis em razão de sua configuração construtiva, especialmente pela presença de múltiplos padrões de energia elétrica. O levantamento evidencia a localização das Unidades 1 e 2 da UNEMAT em Barra do Bugres, inseridas na malha urbana

e representadas na Figura 10, além de permitir a estimativa do número de empreendimentos destinados à moradia estudantil em seu entorno. Cabe ressaltar que a Unidade 3 se encontra na zona rural, a aproximadamente 10 km do centro da cidade.

Figura 10 - Mapa de distribuição espacial das moradias estudantis no entorno da UNEMAT, Barra do Bugres/MT.



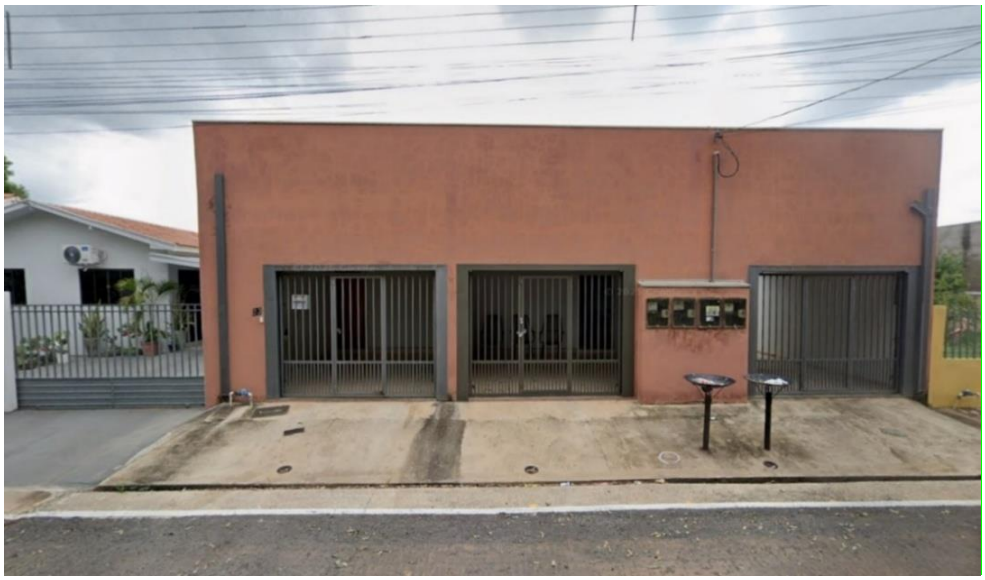
Fonte: Elaborado pela autora (2026) com base em dados do Google Earth e levantamento de campo.

O mapeamento permitiu identificar um total de 75 residenciais estudantis no perímetro imediato do *campus*. Desse quantitativo, 38 estabelecimentos apresentam identificação nominal visível, por meio de placas e nomes próprios, enquanto 37 não possuem letreiros, sendo reconhecidos a partir de seus padrões arquitetônicos e da repetição de medidores de energia elétrica, indicativa da subdivisão interna dos lotes para fins de locação.

Para além da mancha de concentração urbana evidenciada no mapa, a transformação do território se revela na forma como as moradias são reorganizadas. A Figura 11 apresenta a fachada de um residencial que sintetiza esse movimento: uma antiga casa da Cohab, originalmente destinada a uma única família, foi reformada e adaptada para abrigar três moradias compactas. A intervenção expressa um processo de reinvenção do espaço construído,

impulsionado pela percepção das possibilidades de renda associadas à presença universitária. Nesse contexto, a moradia deixa de atender apenas à função original e passa a integrar uma dinâmica mais ampla, marcada pela ressignificação do espaço urbano e pela resposta às demandas habitacionais no entorno do *campus*.

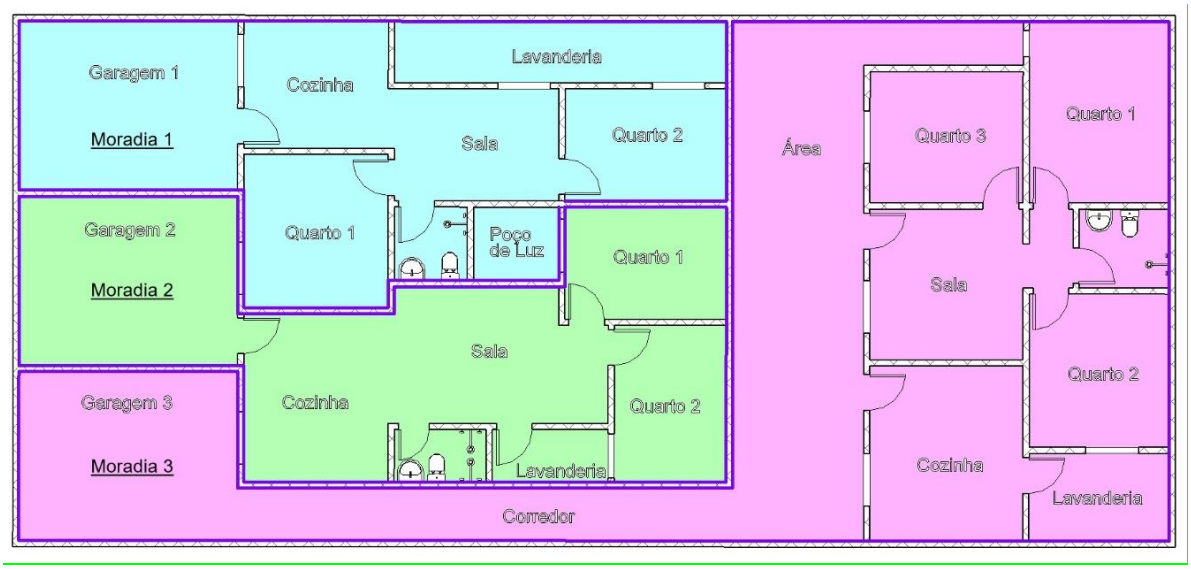
Figura 11 - Fachadas adaptadas a partir de residência unifamiliar, no entorno da UNEMAT



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2026).

A compreensão dessa reorganização espacial pode ser observada na planta baixa apresentada na Figura 12, elaborada com o objetivo de evidenciar a configuração interna do imóvel. Nela, as três moradias são destacadas por meio de cores distintas, o que permite identificar com clareza os limites, os acessos e a distribuição dos ambientes em cada unidade.

Figura 12 - Configuração espacial de antiga residência unifamiliar convertida em três moradias compactas.



Fonte: Fonte: Elaborado pela autora (2026).

Cada moradia constitui um microcosmo. O espaço físico se converte em lugar de vida, onde a alma se manifesta e os sentidos ganham forma. Essa dimensão dialoga com o pensamento de Heidegger (2001), para quem habitar é mais do que ocupar: é enraizar-se no mundo e atribuir-lhe sentido. Em cada gesto cotidiano e em cada objeto ressignificado, os moradores de Barra do Bugres produzem um modo singular de habitar, no qual aprender, sonhar e viver se fundem em uma pedagogia da vida universitária, em que aprender, sonhar e viver se fundem na construção compartilhada do sentido de habitar.

Com o fortalecimento da UNEMAT e o aumento do fluxo estudantil, o espaço urbano de Barra do Bugres passou a experimentar um processo de adensamento e especulação. A demanda crescente por moradia e a percepção de lucro potencial estimularam o surgimento de projetos mais estruturados. Nesse contexto, nasce o Residencial Tabajara, primeira iniciativa planejada voltada ao público universitário.

O empreendimento é fruto da visão e da experiência do Engenheiro Agrimensor Bráz Laércio Pereira, que, após trabalhar por 24 anos na Usina Hidrelétrica de Ilha Solteira, no interior de São Paulo, conheceu o modelo de moradias compactas existentes nas proximidades da UNESP. A convivência com aquele ambiente universitário despertou nele uma nova compreensão sobre as necessidades dos estudantes em cidades pequenas. Ao chegar a Barra do Bugres, percebeu que muitos alunos vinham para estudar, mas não encontravam onde se hospedar. “Lá eu conheci esse sistema; aqui ninguém sabia que existia”, relata. Diante dessa constatação, decidiu investir na construção de um conjunto habitacional voltado à comunidade acadêmica.

Movido por essa ideia, adquiriu uma antiga chácara por dez mil reais e iniciou o processo de transformação do espaço. O terreno, que ele descreve como “um buracão”, exigiu grande esforço técnico, com nivelamento, contenção, aterramento e implantação de infraestrutura básica, até então inexistente no local. Para viabilizar a ocupação da área, Bráz projetou um sistema de muros de arrimo que formam patamares sucessivos no terreno, criando uma espécie de “escadaria” topográfica. Em cada platô nivelado, as moradias foram construídas de duas em duas, no modelo geminado, estratégia que permitiu otimizar a área edificada e aproveitar ao máximo a extensão do lote. Ao todo, o empreendimento passou a reunir 24 unidades habitacionais voltadas à moradia estudantil.

Enquanto narrava o processo de construção, Bráz refletia sobre a necessidade que motivou sua iniciativa. “Não tem casa, não tem nada, onde esses alunos vão habitar?”, questionava, percebendo que sua ação se tornava uma resposta concreta à carência habitacional

cada vez mais visível no entorno da universidade. A fachada desse empreendimento pioneiro pode ser observada na Figura 13.

Figura 13 - Fachadas Residencial Tabajara.



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2026).

O interior do Residencial Tabajara, observado na Figura 14 é marcado por um entorno verdejante, onde árvores frutíferas suavizam o ambiente e criam uma sensação de frescor.

Figura 14 - Parte interna do Residencial Tabajara.



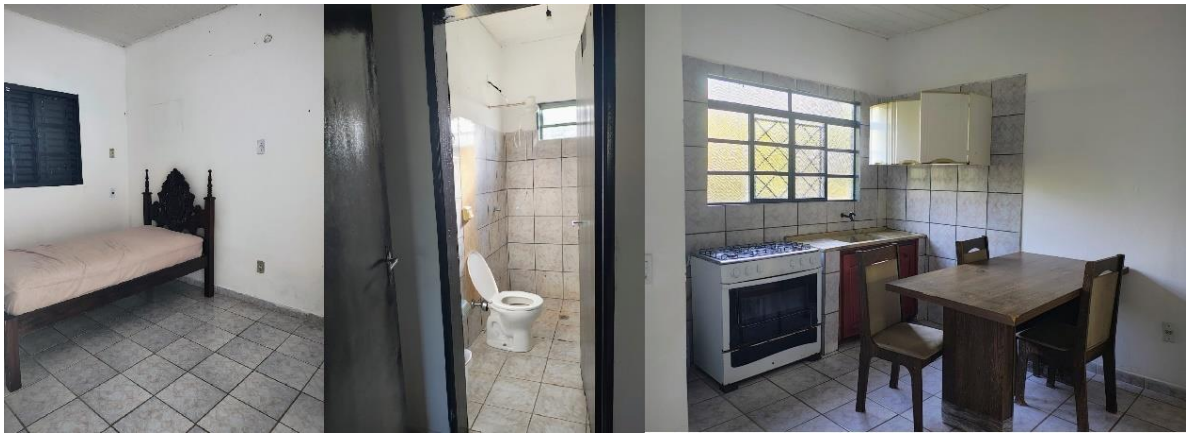
Fonte: Arquivo pessoal da autora (2026).

Durante a entrevista, caminhamos pelo entorno do residencial enquanto Bráz apresentava cada espécie, narrando o tempo de crescimento e as histórias associadas a cada planta. “Sabe que árvore é essa? Eu plantei todas elas”, comenta, comenta, sorrindo. Ao longo do percurso, levou-me até uma das moradias desocupadas e, ao abrir a porta, recordou os estudantes que ali viveram.

O interior mobiliado dessa unidade pode ser visto na Figura 15. “Já morou muita gente boa aqui... uns se formaram, outros seguiram outros caminhos, mas todos deixaram lembrança”, diz com serenidade. Cada gesto revelava que, para ele, aquelas unidades nunca foram apenas construções, mas capítulos de vidas que, por um tempo, cruzaram a sua.

Entre uma lembrança e outra, revela que cuidar do quintal se tornou parte de sua rotina. “Já tenho 80 anos e todos os dias venho aqui ver se não precisa fazer um ajuste aqui, outro ali”, afirma, com um brilho tranquilo no olhar. Conta que, em suas viagens, é comum encontrar antigos moradores do residencial. “Às vezes alguém passa, me cumprimenta e diz que morou aqui. Alguns agradecem, outros falam da saudade dos tempos de faculdade. Nem sempre reconheço a pessoa, mas esses encontros me dão muita satisfação”.

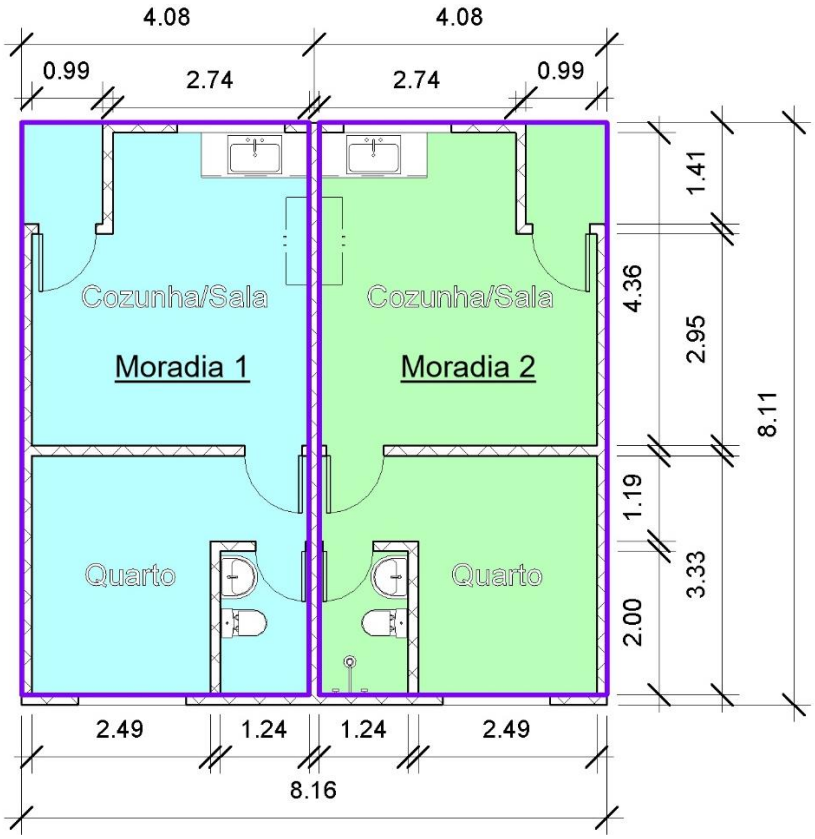
Figura 15 - Moradia compacta mobiliada do Residencial Tabajara.



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2026).

Cada unidade possui aproximadamente 32 m², dimensão capaz de acomodar, de forma independente, as funções básicas do cotidiano estudantil. Como se observa na Figura 16, a planta baixa evidencia uma organização espacial compacta e funcional. O acesso é precedido por uma pequena área de entrada, que atua como proteção da porta. Em seguida, desenvolve-se um ambiente integrado de sala e cozinha, articulado a um quarto e a um banheiro, compondo uma moradia enxuta, ajustada às necessidades da vida universitária.

Figura 16 - Planta baixa da unidade habitacional do Residencial Tabajara



Fonte: Elaborado pela autora (2026).

Todas as moradias do Residencial Tabajara I seguem o mesmo padrão construtivo, dispostas de forma espelhada e compostas por um quarto, sala e cozinha integrados, e banheiro.

Ao final da visita, Bráz me levou até o portão lateral e mostrou o ponto exato onde, na época, terminava a rede elétrica da cidade. “A energia só chegava até a rua de trás da universidade; para ser mais preciso, a partir do quarto poste contando daqui para lá, toda essa fiação fui eu quem trouxe. Comprei o material, paguei o eletricista”, relembra. Contou ainda que a rede de água também precisou ser estendida a partir do mesmo ponto, pois até ali havia poucas moradias. “Tudo isso aqui era mato, considerado zona rural”, observa.

Em tom reflexivo, acrescenta: “Tive que doar tudo para a rede de energia e de água, porque, se aparecesse algum problema mais tarde, quem teria que arcar com os custos seria eu.” Seu gesto marca o início de um processo mais amplo de estruturação urbana impulsionado pela presença da universidade, um movimento em que a educação, literalmente, faz morada.

Paralelamente às iniciativas planejadas, surgem novas formas de moradia. Algumas famílias transformam suas casas em pensões, oferecendo quartos individuais ou coletivos, muitas vezes acompanhados de alimentação e lavanderia. Mais do que negócios, esses espaços prolongam o sentido doméstico e recriam, para muitos estudantes, o ambiente afetivo deixado

para trás. A figura da “dona da pensão” assume um papel quase maternal, observa Rivelino ao dizer que “a pensão acaba se tornando uma grande família”, um lugar onde os estudantes são acolhidos como filhos. A fachada de uma dessas pensões pode ser vista na Figura 17. Nesses espaços, o cuidado cotidiano atua na mediação simbólica entre a casa de origem e o novo lar, sustentando redes de convivência e apoio.

O acolhimento construído nesse convívio envolve mais do que o aspecto material e adentra o campo humano, essencial à experiência universitária. Quando o estudante se sente ouvido e reconhecido, o aprender ganha outra dimensão. D’Ambrosio (2014) lembra que o conhecimento floresce nas relações, nos gestos de cuidado e nas situações em que o indivíduo encontra sentido para o que vive. Assim, a moradia deixa de ser apenas abrigo e se torna espaço formativo, onde o viver e o aprender se unem.

Figura 17 - Fachadas da Pensão Universitária.



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2026).

Outra configuração que ganha forma são as repúblicas estudantis, nascidas da organização espontânea entre alunos que compartilham despesas e responsabilidades. Conforme relata José Carlos em entrevista concedida para esta pesquisa: “Minha casa eu aluguei e ela virou a primeira república do bairro, a famosa Casa dos Sete Homens”.

Esses espaços ultrapassam a função de moradia e se convertiam-se em territórios de aprendizagem coletiva, onde se entrelaçam histórias, valores e expectativas. Entre o convívio e o conflito, as repúblicas se tornam extensões do *campus*, lugares onde se aprende a negociar, dividir e sustentar o cotidiano em comum.

Ele acrescenta, entre risos, que um dos motivos que o levou a reestruturar a moradia foram as grandes festas organizadas pelos rapazes. “Os meninos eram muito festeiros”,

comenta, lembrando das reclamações dos vizinhos com o som alto e as bagunças que se estendiam pela madrugada.

Com o passar do tempo, uma estudante de Arquitetura, ao observar o tamanho do terreno, sugeriu transformar a antiga casa da Cohab em um residencial, proposta que se mostrou mais viável e lucrativa. “Assim nasceu o Residencial Keyze”, explica, dizendo que o nome combina o dele e o de sua esposa Keyla, marcando uma nova etapa na história daquele espaço.

Atualmente, o Residencial reúne dezessete unidades compactas, com aluguéis que variam entre 600 e 650 reais por moradia. O espaço é regido por um conjunto de regras definidas pelo proprietário, que realiza entrevistas antes de cada locação. Não são aceitos animais nem crianças, medida que busca garantir maior tranquilidade aos moradores, evitando ruídos e distrações que possam interferir na concentração e nos estudos. A preferência é por locatárias mulheres. “Elas são mais cuidadosas”, comenta José Carlos. A fachada do residencial pode ser vista na Figura 18.

Figura 18 - Fachadas do residencial Keyze.



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2026).

O conjunto de moradias adota o modelo de moradias geminadas, que consiste em duas ou mais unidades residenciais construídas lado a lado, compartilhando pelo menos uma parede lateral. Conforme descrito por Brauneck (1991), esse tipo de edificação é planejado de forma simétrica ou espelhada, otimizando o uso do terreno e reduzindo custos construtivos por meio da economia de materiais e infraestrutura compartilhada.

Esse modelo é bastante indicado para terrenos limitados, pois maximiza a ocupação sem comprometer a qualidade do espaço interno, oferecendo uma solução econômica e prática para o desenvolvimento urbano. Um exemplo visual dessa configuração pode ser observado na

Figura 19, onde cada moradia preserva sua individualidade ao mesmo tempo em que integra um conjunto contínuo.

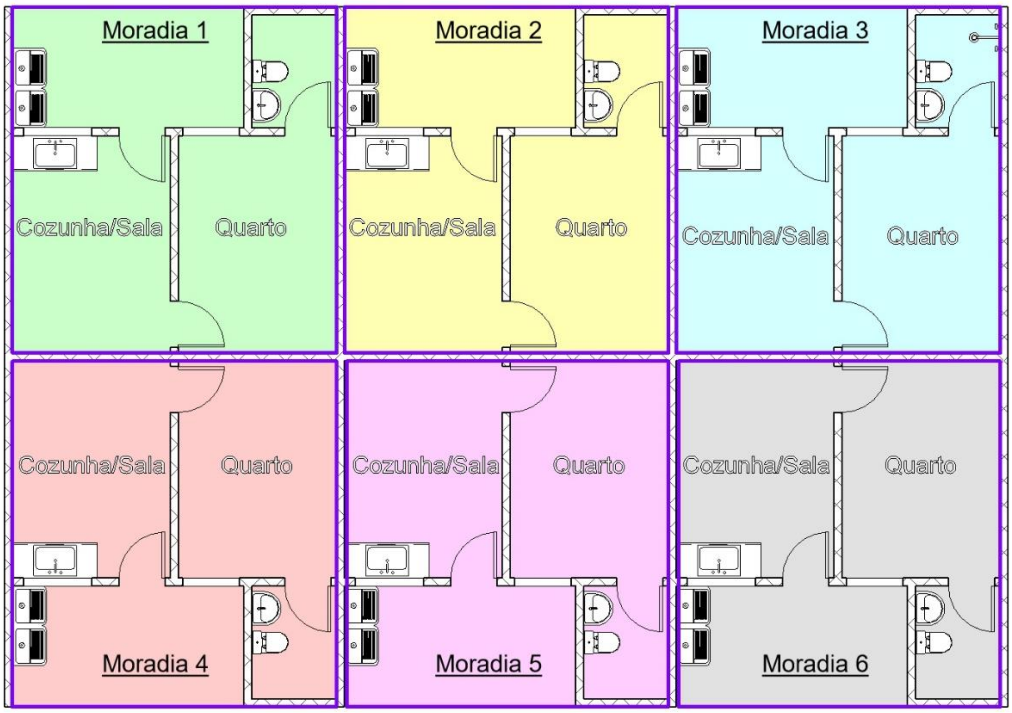
Figura 19 - Edificações geminadas do residencial Keyze.



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2026).

Nesse sistema construtivo, pode ser observado na Figura 20, o aproveitamento do lote ocorre por meio do espelhamento das unidades, solução que permite concentrar as prumadas hidráulicas, como cozinha e banheiro, em uma mesma parede, reduzindo custos de instalação. Essa lógica aproxima-se do princípio das casas geminadas, em que edificações compartilham elementos estruturais e de vedação, formando um conjunto visual e construtivo integrado.

Figura 20 - Planta baixa esquemática de modelo de moradias geminadas



Fonte: Elaborado pela autora (2026).

A limitação dos terrenos próximos ao *campus* e a valorização da área fizeram com que as moradias compactas passassem a assumir outras formas de implantação. Entre essas transformações, ganha forma uma nova tendência: os residenciais verticais, apresentados na Figura 21, que reorganizam o espaço urbano em direção ao alto. Esse fenômeno reflete o que Rolnik (2012) descreve como a lógica de valorização da terra urbana, onde a proximidade com polos de serviço e educação (neste caso, a UNEMAT) impulsiona a necessidade de aproveitar ao máximo cada metro quadrado disponível.

Figura 21 - Projeção tridimensional de um residencial vertical (sobrado) no entorno da UNEMAT.



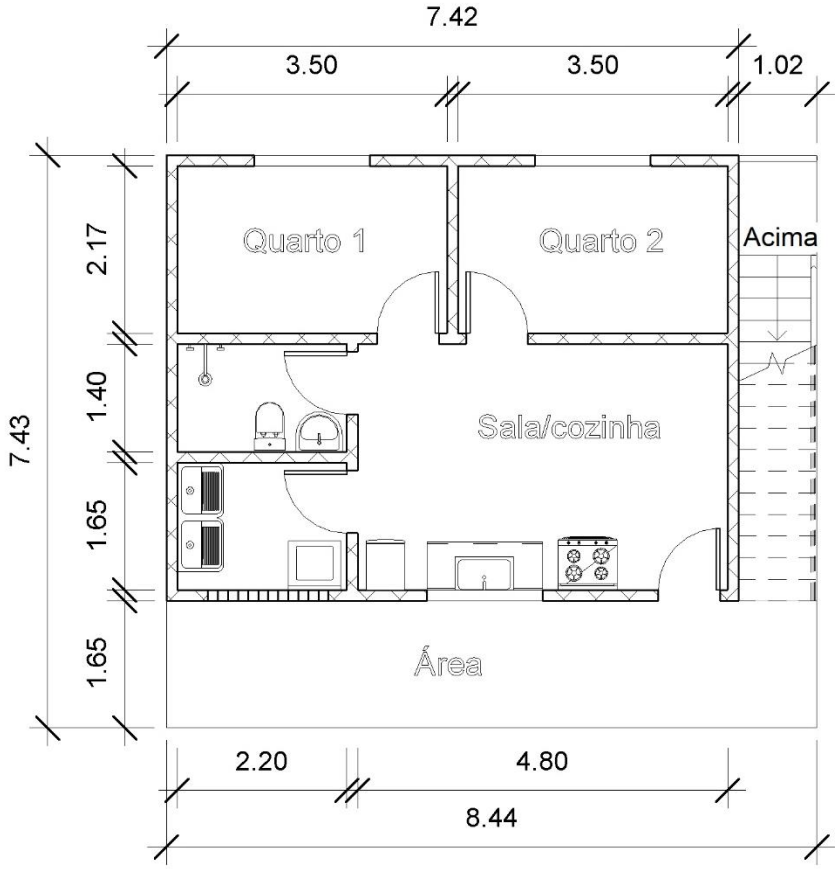
Fonte: Elaborado pela autora (2026).

Essas edificações buscam atender à demanda de estudantes sem expandir a mancha urbana para áreas mais distantes. Compostas por dois pavimentos, térreo e superior, apresentam uma organização espacial mais complexa. Conforme se observa na Figura 22, a planta baixa evidencia unidades autônomas distribuídas entre os dois níveis. Esse tipo de moradia costuma atrair estudantes que buscam ambientes mais amplos ou que optam por dividir o aluguel com colegas, estratégia comum para reduzir custos e tornar a permanência na cidade universitária mais viável.

As unidades contam com dois dormitórios e área social integrada, garantindo o que Neufert (2013) define como o mínimo necessário para a habitabilidade e o conforto em espaços reduzidos. No pavimento superior, destaca-se a inclusão de uma sacada, elemento que, segundo Gehl (2011), funciona como um “espaço de transição”, permitindo que o morador mantenha

uma conexão visual com a rua e suavizando a sensação de isolamento associada ao morar em altura.

Figura 22 - Planta baixa das unidades: Pavimento Térreo e Primeiro Andar.



Fonte: Elaborado pela autora (2026).

Cada forma de moradia aqui analisada, desde as adaptações espontâneas nas casas da COHAB até os sobrados que se elevam no entorno do *campus*, revela diferentes modos de viver e aprender na cidade universitária. Essas arquiteturas, ora resultantes de improvisações cotidianas, ora fruto de iniciativas mais planejadas, expressam a capacidade de adaptação do espaço construído às necessidades da vida.

Entre muros de arrimo que acomodam o relevo, paredes geminadas que racionalizam o uso do lote e sacadas que se abrem para o movimento das ruas, Barra do Bugres reinventa suas formas de habitar. Nesse processo, a moradia deixa de ser apenas um objeto edificado e passa a atuar como mediadora entre o território, as práticas sociais e o cotidiano daqueles que chegam para estudar e construir novas trajetórias.

6.1. O ATO DE HABITAR: EXPERIÊNCIA INICIAL NO NOVO AMBIENTE

Antes de compreender o ato de habitar em sua plenitude, é preciso distinguir a função de morar de sua essência existencial. Morar, antes de tudo, significa satisfazer uma necessidade básica, ter onde repousar o corpo, proteger-se da chuva, da luz intensa e das incertezas do mundo. Trata-se de uma experiência concreta, ligada à funcionalidade da moradia e às condições mínimas que asseguram a continuidade da vida. O morar relaciona-se ao abrigo, à estabilidade, ao endereço que nos insere na cidade e nos oferece um ponto fixo entre tantos deslocamentos.

Conforme observa Norberg-Schulz (2006), morar significa estar em um espaço que proporcione orientação e permanência. Nessa perspectiva, o ato de morar cumpre uma função essencialmente prática, ocupar um lugar que assegura a presença e a permanência no mundo.

Entretanto, essa estabilidade física, por si só, não é suficiente para dar conta da experiência plena de pertencimento. Tuan (1977) destaca que o espaço adquire significado à medida que se impregna de valor humano, quando nele são depositados memórias, afetos e experiências. É nesse movimento de impregnar o espaço com vida que a moradia deixa de ser apenas estrutura material e passa a refletir a trajetória e a identidade de quem a habita.

Compreender o habitar implica reconhecer que cada moradia compacta carrega o reflexo de quem nela vive, e que cada gesto de cuidado constitui uma forma de existir. Habitar significa dar alma à matéria, transformar o abrigo em morada, o espaço em lugar e o lugar em parte da própria identidade.

Mais do que possuir um teto ou ocupar um espaço físico, habitar envolve viver o mundo de maneira sensível e consciente, permitindo ao ser humano encontrar, no ato de morar, a expressão mais profunda de sua existência. Para Heidegger (2001), habitar representa o modo de ser do homem na Terra, uma forma de enraizamento que revela como o indivíduo se relaciona com o mundo e com os outros. Nesse gesto, o sujeito reconhece-se no espaço e, ao mesmo tempo, deixa nele as marcas da própria passagem, preenchendo o ambiente com emoção, memória e pertencimento, até que o abrigo se converta em um espaço impregnado de significados.

A casa transcende a ideia de conjunto de paredes, tornando-se o abrigo onde a vida se organiza e a memória encontra repouso. Habitar envolve sentir o espaço por dentro, experimentar sua intimidade e permitir que ele se torne espelho da própria interioridade. Bachelard (1993) acrescenta que, nesse diálogo entre o espaço e a imaginação, o lar adquire

força integradora, reunindo pensamentos, lembranças e sonhos em um mesmo gesto de pertencimento, transformando cada canto em prolongamento da própria vida.

Sob essa luz, viver o espaço configura um modo de ser que vai além da materialidade do morar. O espaço vivido converte-se no cenário onde a vida sonhada se realiza em pequenas ações, o gesto de abrir uma janela e deixar o sol entrar, o ritual de preparar o café, o canto escolhido para o descanso, detalhes que tornam o ambiente mais acolhedor. São práticas aparentemente corriqueiras que revelam o diálogo constante entre o ser e o espaço, transformando o cotidiano em poesia.

Viver o espaço constitui um ato de imaginação concreta, transformar o cotidiano em algo significativo, fazer do pouco uma abundância, reconhecer no espaço a possibilidade do sonho e construir narrativas de vida que se renovam a cada gesto de cuidado. Norberg-Schulz (2006) argumenta que habitar envolve a criação de um "mundo pessoal" dentro do espaço, onde o indivíduo estabelece uma relação profunda e simbólica com o ambiente.

Essa perspectiva está em consonância com a ideia de que, o indivíduo cria universos íntimos, recantos de ternura e permanência que resistem ao tempo e às limitações materiais, firmando seu senso de pertencimento no mundo.

Essas reflexões fenomenológicas encontram ressonância nas experiências observadas durante o trabalho de campo, quando o ato de habitar se manifesta nos gestos e nas narrativas dos entrevistados. Cada fala revelava uma forma singular de dar vida ao espaço; havia quem descrevesse o conforto de ter seu cantinho, o lugar onde o corpo descansava e a mente encontrava paz, e outros que narravam o esforço cotidiano de preservar o abrigo diante das dificuldades.

Em todas as vozes ecoava o mesmo desejo de transformar o transitório em lar e fazer do espaço vivido um refúgio simbólico. Essa busca por permanência traduz a chamada "intimidade do abrigo", um espaço que protege, acolhe e, ao mesmo tempo, oferece liberdade para sonhar e recomeçar.

Habitar consiste, portanto, em construir uma relação viva com o espaço, recriando o mundo a partir dos vínculos e das experiências cotidianas. É o gesto humano que transforma a casa em ninho, o quarto em refúgio e o canto em mundo. Nesse processo, o espaço deixa de ser cenário e torna-se experiência de vida, ponto de encontro entre o visível e o sensível, entre o corpo e a alma, revelando sua plenitude quando o espaço acolhe o ser e o ser, por sua vez, devolve ao espaço o dom de existir.

O ato de habitar está presente nos gestos mais simples, mas carregados de intenção e afeto, ao arrumar uma cama, pendurar uma cortina, escolher um objeto para a estante, cuidar de uma planta, colocar um quadro na parede. Conforme Tuan (1977), cada gesto, por menor que seja, reafirma o vínculo entre o morador e o ambiente, transformando o espaço físico em extensão da própria identidade. O espaço se torna significativo quando é preenchido pelas experiências humanas, ele se transforma em uma "concentração de valor", permitindo uma habitação plena.

Alguns transformam o espaço por completo, em busca de um recomeço, de um novo olhar sobre a vida. Outros escolhem pequenas alterações, quase imperceptíveis, que espalham conforto e reforçam o sentimento de pertencimento. Cada gesto cotidiano revela que habitar é um diálogo entre o corpo e o espaço, a matéria ganha vida pela presença, e a presença se ancora na materialidade.

Em cada canto organizado, em cada sinal de uso, há uma afirmação de existência. O espaço deixa de ser apenas abrigo e se torna testemunho da vida que nele pulsa, carregando memórias, afetos e histórias. Habitar é, assim, uma forma de declarar: "eu estou aqui, este é o meu universo".

Embora profundamente pessoal, o ato de habitar reverbera no coletivo. É na convivência, no compartilhamento e nas interações que surgem ritmos, significados e vínculos que expandem a função física da moradia, transformando o espaço em território de relações, memórias e pertencimento.

A presença das pessoas, suas rotinas, interações e cuidados cotidianos faz do espaço um lugar vivo, carregado de memória, afeto e identidade coletiva. Dessa forma, o habitar não se limita ao interior das residências, mas se expande para o entorno, moldando o bairro e fortalecendo laços sociais, tornando o território uma extensão da experiência de vida daqueles que o ocupam (LEFEBVRE, 1991).

Essas dinâmicas coletivas moldam a experiência individual e promovem transformações significativas no espaço urbano. A chegada da UNEMAT ao bairro inaugurou um novo ciclo, instaurando um outro modo de sentir e habitar o espaço. O que antes era rotina previsível transformou-se em vibração sensível, em ritmo que se podia quase tocar.

As manhãs, antes tranquilas, começaram a despertar com o som dos passos apressados, risos, vozes que se cruzavam nas calçadas. O zumbido dos motores misturava-se ao murmúrio das conversas, compondo uma sinfonia cotidiana que preenchia o bairro de presença e de

sentido. Era como se aquele espaço, adormecido em sua quietude, respirasse fundo e abrisse as janelas para o inesperado. E esse movimento que tomava as ruas logo atravessou os muros, invadindo o interior das casas.

Os imóveis, antes contidos e silenciosos, transformaram-se em moradias cheias de vida, movimento e som. Das janelas abertas escapavam vozes, músicas e cheiros que se misturavam ao calor do dia. Essa transformação operou verdadeiras metamorfoses, nas quais cada morador reinventava o cotidiano e, ao mesmo tempo, redimensionava o sentido de estar naquele espaço. O bairro inteiro passou a ter alma, ritmo, pulsação e um novo modo de existir.

À medida que o espaço se transforma e ganha vida, novas relações sociais emergem, fortalecendo o senso de comunidade. O habitar se manifesta nas redes de solidariedade que se estabelecem entre vizinhos, nas partilhas de alimentos, nas conversas nas varandas e calçadas, no modo de produzir cultura e nas pequenas celebrações que surgem espontaneamente, reforçando laços e fortalecendo a vida coletiva.

Nessa dinâmica social, cada ação simples, cozinhar, cuidar, conversar, construir ou transformar, carrega significados, saberes que se acumulam ao longo do tempo e que traduzem a experiência coletiva. É nessa mistura de práticas que a cultura se revela, nos modos de viver, conviver e enfrentar os desafios diários, sempre com criatividade e engenhosidade. Como nos lembra D'Ambrosio (2005), a cultura manifesta-se nos fazeres e saberes produzidos no cotidiano, nas formas pelas quais os grupos humanos organizam e dão sentido à vida. Habitar, portanto, envolve participar de uma teia invisível de gestos, afetos e sentidos que dá forma à vida e torna cada lugar singular.

Lefebvre (1991) destaca que o espaço é um produto social continuamente produzido e reproduzido, resultado das práticas humanas que nele se inscrevem. Assim, o espaço habitado nunca permanece estático, pois se transforma junto com as pessoas que o ocupam, com seus sonhos, necessidades e possibilidades.

As moradias compactas, muitas vezes simples e modestas, que compõem a paisagem, são testemunhos concretos dessa dinâmica contínua. Elas revelam a capacidade humana de adaptar-se, reinventar-se e deixar marcas no território, mostrando que habitar é um exercício de criatividade e resistência, um modo de afirmar identidade e vínculo com o lugar mesmo diante das limitações materiais.

Assim, habitar deve ser compreendido como um gesto político, afetivo e existencial. É a ação de transformar o chão comum em território compartilhado, onde se entrelaçam histórias, memórias e esperanças.

Quando compreendido enquanto fenômeno coletivo, o habitar revela a necessidade de pensar políticas públicas e urbanísticas que reconheçam essa dimensão simbólica e cultural. Garantir uma moradia adequada constitui apenas o início desse processo; tornar possível uma experiência plena de habitar implica considerar os vínculos que se constroem, os sentidos que se produzem e as formas pelas quais cada sujeito se reconhece no espaço que ocupa. Trata-se de ampliar o olhar para além da estrutura física, alcançando as experiências humanas que dão vida ao território e sustentam o sentimento de pertencimento.

A partir dessa leitura, habitar ultrapassa a esfera da necessidade e se inscreve como experiência que articula identidade, memória e relações sociais. Ao ocupar, cuidar e transformar um espaço, os sujeitos não apenas respondem a demandas materiais, mas produzem sentidos, constroem vínculos e inscrevem suas histórias no território. Assim, cada moradia, por mais simples que seja, torna-se expressão de vida, lugar de encontro entre o individual e o coletivo, entre o vivido e o imaginado.

6.2. O PRIMEIRO PASSO: A BUSCA POR UM LUGAR NO MUNDO UNIVERSITÁRIO

O ingresso na universidade representa um período de intensas transformações, atravessado por expectativas, incertezas e decisões que ultrapassam o campo acadêmico. Escolher um curso, para muitos jovens, não significa apenas optar por uma profissão, mas delinear um modo de existir e projetar um futuro possível. Esse momento traz consigo mudanças na vida pessoal, exigindo novas formas de pensar, sentir e se relacionar, despertando dúvidas quanto aos caminhos que serão percorridos.

Para Erikson (1972), a juventude é uma fase de construção identitária, em que o indivíduo busca compreender quem é e o que deseja ser. Bauman (2001) observa que, na sociedade contemporânea, as escolhas tornaram-se cada vez mais instáveis e provisórias, o que amplia o sentimento de incerteza. Assim, o ingresso na universidade não se limita a uma mudança de ambiente, mas representa uma travessia simbólica que convida o estudante a se reinventar diante das novas experiências e possibilidades que encontra nesse percurso.

As razões que conduzem à escolha por uma graduação são diversas e atravessam dimensões pessoais e práticas. Envolvem sonhos, o desejo de realização, a busca por

estabilidade financeira, o reconhecimento social e as condições reais de acesso, proximidade do *campus* e os custos de permanência. Adaptar-se a esse novo contexto requer enfrentar o desconhecido, reconstruir vínculos e reorganizar expectativas. Aos poucos, a experiência universitária se transforma em um processo contínuo de aprendizado e amadurecimento, em que viver e aprender caminham lado a lado.

Entre essas trajetórias está a de Isamara Alves Almeida, cuja afinidade com o ensino nasceu ainda na infância. “Minhas matérias favoritas eram Ciências Biológicas e Matemática. Sempre sonhei em ser professora”, conta, com brilho nos olhos. Entre as duas áreas que despertavam seu interesse, a Matemática acabou se impondo, conduzindo-a ao caminho da docência. Em suas palavras, percebe-se um sentido que vai além da escolha de uma profissão: o desejo de participar de um processo de transformação, de aprender e ensinar em diálogo com o outro.

Hiayssa França Almeida, por sua vez, descobriu sua vocação de forma inesperada. O interesse pela Arquitetura surgiu durante uma conversa casual com um parente, professor da área. Aquele encontro despertou uma curiosidade que, pouco a pouco, se transformou em projeto de vida. Sua decisão de ingressar na universidade expressava o desejo de conquistar autonomia. “Eu quero viver por conta própria”, relembra, ao narrar o momento em que decidiu mudar-se para Barra do Bugres. Para ela, a vida universitária é a oportunidade de experimentar a liberdade e construir a própria rotina.

Nem sempre, contudo, a vocação é o principal motor das escolhas. As entrevistas mostraram que fatores práticos, como a localização do *campus*, as condições financeiras e o acesso facilitado, exercem influência decisiva sobre as decisões dos estudantes. Otávio Henrique Santana Mendes ilustra bem essa lógica ao afirmar que “o acesso facilitado, as notas de corte mais baixas no SISU e a proximidade do *campus* tornam o curso uma escolha estratégica”. Nesse caso, o ingresso na universidade é menos movido por um ideal de carreira e mais por um cálculo de viabilidade.

Além das condições materiais, o universo digital passou a desempenhar papel importante nas escolhas acadêmicas. Luana Alves de Souza recorda: “Assisti a uma chamada da UNEMAT nas redes sociais e fiz uma pesquisa sobre o curso. Isso me influenciou bastante.” Sua fala revela a presença da universidade nas plataformas virtuais criando formas de aproximação, despertando curiosidade e sentimento de pertencimento antes mesmo da chegada física ao *campus*. A imagem projetada nas redes funciona como um convite simbólico, um primeiro contato com o que virá a se tornar uma experiência transformadora.

Chegar a uma nova cidade traz consigo o peso da ansiedade e da expectativa. O estudante, ao deixar o conforto familiar, carrega na bagagem além de roupas, sonhos, planos e uma imagem idealizada do que o aguarda. Muitos, ao buscarem um lugar para morar, recorrem à internet e às redes sociais, firmando contratos à distância com base em fotografias e descrições que prometem conforto e praticidade. O que parecia o início promissor de uma nova etapa, nem sempre se confirma na realidade.

Essa discrepância entre o que se imagina e o que se encontra ganha forma na experiência de Hiayssa, que encontrou sua primeira moradia através das mídias sociais. O imóvel parecia perfeito, com preço acessível e promessas de conforto. “Pesquisei através das redes sociais, conversei com a proprietária e fechei o contrato de um ano”, relembra. Mas a confiança depositada nas imagens e descrições virtuais logo se mostrou frágil diante da realidade concreta.

Bauman (2001) lembra que, na modernidade marcada pela instabilidade, a confiança tornou-se um investimento incerto, fragilizado pelas mediações tecnológicas e pela efemeridade dos vínculos. Essa tensão entre o espaço sonhado e o espaço habitado, descrita por Lefebvre (2001), expõe o descompasso entre a promessa do virtual e a materialidade imperfeita do cotidiano.

Entre expectativas frustradas e tentativas de adaptação, a busca por moradia transforma-se em um exercício de sobrevivência e criatividade. Diante das dificuldades logísticas e financeiras, muitos estudantes recorrem ao compartilhamento de espaços. Otávio optou por dividir uma pequena moradia com um amigo, buscando reduzir custos, estratégia comum entre universitários que precisam ajustar seus orçamentos à nova vida acadêmica. Outros contam com o apoio de redes já estabelecidas na cidade. Gilberto Firmino dos Santos Junior encontrou seu primeiro lar no Residencial Tabajara 2 por indicação de um primo, enquanto Emilly Vitória Santos Meireles foi acolhida com a ajuda de amigos que já viviam no município.

As primeiras impressões costumam ser intensas. Muitos relatam a sensação de estarem deslocados, perdidos em um mar de rostos novos e espaços ainda sem significado. O estranhamento inicial torna-se um rito de passagem, uma travessia necessária que, com o tempo, se transforma em sentimento de pertencimento. Ainda assim, encontrar uma moradia que atenda às próprias necessidades torna-se prioridade imediata.

O movimento entre residenciais é quase um jogo de adaptações, no qual cada estudante busca o espaço que melhor se ajusta ao seu modo de viver. Uns priorizam a proximidade da universidade, desejando otimizar o tempo entre as aulas e o estudo, outros preferem opções

mais econômicas, dispostos a compartilhar o cotidiano com amigos ou até mesmo com desconhecidos na esperança de que a convivência traga, além do alívio financeiro, novas amizades e aprendizados. A mudança, nesse contexto, deixa de ser exceção e passa a compor o próprio enredo da vida universitária, revelando um constante exercício de reconstrução e permanência.

6.3. O MUNDO QUE ENCONTREI

Chegar a uma nova cidade é atravessar um território de sonhos e incertezas. Antes mesmo de pisar em Barra do Bugres, muitos estudantes já se perguntavam como seria viver longe da família, partilhar o lar com desconhecidos e reorganizar a própria rotina. O que os aguardava era mais do que uma mudança de endereço, tratava-se de um processo de reconfiguração de si. Bachelard (1993) lembra que o primeiro encontro com o espaço é sempre uma experiência poética e existencial, em que desejos, medos e memórias se unem na tentativa de dar forma ao habitar.

Entretanto, a realidade que se revela nem sempre corresponde ao imaginado. Entre o fascínio da expectativa e o desconforto do real, o estudante se vê diante de uma cidade que precisa aprender a decifrar. As gravações realizadas revelam esse impacto inicial: o estranhamento diante das ruas, das moradias e do ritmo cotidiano. O novo mundo se anuncia em fragmentos, o calor que pesa sobre o corpo, o vazio das praças, o cheiro das ruas e o som metálico dos portões que se fecham ao entardecer. É nesse mosaico de sensações que os jovens tentam, pouco a pouco, construir sentido para a experiência da chegada.

Emilly traduz esse primeiro choque ao afirmar: “À primeira vista, a cidade é bem pacata e, para ser sincera, um pouco feia”. Chegara dias antes do início das aulas, disposta a se organizar e montar seu espaço. Caminhou pelas ruas, observou as fachadas e registrou uma paisagem distante da acolhida que imaginara. A cidade lhe pareceu parada, com ruas sujas e poucas áreas verdes. Sua fala, mais que um comentário estético, expressa o impacto emocional de quem encontra um território que impõe solidão antes de oferecer pertencimento.

Nicolas Rodrigues Sherring partilha a mesma percepção ao relatar o impacto da ausência de espaços de convivência e lazer. Logo ao chegar, notou a carência de praças, parques e oportunidades de trabalho, elementos que, segundo ele, acabam afastando muitos colegas para cidades maiores em busca de experiências mais dinâmicas e possibilidades de crescimento. “A

cidade transmite uma sensação de abandono", observa, destacando que essa limitação não se restringe ao lazer, mas compromete o desenvolvimento acadêmico e profissional.

Essa leitura ecoa o pensamento de Sennett (2018), para quem a cidade é, antes de tudo, um espaço compartilhado, um palco das experiências comuns e da construção das relações humanas. Quando faltam lugares que favoreçam o encontro, empobrecem-se as oportunidades de convivência e de formação integral do ser humano.

Nicolas recorda um episódio marcante ao descrever o entorno do residencial onde viveu, situado ao lado de um terreno baldio transformado em depósito de lixo e abrigo de roedores, cobras e escorpiões Figura 23. "Era perigoso, tinha muito mato e bicho. À noite, o medo era constante", relembra. O espaço, que inicialmente parecia acolhedor, passou a representar ameaça. A ausência de iluminação e o abandono do entorno alimentavam a sensação de risco e solidão, fazendo do retorno para casa, ao cair da noite, um trajeto de apreensão.

Figura 23 - Terreno baldio ao lado de um residencial.



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2026).

Essa realidade expressa o que Santos (1993) identifica como uma das faces mais evidentes da desordem urbana a ausência de políticas de gestão e manutenção capazes de assegurar o direito a um ambiente limpo, seguro e habitável. Quando o poder público se ausenta, permitindo o acúmulo de lixo, o abandono dos terrenos e a carência de infraestrutura básica, a precariedade ultrapassa o espaço coletivo e alcança o interior das casas, corroendo o sentido de moradia enquanto abrigo e proteção.

Essa ausência de cuidado com o urbano encontra eco na experiência de Hiayssa, que recorda o momento em que chegou ao residencial e abriu a porta de sua nova moradia. As

paredes exibiam mofo, sujeira e infiltrações, o espaço era bem menor do que imaginara. Antes da mudança, havia visto fotos nas redes sociais, sem referência de medidas, o que a levou a criar uma imagem idealizada do lugar. A decepção foi imediata, revelando as fragilidades das moradias que muitos estudantes encontram ao chegar.

A precariedade não se restringia ao tamanho reduzido do cômodo. A falta de privacidade se evidenciava em soluções arquitetônicas que contrariavam o próprio sentido de refúgio. O banheiro, instalado dentro do quarto e com uma janela baixa voltada para o corredor, eliminava qualquer sensação de privacidade, gerando desconforto e constante sensação de exposição. A área externa, compartilhada com o vizinho, acentuava essa invasão. A limpeza do espaço coletivo era motivo de conflito: “usavam a lavanderia e os meus produtos de limpeza, e ainda deixavam tudo sujo. Às vezes, esqueciam roupas de molho por dias, até apodrecerem e espalharem um cheiro insuportável.”

Enquanto o relato de Hiayssa evidencia a tensão entre o desejo de privacidade e a exposição imposta pela estrutura da moradia, a experiência de Otávio revela outra dimensão da precariedade habitacional. O esforço diário para conviver com espaços mínimos e insalubres era agravado pela necessidade de equilibrar o orçamento. Para viabilizar sua permanência em Barra do Bugres, ele precisou dividir um quarto com um amigo, pagando um aluguel de R$ 360,00, uma quantia que só se tornava viável com a divisão do espaço e com a realização de diárias noturnas para custear despesas.

“Um quarto com duas camas de solteiro, um pequeno banheiro, cozinha integrada à sala”, descreve. “A cobertura de telhas de amianto intensificava o calor, especialmente à tarde, quando o sol incidia diretamente sobre a parede, tornando o ambiente quase insuportável.” O mofo nas paredes e o entorno constantemente sujo expõem a vulnerabilidade da moradia. A necessidade de conciliar estudos, cuidados básicos e trabalho evidencia que a trajetória acadêmica se constrói muitas vezes em paralelo à resistência frente à escassez material.

Para lidar com as condições adversas da moradia, Otávio buscava passar a maior parte do tempo na universidade. Sempre que não estava em sala de aula, procurava permanecer em espaços que oferecessem acesso ao ar-condicionado, transformando esses ambientes em uma extensão do seu cotidiano e um refúgio temporário contra o calor intenso e o desconforto da moradia.

Entre os relatos, a experiência de Isamara se destaca pela intensidade com que revela as contradições entre o desejo de estabilidade e os desafios do cotidiano nos residenciais

universitários. Ao narrar sua trajetória, sua fala emergia marcada por pausas longas e expressões de cansaço. Descreveu o local onde viveu como um espaço “tóxico”, palavra que carregava não apenas o desconforto físico, mas o peso emocional de permanecer em um ambiente que, aos poucos, corroía o sentido de lar. Em tom de desabafo, questionou se, de fato, havia existido algum planejamento: “Parecia que ninguém pensou que ali alguém precisava estudar e viver”, antes de construir o residencial.

A moradia compacta, que deveria oferecer abrigo e tranquilidade, tornava-se um território de tensão constante. “Eu não podia tomar um *tereré* sentada na porta de casa”, lamentou. Nesse gesto negado, aparentemente banal, concentrava-se a ausência de pertencimento e a impossibilidade de encontrar sossego, um pequeno ritual de convivência impedido pelo medo e pela hostilidade do entorno.

O residencial em que vivia diferenciava-se de outros próximos à universidade. Não era destinado exclusivamente a estudantes, qualquer pessoa em busca de um abrigo podia alugar uma moradia. Essa mistura de perfis criava ruídos, disputas e insegurança. Festas que se prolongavam até a madrugada e o consumo excessivo de álcool tornavam o ambiente insalubre. “Várias vezes desliguei o padrão de energia dos vizinhos de madrugada, porque ninguém conseguia dormir com o som alto até altas horas”, recordou, com um misto de resignação e incredulidade. O descanso, algo tão elementar para quem estuda e trabalha, tornava-se um privilégio distante.

A insegurança atravessava seu cotidiano e agravava o sentimento de desgaste. Casos de assédio, furtos e até trocas de tiros nas imediações do residencial a fizeram viver em estado de alerta permanente. O medo transformava gestos simples de sentar-se na porta de casa ou caminhar à noite em atos de risco. Essa sensação constante de vulnerabilidade, compartilhada por muitos estudantes, revela um dos fatores que mais afastam jovens da universidade, ou seja, a insegurança urbana, mina o desejo de permanecer e pertencer ao lugar.

Sennett (1997) aponta que a configuração dos espaços urbanos e arquitetônicos repercute no corpo e nas emoções humanas; diante de ambientes instáveis ou hostis, o corpo se contrai, e o medo se instala, moldando o modo de viver. Entre os estudantes, essa experiência se manifesta de forma sensível, mostrando que a insegurança urbana vai além do risco físico: ela desgasta o vínculo afetivo com o lugar e enfraquece o impulso de permanecer.

O que a mantinha ali era a proposta da proprietária para que assumisse a função de “gerente” do residencial, em troca de uma redução de 50% no valor do aluguel. À primeira

vista, parecia uma solução para aliviar o peso financeiro, mas, com o tempo, transformou-se em uma carga emocional e social ainda maior. “Com o passar do tempo, o que parecia um benefício virou um fardo”, confessou. Além das tarefas domésticas e dos estudos, Isamara passou a mediar conflitos entre moradores, cobrar aluguéis e lidar com reclamações constantes. Sua casa deixava de ser um espaço de descanso para se converter em uma extensão da jornada de trabalho e vigilância.

A vulnerabilidade financeira agravava essa exaustão. Isamara sobrevivia apenas com os auxílios oferecidos pela universidade, moradia e alimentação, que totalizavam R$ 700,00 reais quantia que mal cobria o básico: aluguel, energia e alimentação. Tentou diversas vezes conseguir emprego na cidade, sem sucesso. Eventualmente, realizava diárias para obter alguma renda extra. “Eu mal consigo comprar um par de tênis”, disse, em um desabafo que extrapola o plano material. Essa frase, simples e direta, expressa a dimensão simbólica da escassez, uma privação que não se restringe à falta de recursos e alcança o campo da dignidade e da possibilidade de viver com leveza.

Essas narrativas deixam claro que, para muitos estudantes, as primeiras moradias são escolhidas a partir de critérios essencialmente práticos, sobretudo a proximidade com a universidade e o custo do aluguel. Em grande parte dos casos, os contratos são firmados ainda à distância, por meio de redes sociais, grupos de WhatsApp, indicações de amigos ou imobiliárias. Antes mesmo de conhecerem a cidade, os estudantes já se encontram vinculados a um espaço e, muitas vezes, condicionados a acordos que dificultam mudanças imediatas.

Nesse momento inicial, o olhar está voltado para a urgência da adaptação, deixando em segundo plano aspectos relacionados à qualidade do ambiente, à segurança e ao conforto. A necessidade de garantir um teto leva muitos a aceitarem residências precárias, com contratos que variam de seis meses a um ano.

É no convívio cotidiano que as fragilidades do espaço começam a se revelar: infiltrações, calor excessivo, falta de privacidade, ruídos e insegurança passam a compor a experiência de morar. Com o tempo, essas condições deixam de ser toleráveis, e, ao término dos contratos, a busca por bem-estar e dignidade impulsiona a mudança para moradias que ofereçam melhores condições de habitar.

É nesse processo de vivência e reavaliação que os estudantes passam a ressignificar seus critérios de escolha. Nesse contexto, a fala de Isamara expressa com clareza essa mudança de percepção: “Não adianta morar em um local muito barato, porque normalmente é um local

abandonado... não vale o estresse.” Sua fala revela uma compreensão amadurecida, compartilhada por muitos estudantes, na qual o valor da moradia deixa de estar associado apenas ao preço e passa a ser reconhecido nas condições que o espaço oferece: conforto, tranquilidade e o sentimento de estar em casa.

Ao habitar um novo espaço, cada estudante se vê diante do desafio de reconstruir o próprio sentido de lar. As moradias compactas, os espaços públicos degradados e a ausência de vitalidade urbana moldam o cotidiano, interferem diretamente na maneira como esses jovens constroem vínculos, pertencimento e identidade. Contudo, é justamente nesse terreno de adversidades que florescem gestos de resistência e esforço de permanecer. Habitar, nessas circunstâncias, torna-se um ato político, uma afirmação de existência diante da invisibilidade e das condições limitantes impostas pela cidade.

Compreender o mundo que esses estudantes encontram é reconhecer que a moradia não se resume a paredes e telhados, mas envolve afetos, memórias e o direito de existir com dignidade. Os relatos evidenciam que, mais do que abrigar, habitar é construir laços, projetar esperanças e reivindicar um espaço onde corpo e alma possam, finalmente, repousar.

É justamente nesse entrelaçamento entre o vivido e o necessário que se revela a complexidade do habitar universitário. Ao observar o cotidiano dos estudantes que vivem em moradias compactas próximas à universidade, torna-se possível perceber que habitar, nesses contextos, mobiliza adaptação e invenção. A casa, muitas vezes reduzida ao essencial, se apresenta como um território em construção, um espaço que vai sendo continuamente reorganizado para sustentar a vida acadêmica e cotidiana.

É nesse ponto que o conceito de bricolagem, elaborado por Claude Lévi-Strauss em O pensamento selvagem, oferece uma chave interpretativa sensível. Para o autor, o *bricoleur* é aquele que cria com o que tem à mão, reunindo elementos disponíveis e experiências acumuladas, produzindo soluções singulares a partir do que o mundo oferece. Há, nesse gesto, o princípio de que “isto sempre pode servir” (LÉVI-STRAUSS, 1970, p. 39), como se cada objeto, cada detalhe do cotidiano, carregasse uma possibilidade latente de transformação.

Nas moradias compactas, essa lógica se manifesta de forma simples e cotidiana: transformar uma mesa em lugar de estudo e refeição, fazer de uma cortina uma fronteira simbólica, de um ventilador um aliado contra o calor. Cada escolha revela uma inteligência prática, um saber incorporado que nasce da experiência direta com o real.

O estudante se torna, assim, um *bricoleur* de si mesmo, rearranjando o mundo ao redor para conseguir estudar, descansar, alimentar-se e permanecer. Habitar passa a significar compor um lar aos poucos, não como projeto ideal, mas como arranjo possível, costurado por pequenas estratégias de continuidade.

Nesse sentido, a bricolagem ultrapassa o plano material e alcança uma dimensão epistemológica. Kincheloe (2001) lembra que a bricolagem pode ser compreendida como interdisciplinaridade, um modo de conhecimento que recusa a ideia de neutralidade absoluta e reconhece que toda experiência é atravessada por história, posição e contexto. Assim, o fazer *bricoleur* torna-se um estado contínuo de encontro e reinvenção, no qual o cotidiano se converte em espaço de criação.

Essas práticas revelam que o habitar universitário é atravessado por um pensamento inventivo, uma espécie de arquitetura cotidiana feita de ajustes e pequenas reinvenções. Habitar, aqui, não é simplesmente ocupar. É compor. É *bricoler*. É transformar o espaço mínimo em território existencial. Nesse movimento, desponta uma poética discreta do cotidiano: a arte de fazer do pouco um mundo.

SEÇÃO 7

7. PELOS OLHOS DE QUEM MORA: DESAFIOS, EXPERIÊNCIAS E VÍNCULOS NAS MORADIAS COMPACTAS

Olhar para as moradias compactas a partir daqueles que as habitam é adentrar um universo em que o espaço acolhe trajetórias amplas e complexas. Cada estudante reinventa o cotidiano entre limites materiais e gestos de criação, o quarto que se converte em sala de estudo, o corredor que se transforma em ponto de encontro, a rotina que se rearranja para caber no espaço disponível. Nos relatos, surgem tensões, descobertas e modos singulares de produzir pertencimento. Entre rupturas, improvisos e vínculos que se adensam em meio às dificuldades, o habitar revela-se um processo vivo de produção de sentido, negociação de afetos e sustentação da permanência universitária em um território que, pouco a pouco, se torna lugar.

Tuan (1983) lembra que o espaço só ganha densidade quando atravessado pela experiência e pelo afeto. É nessa mistura de gestos cotidianos, a procura por um metro quadrado de respiro, a conversa que se desenha ao redor de uma xícara de café, que a moradia compacta deixa de ser um território impessoal e passa a pulsar com a presença, a história e a persistência de quem a habita.

7.1. OS DESAFIOS DA INFRAESTRUTURA COMPACTA

As moradias compactas ecoam histórias de adaptação, reinvenção e improviso, revelando, ao mesmo tempo, o quanto a ausência de planejamento atravessa a experiência de quem nelas reside. Isamara descreve essa realidade com nitidez ao recordar o antigo residencial onde viveu, marcado pela mistura de materiais e por reformas executadas sem critérios técnicos. “No residencial onde eu morava, era claro, o quarto tinha um tipo de cerâmica, o banheiro outro e a cozinha outro”. Era possível perceber “que uma parede havia pertencido a um antigo banheiro, com vestígios de azulejo e marcas das instalações hidráulicas, indicando onde antes se localizavam o chuveiro e o registro.”

Essa composição fragmentada remete a uma colcha de retalhos arquitetônica, evidencia a carência de um projeto coeso e de acompanhamento técnico nas modificações. Cada adaptação parece responder apenas a uma necessidade imediata, sem atenção ao conjunto ou à

segurança estrutural. “Tinha pedaços de parede que não podiam ser derrubados, porque poderiam mexer na estrutura”, completou.

A Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT, 2021) reforça essa compreensão ao afirmar que a ausência de um projeto bem elaborado e de fiscalização técnica por profissionais habilitados compromete a segurança, a durabilidade e o desempenho das edificações. O órgão normativo destaca que somente o acompanhamento técnico assegura estabilidade estrutural e aplicação correta das soluções construtivas. Sem esse suporte, as intervenções tornam-se arbitrárias, acarretando riscos e perdas de desempenho ao longo do tempo.

Ao recordar as ampliações no residencial, Isamara menciona o modo como os ambientes foram sendo sobrepostos. “Construíram um novo bloco de moradias ao lado, nada a ver. Tinha um corredor com menos de noventa centímetros. Não circulava vento, porque não tinha por onde o ar entrar.” A largura reduzida do corredor evidencia condições inadequadas de circulação, uma vez que a ABNT NBR 9050 (2020) estabelece 0,90 m a dimensão mínima para corredores de uso comum em rota acessível. Espaços inferiores a esse patamar violam os princípios de ventilação cruzada e convecção natural, resultando em ambientes insalubres e em desacordo com as exigências de desempenho térmico habitacional.

Luana, por sua vez, chama atenção para outro aspecto das falhas construtivas, o desconforto térmico e a exposição da intimidade. “A área de serviço ficava na entrada, e o sol batia até o meio da tarde, deixando tudo quente. Eu colocava um varal alto com um lençol para amenizar o calor e ter um pouco de privacidade, porque quem passava via tudo dentro da casa.” Sua experiência revela o quanto esses espaços são concebidos sem levar em conta o morador, o sujeito que habita, sente e dá vida ao ambiente.

Nesse cenário, o olhar de muitos proprietários permanece preso à lógica estrita do retorno financeiro, resultando em construções que garantem o mínimo para existir, mas falham em oferecer aquilo que constitui o cerne do habitar: conforto, bem-estar e dignidade. Ao desconsiderar as necessidades humanas, ritmos e vulnerabilidades de quem as habita, essas moradias tornam-se estruturas que abrigam, mas não criam lugar.

Gilberto confirma que os vícios construtivos se repetem em diferentes residenciais. “A infiltração nas paredes é recorrente, e a pintura descasca em várias unidades. A escassez hídrica é frequente, e nós ficávamos dias inteiros sem abastecimento.” Em meio a isso, a solidariedade

aparece como estratégia de sobrevivência: “A solução era contar com amigos que tinham água em casa para poder tomar banho.”

A lentidão na manutenção é outro obstáculo constante. Segundo Gilberto, os reparos dependem da boa vontade do proprietário ou do gerente. “Eu mudei de moradia dentro do mesmo residencial porque, quando chovia, entrava água pelo buraco do ar-condicionado, aquela abertura dos modelos antigos. Pedi várias vezes para fechá-lo, mas nunca resolveram.”

A situação acabou sendo contornada apenas pela iniciativa individual. “Um dia, pedi para me mudar para a unidade ao lado que estava vaga. O estudante que morava lá havia fechado o buraco por conta própria, utilizando argamassa e algumas lajotas que encontrou na rua de sobras de construção.” Sua narrativa revela um cenário em que o cuidado com o espaço depende mais da criatividade e da persistência do morador do que da responsabilidade de quem administra o imóvel.

A precariedade atravessa as paredes e se estende pela cidade inteira. Calçadas, ruas e áreas de circulação revelam o mesmo descuido. Emilly recorda que o caminho até a universidade já se transforma em um desafio cotidiano: “A cidade não possui calçadas adequadas para pedestres. Elas estão sempre cheias de entulho, areia e pedra, que ficam por mais de um mês, e nada acontece.” A paisagem urbana, marcada por irregularidades, revela uma cidade que falha em acolher seus habitantes e faz com que o estudante enfrente obstáculos antes mesmo de chegar à sala de aula.

Nesse sentido, como aponta Lefebvre (1991), o espaço urbano não é neutro, mas produto de relações sociais que se materializam nas formas da cidade, evidenciando desigualdades e limitando o acesso pleno ao direito de viver e circular no espaço.

A comparação com outras cidades evidencia o contraste. Isamara recorda a gestão de resíduos de sua cidade de origem: “Tangará tem o Recicla”, mas “aqui não tem nenhum projeto nessa área. Só o lixão que queima noite e dia.” Suas palavras traduzem a frustração de quem chega esperando um ambiente minimamente organizado e encontra práticas distantes da lógica do cuidado coletivo.

Nos espaços de serviço, a precariedade se evidencia nas pequenas tarefas cotidianas. Hiayssa relata: “Na lavanderia, a calçada acumula lodo e fica escorregadia. Tem dois tanques, mas só uma torneira, e não há tomada para colocar a máquina de lavar para funcionar.” A fotografia apresentada na Figura 24 registra esse ambiente e ajuda a materializar o cotidiano que ela descreve.

Figura 24 - Lavanderia moradia compacta da Hiayssa



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2026).

Ainda sobre o cotidiano do local, outras dificuldades emergem. O abastecimento de água é instável. Para amenizar, o conjunto de moradias adotou um poço artesiano, mas o uso inadequado gerou novos problemas. “Quando novos moradores ligam a bomba sem saber, causa alagamento nas casas dos vizinhos.” Além disso, Hiayssa descreve problemas no sistema elétrico e hidráulico que geram insegurança permanente. “Se o chuveiro estiver ligado no modo quente e o micro-ondas for acionado, a luz da sala e da cozinha diminui de intensidade, ficando fraca e oscilando.”

A falta de informações técnicas agrava essa sensação. “Fiquei com receio de instalar um painel de TV na parede e atingir algum cano ou fio, e temia que a própria parede pudesse cair.” Seu relato expõe a fragilidade de habitar um espaço cuja estrutura é desconhecida.

Otávio, por sua vez, evidencia a distância entre moradores e proprietários, que frequentemente tratam os problemas estruturais com descaso. “Quando chove, escorre água pela parede do meu quarto. Entrei em contato com o responsável pelo imóvel e expliquei que meu quarto fica todo molhado”. A fotografia registrada na Figura 25 evidencia essa infiltração e ajuda a visualizar a situação descrita.

Figura 25 - Parede com infiltração no quarto de Otávio.



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2026).

Ele respondeu. “Quando chover de novo e escorrer água, grava um vídeo e me manda.” A resposta, marcada por incredulidade e resignação, evidencia a assimetria nas relações locatícias. “Os reparos, quando realizados, sempre são adiados para o final do ano”, prolongando situações de desconforto e insegurança.

Esses relatos revelam o quanto a experiência de habitar está intimamente ligada à estrutura urbana e à forma como a cidade se organiza ou se desorganiza em torno de quem chega para estudar. O improviso nas moradias, a negligência nas ruas e a ausência de políticas públicas moldam o cotidiano dos estudantes. Em meio a rachaduras, infiltrações e calçadas fora dos padrões de acessibilidade, os estudantes constroem cotidianamente formas de adaptação e resistência, habitando um espaço que insiste em não acolher, mas que ainda assim é transformado pela presença e persistência de quem o habita.

7.2. A DUPLA JORNADA: VIVER E ESTUDAR NO MESMO ESPAÇO

A vida universitária marca um período de intensas transformações. Ingressar no ensino superior é adentrar um território de descobertas, autoconhecimento e construção de novas formas de convivência. Nesse percurso, os estudantes enfrentam desafios que atravessam dimensões acadêmicas, emocionais e sociais, exigindo um constante movimento de adaptação e aprendizado.

A ansiedade se torna uma presença quase cotidiana. Ela se manifesta nos períodos de avaliação, nas semanas cheias de tarefas e até nos momentos de pausa, quando a mente continua em alerta, revisando planos e preocupações. “Estamos sempre sobrecarregados, vivendo em uma constante corrida contra o tempo”, relatou Otávio, sintetizando o ritmo que marca o cotidiano universitário.

O estresse acompanha esse movimento acelerado, resultado de uma rotina repleta de metas, prazos e responsabilidades. A dedicação aos estudos se cruza com a necessidade de organizar a vida prática, equilibrar o orçamento e manter o vínculo com a família. É um estado de atenção contínua, movido tanto pela exigência de resultados quanto pelo desejo de crescimento pessoal. Aos poucos, muitos aprendem a ouvir os sinais do corpo, o peso nos ombros, o cansaço acumulado e a dificuldade de concentração, buscando novas formas de lidar com o ritmo intenso da vida acadêmica.

Isamara relatou que, nos períodos de maior sobrecarga, sentia o corpo reagir antes mesmo de perceber o quanto estava exausta. “Eu acordo cansada, durmo cansada e vivo cansada”, disse, entre uma gargalhada que misturava ironia e resignação. Apesar do cansaço, sua fala não trazia o tom da desistência, mas o reconhecimento de que viver esse processo é um aprendizado. A universidade, com sua rotina exigente, a ensinou a criar pausas, a reconhecer limites e a buscar momentos de cuidado, seja em um café partilhado com colegas, seja em uma caminhada ao final do dia.

As emoções que atravessam a experiência universitária se manifestam em diferentes tonalidades. A ansiedade e o estresse coexistem com a curiosidade, o entusiasmo e o desejo de seguir adiante. Nos residenciais, esses sentimentos se misturam ao ritmo da convivência. Há momentos de recolhimento e introspecção, riso, partilha e apoio mútuo. Cada estudante descobre, à sua maneira, modos de recompor o equilíbrio, arrumando o quarto, cozinhando, ouvindo música ou trocando histórias com os vizinhos.

A trajetória de Hiayssa revela essa busca por harmonia. No início, mantinha-se reservada, observando o movimento do residencial à distância. Com o tempo, percebeu o valor das pequenas presenças, o colega que oferece ajuda, o olhar que acolhe sem dizer palavra. Entre esses gestos que dão leveza ao dia a dia, dois companheiros passaram a ocupar um lugar especial em sua rotina. A fotografia apresentada na Figura 26 mostra Théo e José Alfredo, seus gatos, cuja companhia afetuosa tornou o ambiente mais vivo e ajudou a transformar a moradia em um espaço de aconchego e serenidade.

Figura 26 - Théo e José Alfredo, companheiros de Hiayssa no residencial.



Fonte: Hiayssa França Almeida (2026).

“Não sei se sou eu que cuida deles ou se são eles que cuidam de mim”, contou, sorrindo. A presença dos animais trouxe leveza e ajudou-a a transformar o espaço em um lugar de afeto. “Eles apareceram quando mais precisava e, de alguma forma, preencheram o vazio que existia.”

Nessa relação, o lar deixa de ser apenas abrigo e se torna extensão daquilo que se sente. É onde o corpo repousa, mas também onde o afeto se enraíza e cria significado. Tuan (1983) lembra que o espaço ganha vida quando é tocado pela experiência e pelo sentimento é o afeto que o converte em lugar.

Essas narrativas evidenciam que o cuidado emocional e o convívio são dimensões da vida universitária. A intensidade das rotinas, o esforço contínuo e o desejo de corresponder às expectativas convivem com gestos sutis de afeto: o abraço, o diálogo, o tempo de descanso.

Entre o estudo e a convivência, os estudantes reinventam formas de estar no mundo e de sustentar o equilíbrio em meio às exigências.

O cotidiano universitário, portanto, se tece em ritmos diversos, ora acelerados, ora brandos, e em uma rede de experiências que formam não apenas o sujeito intelectual, mas o humano. Em meio às pressões, há sempre o desejo de pertencimento e de pausas que devolvem sentido ao viver. Freire (1996) postula que a educação, em sua essência, deve ser um ato de amor e de humanização, no qual o conhecimento e o afeto caminham juntos na formação integral do ser. Nesse movimento, o ato de habitar, estudar e conviver torna-se aprendizado contínuo, um exercício permanente de construção de sentido e de humanidade.

7.3. O COTIDIANO EM TENSÃO: SUPERANDO AS ADVERSIDADES DO MORAR

Durante o grupo focal, um ponto comum emergiu entre os participantes: o desafio de permanecer na cidade e conciliar as exigências acadêmicas com as condições de vida. O problema não se restringe ao pagamento do aluguel ou à compra de alimentos, mas à própria sustentação da existência em meio à escassez de oportunidades e à sobrecarga emocional que essa realidade impõe.

A ausência de empregos leva muitos estudantes a dependerem das chamadas “diárias”, realizadas, sobretudo, em bares, restaurantes e eventos. Essas atividades representam uma alternativa temporária, são trabalhos sem vínculo, esporádicos e marcados pela instabilidade. Essa forma de ocupação, desprovida de garantias e segurança, fragiliza a vida de quem dela depende (ANTUNES, 2009).

Essas diárias, embora representem uma alternativa de renda, impõem uma rotina exaustiva. Os horários são irregulares e, muitas vezes, o expediente se estende até a madrugada. Otávio ilustra essa situação: “O curso é integral, mas você sai de lá depois da meia-noite, uma hora da manhã, tudo precisa ser limpo e organizado antes de sair. E aí você ganha o quê? Sessenta reais. E ainda recebe depois de quinze dias ou mais.” No dia seguinte, muitos retornam às aulas às oito da manhã, com poucas horas de descanso e o corpo ainda marcado pelo esforço da noite anterior. O cansaço acumulado, reflexo direto desse ciclo, reduz a clareza mental, dificulta a concentração e torna o aprendizado mais desafiador.

A sobrecarga não se limita ao esforço físico. Há o desgaste emocional causado pelas relações de trabalho. “Seja por parte dos clientes ou dos empregadores”, relatam, “o assédio é constante.” Quando alguém falta, o grupo precisa cobrir a ausência, trabalhando dobrado, sem

acréscimo algum no pagamento. O valor permanece o mesmo. Essa rotina de esforço contínuo interfere diretamente na vida acadêmica e emocional dos estudantes, instaurando um ciclo de exaustão que torna cada dia uma tentativa de permanência.

Sennett (2009) observa que a instabilidade e a precarização do trabalho enfraquecem os laços de confiança e esvaziam o sentido de reconhecimento, gerando um desgaste emocional que se acumula, de forma silenciosa e contínua no corpo e na existência.

Isamara compartilha que o cansaço e o estresse começaram a afetar seu desempenho e sua saúde mental. “O estresse cotidiano desequilibra a gente por dentro.” A incerteza sobre conseguir pagar as contas do mês e a sensação permanente de instabilidade fazem do viver uma experiência de sobrevivência. “A gente vive do básico, do básico”, diz ela. “Aí você quer comprar um chinelo, tem de ensaiar para comprar esse chinelo. Quer ir a um evento, precisa de uma roupa, tem de ensaiar também.” O verbo “ensaiar” adquire aqui uma dimensão simbólica: representa o gesto de calcular, adiar o desejo e medir o possível dentro de uma vida regulada pela escassez.

As restrições não se limitam à renda. O espaço físico das moradias impõe limites e desconfortos. Hiayssa relata as noites interrompidas por barulhos vindos das casas vizinhas. “Às vezes, uma, duas, três horas da manhã tem vizinho limpando casa, arrastando móveis”. O ruído constante torna o descanso quase impossível, fazendo do repouso um desejo sempre adiado.

Outro ponto de tensão diz respeito às relações contratuais e à convivência com os proprietários das moradias. As regras de locação, frequentemente, são impostas de maneira rígida e pouco transparente. Hiayssa conta que, ao firmar o contrato de locação, encontrou o imóvel em condições precárias, com paredes sujas e sem pintura, mas, por necessidade, aceitou o acordo. Meses depois, ao tentar deixar o local, a proprietária recusou-se a autorizar a saída fora do período de férias, mesmo com o contrato já vencido, e ainda exigiu que o imóvel fosse completamente pintado. “Eu justifiquei, mas ela não quis me ouvir”, recorda. Após negociação, Hiayssa com a ajuda do seu companheiro Eduardo realizou a pintura, utilizando o material fornecido pela locadora. “Ainda tive que fazer os reparos da antiga moradora.”

A Lei do Inquilinato (Lei nº 8.245/1991) estabelece que os contratos de locação devem assegurar equilíbrio entre as partes, cabendo ao locador entregar o imóvel em condições adequadas de uso e conservação, sem transferir ao inquilino responsabilidades que não lhe

competem. Em síntese, a legislação reconhece o direito do locatário à transparência e ao tratamento justo nas relações de aluguel (BRASIL, 1991).

A precariedade das condições físicas, somada às relações de poder desiguais entre locador e locatário, revela um tipo de vulnerabilidade, vivida nos detalhes na parede mofada, na lâmpada queimada, no contrato que prende.

Para Nicolas, a moradia compacta é apenas um dos espaços que compõem sua experiência universitária. Com o alto custo da energia elétrica, ele prefere passar a maior parte do tempo estudando fora de casa, em locais como a biblioteca pública, onde, segundo ele, “quase não aparece ninguém lá, é ótimo para estudar”, a biblioteca da universidade ou alguma sala que esteja vazia naquele período. Esses espaços tornam-se refúgios, lugares de concentração e, de certo modo, de pertencimento.

Gilberto, por sua vez, relata as dificuldades impostas pelo barulho das festas nos fins de semana. O som alto, vindo de casas vizinhas, comprometia seu rendimento acadêmico: “Precisava de silêncio para estudar, mas era quase impossível”. Ele observa que as moradias compactas “não são pensadas para a vida acadêmica, mas apenas como soluções econômicas de habitação temporária”.

Os relatos convergem para uma mesma constatação: o ato de morar, para esses estudantes, é o ato de resistir. Trata-se de enfrentar a precariedade do trabalho, as limitações do espaço físico, a insegurança contratual e o peso da solidão. As moradias compactas tornam-se, assim, lugares de luta e de invenção cotidiana, espaços em que se aprende, mais do que habitar, a permanecer.

7.4. TECENDO A REDE: A CONSTRUÇÃO DE VÍNCULOS E O SENTIMENTO DE PERTENCIMENTO

Entre as paredes das moradias compactas, a convivência revela laços de solidariedade e práticas de apoio mútuo. Esses vínculos se manifestam nos pequenos gestos, nas conversas de corredor, nas trocas por aplicativos e nas redes simbólicas que sustentam a permanência na cidade. Bauman (2001) ressalta que, em situações de instabilidade e incerteza, essas redes de proximidade funcionam como âncora simbólica, mantendo o senso de continuidade na vida coletiva.

No residencial em que vive atualmente, Hiayssa descreve uma convivência tranquila, marcada pelo respeito e pela cooperação. Os moradores, em sua maioria universitários, estabeleceram regras de limpeza e de cuidado coletivo com as áreas comuns. Essa forma de autogestão espontânea mantém o ambiente organizado e fortalece o senso de responsabilidade compartilhada.

Segundo Bourdieu (2009), essas práticas de convivência surgem de disposições adquiridas na vida em comum, que orientam modos de agir, adaptar-se e criar acordos dentro do grupo. “Tudo depende muito do perfil das pessoas”, reconhece ela, “mas quando há respeito, tudo flui melhor.” Essa convivência baseada no respeito reflete-se nas experiências individuais, especialmente na de Hiayssa, que, embora reservada, encontra no residencial e na universidade oportunidades de socialização por meio da atividade em grupo e da convivência com colegas. “Aqui é calmo, a gente se entende, conversa, e resolve as coisas. “Quando preciso sair, sempre posso contar com colegas para alimentar meus gatos e molhar as plantas. Quando preciso de algo, podemos compartilhar ou dividir.”

Hiayssa compartilha a moradia com o namorado, Eduardo, com quem divide as despesas. Antes de se mudarem, moravam em um residencial com apenas um quarto, o que tornava difícil manter uma rotina de estudos. O novo residencial, embora mais caro, R$ 800 de aluguel, valor elevado para o padrão local, oferece dois quartos, o que possibilita reservar um espaço exclusivo para o estudo e outro para o descanso. Ela considera o valor compensatório pela sensação de segurança e bem-estar. Depois de ter vivido em locais mais vulneráveis, a segurança tornou-se para ela um critério essencial.

De modo semelhante, Gilberto recorda que, durante a graduação, preferia estudar no laboratório da Olimpíada de Matemática da universidade. Em casa, o espaço era reduzido demais. “Ou era a mesa da cozinha, ou a cama.” No laboratório, além de um ambiente mais silencioso e organizado, ele encontrava colegas com quem podia conversar, tirar dúvidas e estudar em grupo, uma rotina que fortalecia vínculos e ampliava o aprendizado.

Essa sobreposição entre o habitar e o estudar evidencia o quanto o espaço doméstico pode limitar o processo de aprendizagem. Ainda assim, ele observa que a convivência entre os moradores depende, sobretudo, da “educação”, termo que, em seu relato, abrange respeito e ética na vida coletiva. “Muitos saem da casa dos pais e passam a agir de acordo com a própria vontade, o que gera barulho e desorganização. Mas a maioria tenta se adaptar, se ajudar.”

Uma das principais formas de apoio e organização são os grupos de WhatsApp, que funcionam como redes de sociabilidade e suporte comunitário. Por ali, os estudantes avisam sobre falta de água, animais desaparecidos, compram e vendem utensílios ou divulgam vagas para dividir aluguel. “Tem muito isso quando o pessoal vai embora, vende as coisinhas baratas. É nessas brechas que a gente compra um armarinho, uma mesa”, explica Otávio.

Apontando para o canto do quarto, ele sorri. Ao mostrar parte do que deu forma ao seu espaço. A fotografia apresentada na Figura 27 registra alguns desses objetos, presentes e pequenas compras feitas entre colegas. “Essa escrivaninha e a cadeira eu ganhei da Hiayssa.” Em seguida, comenta que a mesinha de centro foi comprada de colegas que anunciavam móveis no grupo dos moradores. “Essas peças, antes descartadas ou trocadas entre estudantes, apenas precisavam de um toque especial para voltar a ser úteis.” Revelando que, entre trocas simples e gestos de cuidado, a vida se fortalece.

Figura 27 - Presentes e itens comprados em grupos universitários.



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2026).

Otávio comentou ter encontrado dois armários em um contêiner e os transformou em parte do mobiliário de sua moradia. Ele detalha o processo de reforma: “O armário de madeira estava bem danificado na parte de cima. Retirei a parte danificada e substituí por uma tela, preguei com grampos e depois pintei. O armário de ferro, eu só limpei bem, lixei por dentro e usei tinta spray para dar o acabamento. Ficou perfeito.” A fotografia apresentada na Figura 28 registra o resultado.

Figura 28 - Armários personalizados por Otávio.



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2026).

A personalização do espaço, além de ser econômica, torna-se uma maneira de ressignificar a moradia. Diante do branco das paredes e da impessoalidade dos ambientes alugados, os estudantes buscam formas sutis de imprimir presença e afeto. “A gente tenta dar uma vida no ambiente”, conta Emilly. Contudo, essa liberdade estética é mediada pela cautela econômica. “Coloca um quadrinho, uma plantinha..., mas sempre com cuidado, porque qualquer dano tem que pagar.”

Otávio acrescenta: “Então a gente usa fita dupla face, e depois passa um pouco de água com gesso, para retirar qualquer marca que tenha ficado.” Entre limitações e criatividade, o lar vai sendo construído no equilíbrio entre o permitido e o necessário para sentir-se em casa.

Na parede da moradia de Otávio, alguns quadros compõem a decoração, todos produzidos ao longo de sua vivência acadêmica. “O primeiro é um presente de uma amiga, durante a Semana de Arquitetura; o segundo surgiu de uma maquete elaborada na disciplina de Topografia; e o terceiro nasceu de um exercício na disciplina de Expressão e Representação.”

Personalizar o espaço alugado se converte em um gesto de afirmação, uma maneira de quebrar a impessoalidade que acompanha os imóveis destinados ao aluguel estudantil. Ao preencher a parede com fragmentos de sua história, Otávio transforma a moradia em lugar vivido, onde memória, afeto e tempo ganham corpo.

Essa ação dialoga com a compreensão de Lefebvre (1991), para quem o habitar é um processo essencialmente humano, no qual espaço e tempo se ligam na construção de uma vida criativa, distante de qualquer sensação de anonimato ou estranhamento. Habitar, assim, significa permitir que cada canto revele um pedaço de quem ali reside. A Figura 29 apresenta parte dessa materialidade afetiva que acompanha o estudante ao longo de sua jornada.

Figura 29 - Quadros produzidos ao longo das atividades do curso de Arquitetura.



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2026).

Entre os objetos que compõem essa narrativa visual, destacam-se medalhas e troféus conquistados no Projeto de Extensão "*Cheerleading*: Ferramenta de Integração e Inclusão Social".

O *Cheerleading*, modalidade que combina coreografia, acrobacias e trabalho coordenado em equipe, vai além do âmbito esportivo e se constitui como um espaço de convivência. A prática exige disciplina, confiança e cooperação, mas o que mais se evidencia é o sentimento de pertencimento que nasce dessa experiência coletiva.

O projeto aproxima estudantes de diferentes cursos e trajetórias, criando um ambiente de acolhimento, expressão e construção de laços que muitas vezes não encontra lugar nas rotinas acadêmicas formais. Ali, corpo e convivência dialogam, e a vida universitária ganha novos contornos.

As medalhas e troféus expostos por Otávio, apresentados na Figura 30, carregam essas vivências. Simbolizam competições, relações, encontros e memórias que transbordam o *campus* e chegam, de forma delicada, ao espaço da moradia. Reunidos na parede do quarto, esses objetos compõem uma narrativa sensível de seu percurso formativo, preenchendo o ambiente com sentidos que só a experiência vivida é capaz de produzir.

Figura 30 - Medalhas do Projeto de Extensão Cheerleading.



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2026).

Isamara encontrou na nova moradia um espaço de reconstrução. Segundo ela, “o ambiente é arejado, tem um pequeno quintal e os vizinhos são respeitosos. A proprietária demonstra atenção e resolve rapidamente os problemas”. Embora o aluguel tenha subido para R$ 480, ela considera que “vale a paz”. A melhoria do espaço refletiu diretamente em seu bem-estar emocional e em sua dedicação aos estudos.

No novo residencial, a convivência é atravessada por gestos de cuidado: “os vizinhos molham as plantas uns dos outros, compartilham a internet, conversam sempre, voltei a cultivar plantas”, um hábito simples, mas que simboliza o reencontro com o sossego e com a sensação de lar.

Nesse contexto, mesmo em espaços reduzidos, observa-se a presença de um forte senso de comunidade. Os vizinhos costumam se reunir para cozinhar, partilhar refeições e conversar, transformando o cotidiano em um exercício de convivência. Ao descrever a organização da limpeza das áreas comuns, Luana explica que essa dinâmica varia conforme o setor: “na parte superior, os moradores se encontram uma vez por semana para realizar a limpeza de forma coletiva; na inferior, onde fica a minha moradia, estabelecemos uma escala entre os apartamentos. Já no setor onde vivemos, cada morador se responsabiliza por sua área”, revelando diferentes maneiras de cuidar e habitar o espaço.

Entre esses acordos de convivência, há o chamado “código da porta aberta ou fechada”, um gesto simples que expressa a disponibilidade para o encontro. “Porta aberta, sinal de boas-vindas, porta fechada, tempo de recolhimento”. Descreve Hiayssa, “por mais que a gente goste de ficar sozinha, o ser humano precisa conviver. Aí tem hora que eu deixo a porta aberta, que sei que alguém aparece para conversar. Quando quero ficar quieta, fecho. É simples, mas funciona.”

Nem tudo é harmonia, no entanto. O barulho excessivo em certos horários, o arrastar de móveis de madrugada, e problemas com o descarte de lixo são fontes ocasionais de incômodo. “Mas é coisa que dá pra relevar”, pondera Otavio. “Não é sempre, e a gente conversa.” O maior desconforto, para alguns, vem de fora, o preconceito que parte dos vizinhos do bairro, que enxergam as moradias estudantis lugares de desordem. Essa desvalorização reforça o sentimento de marginalidade simbólica, como se o espaço de habitação universitária não fosse legitimamente parte da cidade.

7.5. APOIO E CONTINUIDADE: O PAPEL DOS AUXÍLIOS NA PERMANÊNCIA UNIVERSITÁRIA

O ingresso no ensino superior representa, para muitos jovens em vulnerabilidade socioeconômica, apenas a primeira travessia de um percurso longo e desafiador. Permanecer exige condições materiais capazes de sustentar o cotidiano acadêmico. Entre o sonho de acessar a universidade e a experiência concreta de nela permanecer surgem diversas tensões: a distância da família, os custos da moradia, a alimentação, o transporte, o material didático e a divisão do tempo entre estudo, trabalho e autocuidado.

A universidade, nesse contexto, torna-se espaço de transformação social apenas quando cria condições reais para que os estudantes permaneçam e concluam sua trajetória formativa. Conforme afirma Freire (1996, p. 75), “a educação não transforma o mundo mudando a consciência das pessoas ou formando-as para o mundo, mas mudando o mundo e, com ele, as pessoas”. Nesse cenário, as políticas de assistência estudantil são mecanismos institucionais de enfrentamento das desigualdades que historicamente atravessam o ensino superior brasileiro.

Na Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), essa função se materializa por meio do Programa de Assistência Estudantil (PAE), reestruturado pela Resolução nº 012/2021-CONSUNI. Política integrada que busca neutralizar os fatores de risco que ameaçam a permanência dos estudantes. Seu eixo central é claro, promover a permanência, reduzir

desigualdades, melhorar o desempenho acadêmico e minimizar situações de reprovação, retenção e evasão. A gestão do programa é coordenada pela Pró-reitora de Assuntos Estudantis (PRAE), responsável por organizar processos seletivos, acompanhar concessões e promover ações de atendimento estudantil.

A política de auxílios da UNEMAT parte do reconhecimento de que a vida universitária envolve custos que, para muitos estudantes, seriam intransponíveis sem apoio institucional. Por meio de editais publicados duas vezes ao ano, ocorrem as modalidades de Bolsa Auxílio voltadas a cobrir despesas essenciais, entre elas a alimentação e a moradia.

O Auxílio Alimentação tem por finalidade complementar os gastos diários, destinado a estudantes de cursos de Graduação, tanto presenciais quanto EAD, desde que comprovada a vulnerabilidade socioeconômica.

O Auxílio Moradia, por sua vez, constitui uma ferramenta para estudantes que deixam sua cidade natal para ingressar em um dos *campus* da universidade. Direcionado exclusivamente a acadêmicos de cursos presenciais que residem em município diferente daquele de origem de seus pais ou responsáveis, ele contribui para amortecer custos de aluguel e impede que o deslocamento geográfico se transforme em obstáculo ou motivo para evasão.

Ao aderir ao programa, o estudante assume um compromisso com a continuidade de sua trajetória formativa, garantindo frequência e desempenho mínimos para permanecer no auxílio. Essa exigência possui caráter pedagógico e reforça a ideia de que a permanência é um projeto compartilhado, no qual instituição e estudante assumem responsabilidades complementares na construção do percurso acadêmico.

7.6. ESTÁGIOS REMUNERADOS: ENTRE RENDA E FORMAÇÃO

Parte significativa da experiência acadêmica se constrói na articulação entre formação e inserção em atividades institucionais. Nesse contexto, o Programa de Estágio Remunerado Não Obrigatório amplia a rede de apoio material e formativa. Os estágios internos, coordenados pela Pró-Reitoria de Administração (PRAD), integram o estudante às atividades administrativas, técnicas e acadêmicas da instituição, permitindo a aplicação prática dos conhecimentos adquiridos e oferecendo remuneração mensal.

Paralelamente, convênios com prefeituras municipais possibilitam estágios em diferentes secretarias públicas, expandindo as oportunidades para cursos de Arquitetura e

Urbanismo, Ciências da Computação, Engenharia de Produção Agroindustrial, Engenharia de Alimentos, Direito e Matemática. Nesses casos, a seleção frequentemente utiliza o Coeficiente de Rendimento Acadêmico (CRA) como critério de mérito, estimulando um movimento virtuoso entre desempenho e oportunidade.

7.7. AUXÍLIO EVENTO E AMPLIAÇÃO DA EXPERIÊNCIA UNIVERSITÁRIA

A experiência universitária se amplia quando o estudante circula por espaços de produção e partilha do conhecimento. Congressos, seminários e encontros científicos constituem momentos de diálogo, nos quais diferentes vozes, pesquisas e experiências se encontram. Nesses ambientes, o estudante passa a reconhecer-se parte ativa da comunidade acadêmica, ampliando horizontes intelectuais e fortalecendo sua trajetória formativa.

A participação nesses espaços muitas vezes se torna possível por meio de políticas institucionais de apoio estudantil. O acesso a esses programas expressa reconhecimento institucional e reafirma ao estudante que sua presença na universidade importa, aproximando-se daquilo que Freire (1994) compreende como processo de humanização, no qual se fortalecem a autonomia, a consciência crítica e a esperança. Compreender o alcance dessas políticas significa perceber a potência transformadora da universidade pública, espaço no qual trajetórias são reinventadas e novas possibilidades de vida se tornam possíveis.

7.8. BOLSAS ACADÊMICAS E INSERÇÃO NA VIDA UNIVERSITÁRIA

Programas de bolsas vinculados ao ensino, à pesquisa e à extensão ampliam as possibilidades de envolvimento acadêmico e aproximam o estudante das diferentes formas de construção do saber presentes no ambiente universitário.

Entre essas iniciativas destaca-se o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), que possibilita ao estudante integrar projetos de pesquisa orientados por professores da universidade. A participação nessas investigações favorece o desenvolvimento de habilidades analíticas, o contato com métodos científicos e a inserção do estudante nos processos de produção do conhecimento em sua área de formação. A iniciação científica amplia, assim, a compreensão de que o saber acadêmico se constrói por meio da investigação sistemática e do diálogo entre diferentes perspectivas teóricas.

Outra iniciativa relevante é o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), voltado especialmente aos estudantes das licenciaturas. O programa promove a aproximação entre universidade e escola básica, permitindo que os licenciandos desenvolvam práticas pedagógicas em contextos reais de ensino. Ao participar dessas atividades, o estudante passa a compreender a docência como campo de reflexão e prática, no qual teoria e experiência se articulam na construção do conhecimento educativo.

Nesse conjunto inserem-se as bolsas de extensão, que estabelecem pontes entre universidade e sociedade. Por meio de projetos extensionistas, os estudantes participam de ações que envolvem educação, cultura, desenvolvimento regional e cidadania.

No contexto da UNEMAT, destaca-se ainda a participação no Programa FOCCO (Formação de Células Cooperativas), que incentiva o trabalho coletivo entre estudantes e promove experiências formativas baseadas na cooperação, no protagonismo estudantil e na construção compartilhada de soluções para desafios acadêmicos e profissionais.

Somam-se a essas iniciativas os convênios estabelecidos entre a universidade e instituições públicas e privadas. Esses acordos possibilitam a oferta de bolsas e estágios que aproximam o estudante das demandas do território, fortalecendo a relação entre formação acadêmica e realidade regional.

7.9. POLÍTICAS DE FOMENTO À PESQUISA E PERMANÊNCIA ACADÊMICA

A formação acadêmica e científica nas universidades públicas brasileiras se organiza em estreita relação com políticas nacionais e estaduais de fomento à pesquisa. Conforme aponta Schwartzman (2001), a consolidação de uma comunidade científica nacional depende diretamente da existência de espaços institucionais e mecanismos de financiamento que deem suporte ao pesquisador. Nesse sentido, as agências públicas de financiamento atuam na concessão de bolsas que permitem a dedicação às atividades de investigação, produção científica e formação avançada.

No âmbito nacional, destaca-se o Programa de Demanda Social (DS) da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), instituído pela Portaria nº 76/2010 (BRASIL, 2010). O programa tem como finalidade apoiar programas de Pós-Graduação *stricto sensu* por meio da concessão de bolsas de mestrado e doutorado destinadas a estudantes regularmente matriculados em cursos avaliados pela CAPES. Além de contribuir para a

formação de pesquisadores, o programa busca assegurar condições materiais mínimas para que o estudante se dedique às atividades acadêmicas e científicas.

No âmbito estadual, a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Mato Grosso (FAPEMAT) desempenha papel relevante no fortalecimento da formação científica e na ampliação das condições de permanência estudantil. Criada pela Lei Complementar nº 297/2008 (MATO GROSSO, 2008), a fundação atua no financiamento de projetos de pesquisa e na concessão de bolsas destinadas tanto à graduação quanto à Pós-Graduação.

Por meio de programas de iniciação científica, bolsas de mestrado e doutorado e editais de apoio à pesquisa, a FAPEMAT contribui para a consolidação da produção científica no estado e para a formação de novos pesquisadores. Essas bolsas possibilitam que estudantes participem de projetos de investigação científica e ampliem sua inserção no campo acadêmico, fortalecendo o vínculo entre ensino, pesquisa e desenvolvimento regional.

Nesse contexto, as políticas de fomento à pesquisa assumem dupla função. De um lado, sustentam materialmente a trajetória acadêmica de estudantes que, muitas vezes, enfrentam limitações econômicas para permanecer na universidade. De outro, contribuem para a produção de conhecimento científico e para a formação de profissionais qualificados capazes de atuar na transformação social e no desenvolvimento regional.

Assim, ao lado dos auxílios estudantis, dos programas de estágio e das bolsas acadêmicas, as políticas de financiamento científico integram o conjunto de estratégias que tornam possível a permanência universitária. Elas revelam que a universidade pública se sustenta em uma rede mais ampla de políticas educacionais e científicas, responsáveis por viabilizar a continuidade e a consolidação das trajetórias formativas.

SEÇÃO 8

8. DO PROJETO À PRÁXIS: A ARQUITETURA HUMANISTA NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL

Além da observação etnográfica e das entrevistas realizadas com os estudantes, procedeu-se à análise documental do Projeto Pedagógico do Curso (PPC) de Arquitetura e Urbanismo da Universidade do Estado de Mato Grosso, *campus* de Barra do Bugres - MT. A análise assumiu caráter interpretativo, orientada pela busca de compreensão dos princípios formativos, valores institucionais e concepções de Arquitetura e Urbanismo enunciadas no documento. Mais do que identificar termos recorrentes, o objetivo consistiu em tensionar o discurso normativo do PPC com as experiências observadas no território, especialmente no que se refere à função social da arquitetura, à dimensão ética da atuação profissional e à inserção regional da universidade.

8.1. ENTRE A INTENÇÃO FORMATIVA E A EXPERIÊNCIA DO TERRITÓRIO

O Projeto Pedagógico do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade do Estado de Mato Grosso, aprovado pela Resolução CONEPE nº 17/2019, delineia uma formação orientada por responsabilidade ética, leitura crítica da realidade e compreensão das dimensões culturais, ambientais e regionais que atravessam o território mato-grossense. O perfil de egresso descrito no documento anuncia um profissional capaz de interpretar contextos, reconhecer especificidades locais e atuar com sensibilidade social diante das transformações do espaço.

A partir dessa perspectiva formativa, a arquitetura é compreendida enquanto prática situada, inseparável das condições históricas, culturais e sociais nas quais se insere. Ao articular teoria e prática, inserção urbana e função social da profissão, o PPC evidencia que o espaço construído participa da organização da vida coletiva. Projetar, nesse sentido, implica compreender relações, reconhecer modos de vida e considerar as experiências que dão sentido ao habitar.

Em diálogo com essa perspectiva, a pesquisa voltou-se à compreensão do universo sociocultural dos estudantes que habitam moradias compactas em Barra do Bugres. As visitas realizadas aos residenciais e as narrativas compartilhadas pelos moradores evidenciam que o

habitar se constitui para além das dimensões físicas do espaço. Em poucos metros quadrados, os estudantes organizam rotinas de estudo, descanso, convivência e cuidado consigo mesmos. Mesas tornam-se locais de leitura e alimentação, camas assumem múltiplas funções e pequenos rearranjos cotidianos permitem que o espaço acolha expectativas de futuro.

Essas práticas revelam a capacidade humana de produzir sentido nos lugares que habitam. Cada reorganização do mobiliário, cada adaptação improvisada e cada objeto escolhido para compor o ambiente expressam formas de interpretar e recriar o espaço. O habitar, nesse contexto, configura-se como prática cultural, construída na interação entre corpo, memória, necessidades e possibilidades.

A observação desses residenciais torna visível uma tensão entre duas lógicas que atravessam a produção do espaço urbano no entorno universitário. De um lado, destaca-se a busca por viabilidade econômica e maximização do número de unidades habitacionais; de outro, emergem as necessidades concretas daqueles que vivem nesses ambientes.

A ventilação insuficiente, a ausência de áreas coletivas e a organização interna dos espaços indicam, em muitos casos, uma lógica orientada prioritariamente pelo rendimento do investimento imobiliário. O espaço passa, assim, a responder a uma racionalidade mercantil que nem sempre dialoga com a complexidade da experiência cotidiana do habitar.

Essa realidade aproxima-se da compreensão de Lefebvre (1991), para quem o espaço é produto social, constituído no entrelaçamento de relações econômicas, políticas e culturais e, ao mesmo tempo, condicionante das práticas que nele se desenvolvem. No interior das moradias compactas, as decisões projetuais interferem diretamente nos ritmos de estudo, nas possibilidades de descanso, nas formas de convivência e nas maneiras pelas quais os estudantes organizam sua permanência na universidade.

É nesse ponto de encontro entre intenção formativa e realidade vivida que a formação profissional adquire centralidade. A arquitetura, enquanto prática social, exige mais do que domínio técnico: requer a capacidade de ler o mundo antes de transformá-lo. Projetar envolve reconhecer experiências, compreender dinâmicas cotidianas e considerar que cada decisão espacial repercute na existência concreta de pessoas.

Quando orientado por essa perspectiva, o projeto passa a constituir um exercício de consciência crítica. O estudante aprende que o espaço não é neutro, mas carrega valores, organiza relações e influencia as possibilidades de viver, estudar, descansar e conviver. Freire

(1996) destaca a leitura do mundo precede a leitura da palavra, indicando que toda prática formativa exige compreender a realidade antes de transformá-la.

As moradias compactas tornam-se, nesse sentido, verdadeiros dispositivos pedagógicos. Ao mesmo tempo em que evidenciam limitações estruturais, revelam a inventividade cotidiana dos estudantes. Os rearranjos realizados pelos moradores, o deslocamento de móveis, a redefinição de usos e criação de pequenos espaços de convivência, demonstram que o habitar é sempre processo em construção. No interior dessas práticas emerge uma pedagogia nascida da experiência, que ensina a observar o espaço não apenas em sua dimensão física, mas em sua dimensão cultural.

Essa aprendizagem cotidiana dialoga diretamente com os princípios formativos presentes no PPC. Ao reconhecer o papel social da profissão e a dimensão ética da atuação do arquiteto e urbanista, o documento aponta para uma compreensão ampliada do processo projetual. A percepção espacial em suas dimensões sensoriais, psicológicas e comportamentais revela que o espaço excede a materialidade construtiva e envolve experiências, significados e relações.

As moradias compactas de Barra do Bugres oferecem um campo privilegiado para articular teoria e realidade territorial. Elementos frequentemente tratados de forma abstrata no ensino do projeto, como programa de necessidades, pré-dimensionamento, relações funcionais, antropometria e condicionantes ambientais, tornam-se mais claros quando observados no cotidiano daqueles que habitam esses espaços. A presença da universidade como agente estruturador do entorno permite ainda refletir sobre processos urbanos mais amplos, como o zoneamento, a implantação dos empreendimentos e seus impactos socioespaciais.

Quando o processo projetual se fundamenta na observação atenta das realidades locais, o aprendizado ganha outra densidade. O estudante passa a compreender que projetar envolve interpretar formas de vida, reconhecer necessidades concretas e dialogar com as práticas cotidianas das pessoas que irão ocupar os espaços concebidos.

A arquitetura alcança sentido quando se aproxima das experiências humanas. Zumthor (2006) lembra que os espaços arquitetônicos se tornam significativos quando mobilizam presença, materialidade e atmosfera. Pallasmaa (2011) reforça que o fazer arquitetônico ganha força quando atravessado pela empatia, permitindo que o espaço seja compreendido como extensão da existência humana. Norberg-Schulz (1980), ao tratar do habitar como criação de

lugares dotados de identidade e pertencimento, recorda que o espaço só se completa quando possibilita reconhecimento.

Do projeto à práxis, o deslocamento proposto nesta pesquisa assume, portanto, uma dimensão ética e interpretativa. Projetar envolve aprender a ler o território, escutar as experiências que nele se inscrevem e compreender que cada espaço desenhado se tornará cenário da vida de alguém. Quando a formação incorpora essa aproximação de modo sistemático, fortalece-se uma prática arquitetônica comprometida com a função social do espaço e com a complexidade humana do habitar.

8.2. A TRANSVERSALIDADE DO HABITAR NA FORMAÇÃO ARQUITETÔNICA

A leitura das ementas que compõem o curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade do Estado de Mato Grosso revela um aspecto significativo da proposta formativa: a formação do arquiteto constrói-se tanto pelo domínio técnico do projeto quanto pela capacidade de compreender as pessoas, os contextos e as formas de vida que atribuem significado ao espaço. O currículo delineia um percurso no qual diferentes disciplinas se entrelaçam na construção de um profissional capaz de interpretar o território e responder às necessidades de indivíduos e coletividades que nele vivem.

O diálogo entre esse horizonte formativo e a realidade observada nas moradias compactas de Barra do Bugres permite reler as disciplinas do curso à luz da experiência concreta do habitar. Nessa aproximação entre formação acadêmica e realidade territorial, tornam-se visíveis potencialidades já presentes na estrutura curricular, muitas vezes pouco exploradas no cotidiano pedagógico.

Essa aproximação evidencia a formação arquitetônica como um processo transversal no qual técnica, sensibilidade e leitura social do espaço caminham em conjunto. Ao longo desse percurso, o estudante aprende que projetar envolve interpretar o mundo vivido, reconhecer práticas culturais e compreender que cada ambiente construído se torna cenário de experiências humanas.

Nesse itinerário formativo, disciplinas como Metodologia de Pesquisa Científica e Sociologia despertam no estudante a capacidade de observar, escutar e interpretar o cotidiano. A Sociologia oferece instrumentos que permitem compreender o espaço não apenas como estrutura física, mas como resultado de relações sociais, econômicas e culturais que atravessam

o território. Casas, ruas e bairros passam a ser percebidos como expressões de formas particulares de organização da vida coletiva.

A Metodologia de Pesquisa Científica, por sua vez, aproxima o estudante da investigação e da experiência direta com a realidade. As práticas de observação de campo, entrevistas e registros do cotidiano convidam o futuro arquiteto a olhar o espaço para além das plantas e escalas técnicas. A incorporação de elementos da abordagem etnográfica favorece o desenvolvimento de uma escuta atenta, permitindo compreender que o projeto nasce do contato com aqueles que habitam o território. Nesse encontro, o espaço abstrato transforma-se em lugar vivido, marcado por histórias, expectativas e significados.

Essa aproximação com a vida cotidiana atravessa as disciplinas voltadas à representação e à expressão do espaço. Expressão e Representação, Desenho de Arquitetura e Expressão e Criação contribuem para o desenvolvimento de um olhar sensível sobre o ambiente construído. O desenho, nesse contexto, ultrapassa a função de instrumento técnico de comunicação do projeto e assume uma dimensão interpretativa.

Ao observar e representar espaços habitados, o estudante passa a perceber proporções, fluxos de circulação, gestos cotidianos e formas de apropriação do ambiente que frequentemente escapam à leitura puramente geométrica. O croqui, o desenho de observação e os exercícios de criação tornam-se meios de registrar atmosferas, usos e relações que se desenvolvem nos espaços. Assim, o desenho aproxima arquitetura e vida.

Essa sensibilidade se intensifica nas disciplinas projetuais. Ao discutir o papel social do arquiteto e a dimensão ética da profissão, essas disciplinas convidam o estudante a compreender o processo projetual como interpretação das necessidades humanas. O programa de necessidades, o pré-dimensionamento e a análise das relações funcionais passam a incorporar as práticas diárias daqueles que irão habitar o espaço projetado.

Nessa perspectiva, o projeto transforma-se em exercício de leitura do cotidiano. O estudante passa a imaginar a vida que se desenvolverá dentro do espaço concebido. Cada decisão, a posição de uma janela, a largura de um corredor ou a presença de um espaço coletivo, repercute nas maneiras de estudar, descansar, conviver e construir vínculos.

Outras disciplinas reforçam essa perspectiva ao evidenciar que a técnica também pode assumir função de cuidado. Desenho Universal, por exemplo, amplia o entendimento da acessibilidade ao reconhecer a diversidade corporal e as múltiplas formas de uso do espaço. O

ambiente construído passa a ser pensado para acolher diferentes corpos, idades e condições físicas, reafirmando o compromisso da arquitetura com inclusão e dignidade.

Na mesma direção, as disciplinas de Conforto Ambiental demonstram que ventilação, iluminação natural e qualidade acústica interferem diretamente na saúde e no bem-estar dos moradores. As condições observadas nas moradias compactas de Barra do Bugres tornam essa discussão particularmente significativa. Pequenas decisões projetuais como a orientação de uma abertura ou a circulação do ar entre os ambientes transformam profundamente a experiência cotidiana daqueles que ocupam esses espaços.

A disciplina de Tecnologia do Ambiente Construído, articulada a essa sensibilidade, possibilita compreender a construção como processo que envolve escolhas materiais, eficiência energética e adequação ao contexto climático. Nesse ponto, a técnica atua como mediadora entre estrutura construtiva e qualidade do habitar, permitindo que soluções arquitetônicas dialoguem com as condições ambientais e com as necessidades humanas.

A dimensão cultural do espaço torna-se ainda mais evidente em disciplinas como Estética e História da Arte. Nelas, o estudante entra em contato com diferentes expressões arquitetônicas produzidas ao longo do tempo e em distintos contextos culturais. Esse percurso permite compreender que toda arquitetura carrega valores simbólicos e expressa modos particulares de habitar o mundo.

O estudo de obras e tradições arquitetônicas revela que cada sociedade organiza o espaço segundo suas próprias formas de viver, celebrar, trabalhar e conviver. Essa leitura amplia a consciência crítica diante de soluções arquitetônicas padronizadas que desconsideram identidades culturais e especificidades territoriais.

A ampliação do olhar para a escala urbana ocorre nas disciplinas de Planejamento Urbano e Regional, Projeto de Urbanismo e Arquitetura da Paisagem. Nesse campo, o habitar expande os limites da unidade habitacional e passa a ser compreendido na dimensão da cidade. O ambiente urbano organiza relações de vizinhança, deslocamentos, encontros e pertencimento.

No entorno da universidade, a expansão de residenciais destinados ao público estudantil evidencia que decisões urbanísticas impactam diretamente a vida acadêmica. A ausência de áreas coletivas, o adensamento excessivo e a organização espacial guiada prioritariamente pela rentabilidade imobiliária revelam desafios que exigem leituras mais sensíveis da experiência urbana.

Nas etapas finais do curso, disciplinas como Interpretações e Análises em Arquitetura e o Trabalho de Conclusão de Curso oferecem espaço para a síntese desse percurso formativo. Nesse momento, o estudante reúne instrumentos adquiridos ao longo da formação e passa a articular investigação, domínio técnico e compreensão social do território.

O projeto surge, então, como resultado de um processo que integra escuta, observação, análise e proposição. Nesse momento, a práxis se manifesta na articulação entre reflexão crítica e ação transformadora, permitindo que o estudante desenvolva respostas arquitetônicas conectadas às necessidades reais das comunidades.

Sob essa perspectiva, a formação humanista em arquitetura amplia o alcance da técnica ao situá-la no interior da experiência humana do habitar. As ferramentas projetuais, construtivas e urbanísticas permanecem fundamentais, porém, orientadas por uma compreensão mais profunda da vida que ocupa o espaço. O arquiteto aprende que cada decisão espacial repercute na experiência de pessoas reais, marcadas por histórias, expectativas e necessidades singulares.

Dessa forma, o PPC da UNEMAT apresenta uma estrutura formativa capaz de articular conhecimento técnico e compromisso social. O diálogo entre as disciplinas e a realidade territorial aproxima a formação acadêmica de sua finalidade mais ampla: formar profissionais capazes de projetar espaços que acolham a vida, respeitem a diversidade cultural e promovam dignidade no habitar.

8.3. ENTRE A FORMA E O IMAGINÁRIO DO HABITAR: QUANDO A ARQUITETURA DEIXA DE ESCUTAR

Quando a linguagem arquitetônica se impõe antes da escuta, o projeto deixa de ser um mediador entre espaço e vida cotidiana e passa a reproduzir repertórios que nem sempre dialogam com a experiência cultural daqueles que irão habitar o lugar. Nessa condição, o projeto arquitetônico tende a responder prioritariamente a modelos estéticos previamente consolidados, muitas vezes desvinculados da memória, das referências culturais e das expectativas simbólicas do morador.

A arquitetura, entretanto, envolve dimensões que vão além da organização técnica do espaço. Ela se relaciona com os imaginários construídos ao longo da vida das pessoas. Cada indivíduo carrega consigo referências de casas, paisagens e ambientes que fazem parte de sua memória afetiva. Essas referências não são apenas visuais; elas incorporam modos de vida, relações familiares, experiências territoriais e formas de pertencimento.

Nesse sentido, o espaço deixa de ser cenário físico e passa a adquirir significado na medida em que é vivido e reconhecido pelas pessoas que o habitam. Na perspectiva de Tuan (2012), é nesse processo que o espaço se transforma em lugar, pois o conhecimento, a experiência e o valor afetivo atribuídos ao ambiente produzem aquilo que o autor denomina “topofilia”, o vínculo emocional estabelecido entre o ser humano e o espaço vivido.

É justamente quando essa dimensão afetiva do espaço não é considerada que surgem tensões entre o projeto arquitetônico e as formas de viver e perceber o habitar. Um episódio recente permite observar essa situação de forma exemplar. O cantor brasileiro João Gomes relatou, em entrevista ao podcast Prosa do Sertanejeiro (2025), a dificuldade encontrada ao tentar construir sua residência em um condomínio de alto padrão localizado no estado de Pernambuco.

Ao relatar sua experiência, o cantor explica que encontrou dificuldades para transformar suas referências em projeto arquitetônico dentro do condomínio. Em suas palavras: “comprei terreno, e na hora de fazer a casa não deu certo. Porque as casas que eu achava bonito era a de sertão, era aqueles casarão grande, de alpendre, e ninguém queria fazer essas casa no condomínio de Alphaville”. O artista adquiriu dois terrenos com a intenção de construir a casa onde viveria com sua esposa e filho, projeto que representava a realização de um desejo ligado às suas referências culturais.

A casa imaginada pelo cantor não se vinculava à estética dominante das residências contemporâneas presentes em condomínios de luxo. Sua referência aproximava-se das casas tradicionais do sertão nordestino, especialmente das antigas casas de fazenda, caracterizadas por volumetrias amplas, paredes espessas e alpendres generosos que se estendem ao longo da fachada. Nesses espaços, a transição entre interior e exterior ocorre de forma fluida, permitindo que a vida se desenvolva em contato direto com a paisagem.

A presença de áreas sombreadas, a ventilação natural e a abertura para o entorno revelam uma arquitetura orientada pelo clima e pelos modos de viver, na qual o tempo desacelera e a casa se organiza em torno do convívio. Essas construções permanecem vivas nas lembranças e experiências de pessoas que viveram em contextos rurais, expressando formas de habitar marcadas por convivência familiar, relação com a natureza e permanência nos espaços externos da residência.

Segundo o relato, as propostas arquitetônicas apresentadas seguiam uma lógica distinta daquela imaginada pelo futuro morador. Os projetos privilegiavam uma estética contemporânea

marcada por volumes geométricos simplificados com predominância de formas ortogonais. O cantor descreve essa situação da seguinte forma: “só queriam fazer as casas quadradas. Ninguém estava sabendo fazer a casa do jeito que eu quero. Tive que pagar a arquiteta, e o terreno está lá até agora, são dois, um do lado do outro”.

O episódio evidencia um descompasso entre referências culturais e as linguagens arquitetônicas disponíveis no contexto do condomínio. De um lado, emergem formas de habitar vinculadas à experiência rural nordestina, atravessadas por memória, convivência e relação com o lugar; de outro, predominam modelos arquitetônicos associados a uma estética contemporânea amplamente difundida no mercado imobiliário de alto padrão, nem sempre capazes de acolher essas referências.

Quando o processo projetual consegue dialogar com essas dimensões simbólicas, o projeto passa a atuar como mediação entre referências culturais e a materialidade do espaço construído. A situação descrita evidencia a importância dessa escuta na prática arquitetônica e permite refletir sobre um aspecto central da formação profissional. Conforme argumenta Santos (2006), quando a técnica se distancia da experiência humana, o espaço corre o risco de tornar-se um receptáculo esvaziado de sentido.

Projetar envolve interpretar as formas de vida que irão ocupar o espaço. O processo projetual começa antes do desenho e exige escuta, observação e compreensão das referências culturais presentes na experiência do futuro morador. A arquitetura que se aproxima da vida cotidiana reconhece que cada casa carrega uma história possível.

O arquiteto, nesse sentido, é um intérprete dessas relações. O relato de João Gomes evidencia a importância do diálogo com o universo simbólico de quem irá habitar o espaço. A arquitetura amplia sua capacidade de traduzir expectativas culturais e experiências de vida.

Esse episódio retoma uma questão central para a reflexão proposta nesta dissertação: a formação em arquitetura e urbanismo prepara o futuro profissional para ouvir e interpretar os imaginários de habitar presentes na vida das pessoas? Ou privilegia repertórios previamente estabelecidos? A resposta a essa pergunta se encontra no próprio percurso formativo discutido nas seções anteriores.

Quando o ensino da arquitetura incorpora a escuta, a observação do cotidiano e uma leitura sensível do contexto, o projeto passa a considerar que cada espaço será vivido por pessoas que carregam histórias, referências culturais e modos próprios de habitar. Ao acolher essas dimensões, deixa de ser apenas construção e torna-se lugar de reconhecimento e

pertencimento. Para Pallasmaa (2011), a arquitetura ganha sentido quando se aproxima da experiência humana e se torna extensão da própria existência.

SEÇÃO 9

9. O HORIZONTE DO VOO: CONSIDERAÇÕES FINAIS E NOVOS CAMINHOS

Encerrar esta dissertação significa revisitar o percurso que a originou e relembrar as caminhadas pelo entorno da universidade, os gestos cotidianos que, discretamente, revelavam modos de viver e estratégias de permanência. Compreender as moradias compactas exigiu ir além da materialidade das paredes e aproximar-se das experiências de quem as habita. Cada narrativa abriu uma janela para o universo desses estudantes e iluminou processos de adaptação, negociação e produção de sentido.

Os resultados mostram que o habitar, no contexto estudado, se constrói nas relações que amparam quem chega à cidades e encontra, na universidade, um campo de novas oportunidades. Freire (1994) lembra que ninguém se forma sozinho, e as histórias analisadas reiteram essa dimensão coletiva, evidenciando redes de solidariedade, partilhas e gestos cotidianos que sustentam a vida, marcada por limites materiais e desejo de seguir em frente.

A essência do habitar reside na capacidade humana de atribuir alma ao espaço. Ao analisarmos a vida estudantil, percebemos que a moradia compacta deixa de ser uma medida técnica para se tornar uma extensão do próprio ser. Nesse território íntimo, o estudante projeta sua história e suas aspirações, fazendo do espaço vivido o alicerce necessário para a permanência e evolução no ensino superior.

Contudo, a jornada desses estudantes é marcada por um paradoxo. Embora o valor do aluguel em Barra do Bugres não seja elevado em comparação a grandes centros, essa aparente vantagem econômica é rapidamente anulada pela escassez de postos de trabalho e estágios na cidade. O que se revela, então, é uma vulnerabilidade persistente: o acesso à moradia se mostra possível, mas a sustentação da vida que se organiza em seu interior permanece incerta. As narrativas dos estudantes apontam a falta de oportunidades de emprego como fator determinante para o afastamento da universidade.

Sem redes de trabalho local, manter-se na universidade torna-se insustentável, forçando muitos alunos a desistirem de seus cursos e de seus projetos acadêmicos por não conseguirem garantir o básico para a subsistência. A evasão universitária em Barra do Bugres se articula

diretamente a esse deserto de oportunidades, revelando as dificuldades de assegurar condições dignas de existência durante a formação acadêmica.

A assistência estudantil oferecida pela universidade assume papel decisivo na sustentação das trajetórias acadêmicas. As narrativas evidenciam que bolsas e auxílios criam condições para a organização do cotidiano universitário, somando-se ao esforço das famílias que, dentro de suas possibilidades, contribuem para a manutenção dos filhos na cidade. O amparo institucional representa, para muitos estudantes, a estabilidade necessária para seguir seus percursos acadêmicos com maior segurança.

Além das limitações econômicas, as dimensões sensíveis da cidade assumem papel decisivo na permanência estudantil. A qualidade da vida urbana, especialmente no que se refere aos espaços de convivência e lazer, influencia diretamente o vínculo dos estudantes com o lugar. A carência de ambientes públicos qualificados para caminhar, distrair-se ou simplesmente contemplar o tempo livre aparece nos relatos como um fator de desânimo, que por vezes motiva a transferência para outros *campi* ou cidades que oferecem maior diversidade de vivências.

O habitar acadêmico, assim, extrapola os limites da moradia e se projeta nas ruas, praças e espaços de convivência. Quando a cidade não oferece pausas e refúgios para o corpo e a mente, o vínculo com o lugar se fragiliza, tensionando a própria continuidade da trajetória universitária. A presença de espaços públicos capazes de acolher o cotidiano estudantil contribui para fortalecer relações, favorecer a sensação de acolhimento e ampliar a qualidade da experiência universitária.

A presença da Universidade do Estado de Mato Grosso em Barra do Bugres ultrapassa os limites institucionais e se inscreve no cotidiano do município, atravessando relações, deslocamentos e modos de vida. Ao chegarem à cidade, os estudantes ocupam o espaço, participam do comércio, utilizam serviços, constroem vínculos e deixam marcas que reconfiguram o lugar. A cidade, por sua vez, passa a ser tensionada por essa presença, reorganizando seus ritmos e formas de convivência.

Nesse cenário, o entorno da universidade deixa de ser um mero ponto de passagem e se revela um espaço de experiência, onde, entre limites e possibilidades, os estudantes reinventam o cotidiano e produzem modos próprios de sustentar sua trajetória acadêmica e urbana.

Para além da adaptação, os estudantes desenvolvem formas admiráveis de organização e compartilhamento de recursos. O universo sociocultural observado nesta pesquisa é pulsante e criativo: as moradias compactas são continuamente recriadas por meio de práticas cotidianas,

nas quais os estudantes assumem uma postura *bricoleur*. Móveis são ressignificados, objetos circulam entre colegas e a sustentabilidade material se estabelece em redes de troca, como os chamados “pregões universitários”, nos quais a compra, venda e partilha de itens fortalecem vínculos e ampliam as possibilidades de continuidade na universidade.

Essas práticas revelam uma inteligência situada, na qual criatividade e cooperação permitem reorganizar o espaço e enfrentar limitações materiais. Nas moradias, cada rearranjo expressa tentativas de tornar o ambiente habitável diante das exigências do cotidiano.

É nesse movimento que a questão que orientou esta dissertação encontra sua resposta. O habitar, para os estudantes das moradias compactas, se configura como uma experiência que articula dimensões materiais, sociais e simbólicas. Trata-se de um processo de produção de sentidos, no qual os modos de viver se reorganizam continuamente entre limites e invenções da experiência vivida.

Os caminhos percorridos ao longo deste trabalho permitem afirmar que o objetivo proposto se concretiza na compreensão de que o habitar se constrói na articulação entre condições materiais, relações sociais e dimensões afetivas. No cotidiano, pequenos gestos de organização, trocas entre colegas e adaptações transformam o espaço em lugar, evidenciando que a continuidade na universidade se sustenta em práticas concretas e redes de apoio. O habitar, assim, se configura como dimensão central na sustentação da trajetória acadêmica.

As contribuições deste trabalho se manifestam em diferentes dimensões. No contexto local, lança-se luz sobre uma realidade que, embora presente no cotidiano de Barra do Bugres, nas ruas próximas à universidade, nos residenciais que se multiplicam em seu entorno e nos fluxos diários de estudantes, raramente recebe atenção: as condições de moradia e sua relação direta com a continuidade no ensino superior. Ao evidenciar desafios ligados à escassez de oportunidades de trabalho e à qualidade da vida urbana, o estudo amplia o debate sobre a necessidade de políticas públicas e institucionais que considerem a permanência estudantil para além do acesso à universidade.

Ao reconhecer as moradias compactas como espaços de produção de saberes, vínculos e estratégias de sobrevivência, o estudo contribui para ampliar o olhar sobre a habitação, para além de sua dimensão técnica. Essa leitura permite considerar as dimensões sociais, culturais e afetivas que atravessam esses espaços e que, muitas vezes, permanecem invisibilizadas. Essa compreensão abre caminhos tanto para reflexões no campo da Arquitetura e Urbanismo quanto para ações institucionais voltadas à melhoria das condições de vida estudantil.

Sob essa compreensão, as reflexões aqui reunidas apontam para a necessidade de abordagens projetuais mais sensíveis às experiências socioculturais do habitar. Ao evidenciar o distanciamento entre a rigidez das estruturas físicas e a fluidez das experiências vividas, o estudo amplia o debate sobre a formação em Arquitetura e Urbanismo, aproximando-se de perspectivas voltadas a uma Arquitetura Humanista, capaz de reconhecer as dinâmicas cotidianas, os vínculos afetivos e os modos de vida presentes nos espaços habitados.

Projetar para o estudante universitário exige, portanto, ir além do domínio técnico e normativo, compreendendo que o desenho do espaço deve acolher a vida em sua complexidade, favorecendo relações mais humanas e dignas com o habitar.

Essa compreensão permite reconhecer que a experiência universitária se constrói para além do interior das moradias e dos edifícios institucionais, articulando-se às relações estabelecidas entre universidade, cidade e território. O habitar estudantil se prolonga nos espaços urbanos, nos encontros cotidianos e nas possibilidades de circulação, convivência e participação na vida da cidade.

A permanência no ensino superior revela-se, assim, fortalecida por essas relações. Em Barra do Bugres, reconhecer os estudantes como sujeitos ativos da dinâmica urbana significa compreender que sua presença mobiliza trocas, saberes e modos de viver. Iniciativas de integração, ações culturais, feiras científicas e projetos de extensão, articulados às escolas da educação básica, configuram espaços de encontro e circulação de conhecimentos, nos quais diferentes experiências se aproximam e se transformam.

A partir dessas conexões, forma-se uma rede viva de colaboração que amplia o pertencimento e sustenta, em múltiplos níveis, os processos educativos. Ao apresentar a universidade como espaço acessível, possível e desejável, essas ações ampliam possibilidades, despertam interesses e aproximam novas gerações do ensino superior. Mais do que divulgar cursos, esse movimento permite que a universidade se torne uma presença viva e pulsante no cotidiano local, fortalecendo pontes de afetividade, conhecimento e pertencimento entre instituição, cidade e comunidade.

Os percursos trilhados ao longo desta pesquisa abrem possibilidades para futuras investigações. Estudos podem ampliar a compreensão das relações entre habitar, universidade e cidade, analisando de que maneira a presença universitária transforma os espaços urbanos, movimenta a economia local e atravessa práticas culturais nos municípios que acolhem instituições públicas de ensino superior.

Na mesma direção, torna-se fecundo investigar as estratégias cotidianas desenvolvidas pelos estudantes nas moradias compactas, especialmente aquelas relacionadas à economia doméstica, à reorganização espacial e às formas de compartilhamento de recursos, reconhecendo os saberes produzidos nas experiências do cotidiano e nas soluções construídas diante das exigências da vida universitária.

Mostram-se igualmente relevantes pesquisas que acompanhem as trajetórias acadêmicas ao longo do tempo, buscando compreender os fatores materiais, afetivos e simbólicos que favorecem ou dificultam a continuidade das trajetórias acadêmicas, assim como as percepções da população local sobre a universidade e seus impactos no território. Ao ampliar os olhares sobre os estudantes, essas investigações contribuem para reconhecê-los como sujeitos que produzem formas próprias de habitar, aprender e construir seus percursos universitários.

Esta pesquisa evidencia que a permanência universitária se constrói nas experiências, relações e condições de vida produzidas no espaço vivido. O cotidiano das moradias compactas revelou experiências muitas vezes silenciadas na vida universitária, ampliando o debate sobre acesso, permanência e urbanidade nos contextos de expansão do ensino superior para o interior.

Essa compreensão aponta para a necessidade de fortalecer os vínculos entre universidade e cidade, reconhecendo que a permanência estudantil se constrói na articulação entre esses espaços. Quando o território acolhe os estudantes e se organiza em diálogo com a universidade, ele deixa de ser apenas cenário e passa a atuar como parte ativa das trajetórias acadêmicas, sustentando o pertencimento e a dignidade no habitar.

Ao final desta travessia, permanece a compreensão de que habitar envolve produzir pertencimento, construir vínculos e reinventar cotidianamente maneiras de permanecer no mundo. Nas moradias compactas observadas nesta pesquisa, encontrei espaços reduzidos em tamanho, mas imensos em humanidade. Entre afetos, improvisos, silêncios, memórias e esperanças, os estudantes transformam o espaço vivido em território de existência e continuidade.

O voo, nesse horizonte, revela-se como movimento de persistência e transformação, sustentado pelos vínculos construídos no cotidiano e pela esperança que impulsiona a continuidade. Esta dissertação, portanto, não encerra um caminho. Ela permanece aberta, atravessada por novos olhares, novas escutas e pela certeza de que, mesmo nos menores espaços, a vida continua encontrando formas de florescer.

REFERÊNCIAS

ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas. NBR 15575: **Edificações habitacionais** — Desempenho. Rio de Janeiro: ABNT, 2021.

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho.** 3. ed. São Paulo: Boitempo, 2009.

BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço.** São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BARRA DO BUGRES. Câmara Municipal. **Economia.** Disponível em: https://barradobugres.mt.leg.br/municipio/economia. Acesso em: 5 nov. 2025.

BARTH, Fernando; VEFAGO, Luiz Henrique; VASCONCELOS, Cláudia. Qualidade habitacional em habitações compactas: uma avaliação baseada em normas técnicas brasileiras. **Revista Mix Sustentável**, Florianópolis, v. 4, pág. 11-20, 2017. Disponível em: https://ojs.sites.ufsc.br/index.php/mixsustentavel/article/view/1869 . Acesso em: 10 mar.2025.

BASTOS, Liliana Cabral; BIAR, Liana de Andrade. **Análise de narrativa e práticas de entendimento da vida social.** DELTA, São Paulo, v. 31, n. especial, p. 97-126, ago. 2015.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BOURDIEU, Pierre. **O senso prático.** Petrópolis: Vozes, 2009.

BRASIL. **Farmacopeia Brasileira.** 3.ed. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1977.

BRASIL. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). **Portaria nº 76, de 14 de abril de 2010**. Regulamento do Programa de Demanda Social (DS). Brasília, DF: CAPES, 2010. Disponível em: https://www.gov.br/capes. Acesso em: 8 mar. 2026.

BRASIL. Lei n. 8.245, de 18 de outubro de 1991. **Dispõe sobre as locações dos imóveis urbanos e os procedimentos a elas pertinentes**. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 21 out. 1991. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8245.htm . Acesso em: 11 nov. 2025.

BRAUNECK, Holger. **O projeto da moradia: uma introdução ao projeto arquitetônico.** São Paulo: Projeto, 1991.

CLANDININ, D. J.; CONNELLY, F. M. **Pesquisa Narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa**. 2. ed. rev. Tradução: GPNEP. Uberlândia, MG: EDUFU, 2011.

COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO. **Nosso futuro comum.** Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1992.

COREZOMAÉ, Márcio Monzilar. Narrativa de origem do povo indígena Balatiponé-Umutina – ressignificação e traços de hibridismo. **Revista Ecos**, Cáceres, v. 23, n. 2, 2017.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O Espaço Urbano**. 4. ed. São Paulo: Editora Ática, 2005.

D'AMBROSIO, Ubiratan. **Etnomatemática: elo entre as tradições e a modernidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

D'AMBROSIO, Ubiratan. **Educação para uma sociedade em transição.** Campinas: Papirus, 2014.

DALCIN, Andréia; SILVA, Adailton Alves da; SANTOS, Vinícius Machado Pereira dos (orgs.). **Memórias do Curso de Licenciatura em Matemática da UNEMAT de Barra do Bugres.** Cuiabá: KCM, 2012. 132 p.

EARLS, Michael**.** O calendário e a paisagem andina: a cosmovisão do Qhapaq Ñan. **Horizontes Latino-Americanos**, Michigan, p. 45-67, 1998.

ERIKSON, Erik Homburger. **Identidade: juventude e crise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa.** Porto Alegre: Artmed, 2009.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 40. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GATTI, Bernardete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em Ciências sociais e humanas.** Brasília: Líber Livro 2005.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GEHL, Jan. **Cidades para pessoas.** 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4ª. ed. – São Paulo: Atlas S/A. 2002.

HABRAKEN, Nicolaas John. **A estrutura do cotidiano: a capacidade das pessoas de moldar seu ambiente.** São Paulo: Edusp, 2000.

HEIDEGGER, Martin. Construir, habitar, pensar. In: **A arte de construir**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. **Povo *Umutina*.** Brasília: ISA, 2025. Disponível em: https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Balatipon%C3%A9_(*Umutina*). Acesso em: 7 nov. 2025.

KINCHELOE, Joe Lyons. D**escribing the bricolage: conceptualizing a new rigor in qualitative research**. Qualitative Inquiry, v. 7, n. 6, p. 679–692, 2001.

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço.** Tradução de Mônica C. da Silva e Sérgio S. Martins. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem.** São Paulo, Edusp, 1970.

LOPES, José Nunes. **Plantas medicinais no Mato Grosso: poaia e seus usos tradicionais**. Revista Brasileira de Farmacognosia, Curitiba, v. 2, pág. 120-128, 2005.

MANZINI, Eduardo José. **Entrevista semiestruturada: análise e modalidade.** Cadernos de Pesquisa em Educação, Vitória, v. 1, n. 2, p. 8-26, 2004.

MASSANO-CARDOSO, Ilda; FIGUEIREDO, Sofia C.; GALHARDO, Ana. Ansiedade, depressão e stress em estudantes universitários deslocados da sua residência. Revista Portuguesa de Investigação Comportamental e Social, Coimbra, v. 10, n. 2, p. 1-15, 2024. Disponível em: https://repositorio.ismt.pt/bitstreams/aa6e913c-35fb-47a4-ae01-1cdc28d4cc3b/download. Acesso em: 12 set. 2025.

MATO GROSSO. **Lei nº 7.389, de 11 de janeiro de 2001.** Denomina "Deputado Estadual René Barbour" o *Campus* Universitário de Barra do Bugres da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT. Cuiabá: Assembleia Legislativa do Estado de Mato Grosso, 2001.

MATO GROSSO. **Lei Complementar nº 297, de 11 de janeiro de 2008**. Dispõe sobre a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Mato Grosso - FAPEMAT, e dá outras providências. Cuiabá, MT: Assembleia Legislativa do Estado de Mato Grosso, 2008. Disponível em: https://www.al.mt.gov.br. Acesso em: 8 mar. 2026.

MATTOS, Patrícia Esteves de; FERREIRA, Adriano de Paula. Redes de apoio e as relações sociais: reflexões a partir de uma abordagem psicossocial. **Psicologia & Sociedade**, v. 34, e024008, 2022. Disponível em: https://www.scielo.br/j/psoc/a/F48ftw97JR4H3xmbFVV9VRC/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 3 set. 2024.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. 29ª ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

MORAIS, Fernando de Oliveira. **O quartinho: a dependência doméstica na habitação multifamiliar na cidade de João Pessoa (PB) no século XXI**. 2017. 138 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Centro de Tecnologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/12719. Acesso em: 10 mar 2025.

NEUFERT, Ernst. **Arte de projetar em arquitetura.** 18. ed. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

NORBERG-SCHULZ, Christian. **O Fenômeno do lugar**. In: NESBITT, Kate (org.). Uma Nova Agenda para a Arquitetura. Antologia Teórica 1965-1995. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

OLIVEIRA, Carlos Edinei de. **Famílias e natureza: as relações entre as famílias e o ambiente na construção da colonização de Tangará da Serra – MT**. 2002. 170f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2002.

PALLASMAA, Juhani. **Os olhos da pele: a arquitetura e os sentidos**. São Paulo: Gustavo Gili, 2011.

Prefeitura Municipal de Barra do Bugres. **História do Município**. Disponível em: https://barradobugres.mt.gov.br/o-municipio/historia/?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 3 out. 2025.

PROSA DO SERTANEJEIRO. João Gomes – **Prosa do Sertanejeiro** (Podcast completo #01). YouTube, 4 dez. 2025. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=VmDvv2hwGV4. Acesso em: 10 dez. 2025.

QEDU. Barra do Bugres: **Ideb**. São Paulo: Iede; Fundação Lemann, 2026. Disponível em: https://qedu.org.br/municipio/5101704-barra-do-bugres/ideb. Acesso em: 10 mar. 2026.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa**. Tradução de Roberto Leal Ferreira. Tomo 1. Campinas, SP: Papirus, 1994

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes.** Revista Crítica de Ciências Sociais, Coimbra, n. 78, p. 3-46, 2007.

SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1993.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SANTOS, Milton**. A Natureza do Espaço**. São Paulo: EDUSP, 2006.

SCHWARTZMAN, Simon. **Um espaço para a ciência**: **a formação da comunidade científica no Brasil.** Brasília, DF: MCT/CGEE, 2001.

SEIXAS, Raul. **Metamorfose ambulante**. Intérprete: Raul Seixas. In: Krig-ha, Bandolo!. Rio de Janeiro: Philips Records, 1973.

SENNETT, Richard**. O declínio do homem público: as tiranias da intimidade**. Tradução de Lygia Araújo Watanabe. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter: as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo**. Rio de Janeiro: Record, 2009.

SEVERINO-FILHO, João. **Marcadores de tempo Apyãwa: a solidariedade entre os povos e o ambiente que habitam.** 2015. 157 f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2015. Disponível em: https://bv.fapesp.br/pt/dissertacoes-teses/208116/marcadores-de-tempo-apyawa-a-solidariedade-entre-os-povos-e Acesso em: 3 out. 2024.

SILVA, Roberto da; SANTOS, Luiza dos. **A exploração da borracha e poaia no Oeste mato-grossense (1870-1920).** Anais do Museu Paulista, São Paulo, v. 45-67, 1998.

SQUIRE, Corinne**. O que é narrativa?** Civitas – Revista de Ciências Sociais, Porto Alegre, v. 14, n. 2, p. 270-285, maio/ago. 2014.

TUAN, Yi-Fu. **Space and place: the perspective of experienc***e*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1977.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**. Londrina: Eduel, 2012.

YAMAUCHI, Kendy. Habitação compacta como possível solução para minimizar a crise habitacional. **Revista FT**, Ciências Sociais Aplicadas, v. 28, n. 139, p. 19-20, out. 2024. Disponível em: https://revistaft.com.br/habitacao-compacta-como-possivel-solucao-para-minimizar-a-crise-habitacional/. Acesso em: 10 mar 2025.

ZUMTHOR, Peter. **Atmosferas: ambientes arquitetônicos as coisas que me rodeiam**. São Paulo: Gustavo Gili, 2006.